

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 3 de Agosto de 1995 • Preço: 150\$00 (IVA Incluído) • N.º 1130 • Director: Carlos Brito

Educação/PSD

O FIASCO da ministra

«A ministra da Educação deu uma conferência de imprensa à semelhança do que fizera há um ano, “esquecida” já do fiasco em que se traduziram as suas promessas de normalidade durante este ano escolar.»

Pág. 20

Mulheres de todo o ano

Centrais

■ Anabela Fino

Está nas nossas mãos dar a volta a isto!



CDU

A Esquerda necessária

PCP-PEV



Opções

• Artigo de Jerónimo de Sousa

Pág. 9

Notícias da Bielorrússia

• Daniel do Rosário

Pág. 13

SUPLEMENTO



VER AGENDA

Todos às jornadas de trabalho

AMORA-SIXAL
1, 2 e 3 SETEMBRO

Entrevista com Vitor Rua:
«E AGORA, VOU IMPROVISAR UM BOCADO...»

CORRIDA DA FESTA
Inscrições terminam dia 25 de Agosto

Compra já a tua EP

1 2 3

Avante!
Suplemento
3 de Agosto de 1995



Carlos Carvalho na exposição dos novos projectos para Almada

RESUMO

26
Quarta-feira

Carlos Carvalho apresenta as listas de candidatos da CDU às legislativas ■ O Indesp despede 72 técnicos com salários em atraso ■ A Confederação do Comércio Português afirma-se contra as novas regras do arrendamento comercial ■ Um soldado indonésio é ferido durante um ataque da guerrilha timorense, em Bukoli ■ O dissidente muçulmano Fikret Abdic proclama uma república no Noroeste da Bósnia, enquanto o exército croata se envolve directamente na batalha de Bihac ■ Depois do Senado dos EUA aprovar o levantamento do embargo de armas aos muçulmanos da Bósnia, Bill Clinton confirma que vetará a medida ■ Depois do atentado no Metro de Paris, a França reforça a segurança nas fronteiras e segue "pistas islâmicas e sérvias" ■ O Presidente italiano considera que a ameaça de secessão do Norte de Itália proferida por Umberto Bossi é passível de procedimento criminal ■ O Governo israelita derrota o projecto de lei sobre a entrega dos Golã.

27
Quinta-feira

O Grupo Parlamentar do PCP reúne-se com comissões de trabalhadores e dirigentes sindicais do distrito de Setúbal ■ A ministra da Educação anuncia alterações estruturais no Ensino, em especial no 12º ano ■ O Governo escolhe a empresa árabe Limar para gerir a Torralta ■ Fidel Castro afirma que o seu Governo tem provas da preparação, nos EUA, de actos de terrorismo e atentados contra dirigentes cubanos ■ A ONU reforça as suas forças na fronteira entre a Bósnia e a Croácia ■ A Rússia, o Reino Unido, a França, a Alemanha, a Sérvia e o Montenegro criticam a aprovação do Senado norte-americano ao levantamento unilateral do embargo à Bósnia ■ No Parlamento espanhol, Felipe Gonzalez anuncia eleições antecipadas para Março de 1996 e insiste na sua inocência no caso GAL ■ Umberto Bossi reafirma a ideia da independência do Norte da Itália ■ Sofia Avoila sagra-se campeã dos 5000 metros marcha no Europeu de atletismo de juniores.

28
Sexta-feira

Carlos Carvalho visita uma exposição de novos projectos urbanísticos do concelho de Almada ■ Eduardo Catroga informa a AR de que não está a fazer o Orçamento, porque isso depende das opções políticas do próximo Governo ■ O Presidente da República promulga o diploma que alarga às TVs privadas a obrigatoriedade de emissão de tempos de antena ■ O rei Hassan II garante que os interesses de Portugal ficarão salvaguardados no novo acordo de pescas entre Marrocos e a UE ■ Grupos islâmicos argelinos reivindicam a autoria do atentado no Metro de Paris ■ Nas conclusões do seu inquérito, o juiz que investiga o caso GAL julga haver indícios de delito por parte de Felipe Gonzalez e dois antigos ministros ■ O exército croata ajuda a Aliança Atlântica a travar a ofensiva sérvia sobre Bihac.

29
Sábado

Carlos Carvalho visita os mercados de Algés e Porto Salvo ■ Cinco professores universitários portugueses, convidados pelo Governo brasileiro para participar num colóquio, são impedidos de entrar no Brasil ■ Realiza-se uma manifestação na Austrália contra a participação da Indonésia nos exercícios militares Kangaroo-95, em que os manifestantes acusam Camberra de apoiar o regime de Suharto ■ Uma manifestação realizada na capital do Zaire provoca a morte de dez pessoas ■ As Nações Unidas tentam mobilizar os meios diplomáticos para impedir um alargamento do conflito à Krajina e à Croácia ■ O Ministério Público de Mântua abre um inquérito preliminar sobre Umberto Bossi.

30
Domingo

É assinado em Grozny um acordo militar entre russos e independentistas tchetchenos ■ Registam-se três atentados no Sul de Espanha ■ A Associação das Nações do Sudoeste Asiático apela ao fim dos ensaios nucleares e defende a criação de zonas livres de armas nucleares até ao ano 2000 ■ Israel lança um apelo a Damasco para que «negocie seriamente», de forma a conseguir alcançar um acordo de paz ■ Inicia-se a Volta a Portugal em Bicicleta.

31
Segunda-feira

«Os Verdes» exigem ao Governo um verdadeiro ordenamento florestal e uma imperiosa limpeza das matas ■ A Câmara de Peniche decide alargar o horário da circulação rodoviária no acesso à ilha do Baleal ■ É anunciado que o Presidente croata rejeitou «categoricamente» um acordo proposto pelos sérvios da Krajina ■ O líder dos independentistas tchetchenos recusou qualquer valor legal ao acordo militar concluído com a Rússia ■ Israel inicia o processo do pedido de extradição de um dos principais dirigentes do movimento integralista Hamas.

1
Terça-feira

Uma seita religiosa, a Igreja Universal do Reino de Deus, já proprietária, em Lisboa, do antigo cinema Império, compra o Coliseu do Porto. A Secretaria de Estado da Cultura e a Câmara da cidade afirmam-se contrárias ao uso do edifício para fins religiosos ■ Quatro activistas de organizações pró-Timor manifestam-se em Paris, acorrentando-se aos portões da embaixada australiana protestando contra a política da Austrália favorável à Indonésia ■ Isaias Gomes substitui Paulo Portas na direcção do "Independente" ■ Willy Claes garante que a NATO trará uma eventual ofensiva sérvia na Bósnia ■ O Presidente Mário Soares envia ao Tribunal Constitucional um diploma que concede ao Governo autorização para legislar sobre os tribunais administrativos.

Alternativa e diferenças

Os objectivos eleitorais do PCP e dos seus aliados na CDU têm sido expostos com linear clareza em documentos e nas intervenções dos seus dirigentes: trata-se de, nas próximas legislativas, derrotar o PSD, colocá-lo em minoria e reforçar os resultados da CDU de forma a abrir condições não apenas à constituição de um novo governo, mas de um novo governo com uma nova política.

São objectivos inteiramente exequíveis e inteiramente adequados à realidade dos factos e da vida, às efectivas necessidades do País.

Pôr termo a uma década de maioria absoluta do cavaquismo é uma gritante exigência. O controlo sobre o poder do Estado que as maiorias absolutas permitiram gerou não apenas a concretização de uma política incondicionalmente ao lado do capital e ferozmente contra quem trabalha, de uma política pautada por uma medíocre e tibia obediência aos ditames de uma integração europeia gerida por interesses estrangeiros, mas conduziu igualmente a adulterações graves do regime democrático.

A impunidade criada por uma servil maioria na Assembleia da República reduziu a quase nada o papel fiscalizador e corrector da instância parlamentar, amputou gravemente a acção do poder legislativo.

Pode mesmo afirmar-se que esta situação deu origem a fenómenos e distorções cujas consequências se poderão fazer sentir para além do próprio ocaso do cavaquismo.

A derrota do PSD, o fim das suas maiorias, é uma necessidade não apenas do desenvolvimento do País e do bem-estar dos portugueses, mas também um problema vital do próprio regime democrático, da sua defesa, do seu equilíbrio, do seu bom funcionamento.

O PCP tem sublinhado que a sua intervenção constitui um factor essencial não apenas para a mudança de governo, mas sobretudo para uma mudança de política.

A afirmação do PCP de que as políticas propostas pelo PSD e pelo PS para áreas vitais da vida nacional pouco diferem merecia há alguns meses veementes protestos vindos nomeadamente da área socialista. Hoje, parece que tais protestos carecem manifestamente de sustentação.

António Guterres multiplica-se em bem comportadas declarações que roçam por vezes o patético elogio da política cavaquista e a sombria declaração de que, por ele, fará essencialmente o mesmo. Dirigentes e candidatos socialistas - com inevitável destaque para o porta-voz económico, Manuel Beça - clarificam, com quantas letras seja necessário, que as semelhanças entre o que Cavaco fez e o que o PS se propõe fazer são de essência, impostas pelo

O editorial do «Expresso» da passada semana é verdadeiramente exemplar. Dando de barato que, de facto, é cada vez mais difícil encontrar diferenças entre o PSD e o PS, o jornal do dr. Balsemão teoriza que tal monotonia é óptima para a democracia: «... longe de ser um mal, a semelhança de pontos de vista entre dois partidos que podem ascender ao Governo constitui uma garantia de futuro!»

A teorização é de tal forma delirante, que o editorialista é forçado a colocar a pergunta: «Mas, se as coisas são assim, se a margem é tão estreita, terá algum interesse mudar de governo?»

A resposta é homérica: «*Pode haver!*» E *pode* haver porque, por um lado, «as mudanças periódicas de pessoal político são em si próprias saudáveis» e, por outro, «há pequenas diferenças [italico nosso] que podem tornar as políticas mais vivas, mais dinâmicas, mais eficazes!»

Nem em países onde o quadro político se define por uma efectiva e pesada bipolarização - os Estados Unidos ou a Grã-Bretanha, por exemplo - qualquer analista se atreveria a dizer que entre republicanos e democratas ou entre *tories* e trabalhistas há «pequenas diferenças» e que, no fundo, as alternativas se colocam apenas numa saltitante maior «vivacidade», mais «dinâmica» ou maior «eficácia»!

Note-se, porém, que esta teorização tem uma vantagem enorme: a de reconhecer a evidência de que, de facto, as diferenças entre as políticas defendidas pelo PS e pelo PSD são escassas. E é na base desta evidência que há que tomar posições. O «Expresso» acha que ainda bem que assim é e prega que se vote na mesma política; a questão é que o País exige outra política.

O voto na CDU é assim inequivocamente um voto contra a política do PSD, mas é também um voto que recusa a continuação da mesma política com outros protagonistas. Votar CDU é, em todas as circunstâncias, votar sobretudo numa política bem diversa da seguida pelo cavaquismo.

É, indesmentivelmente, o único voto seguro e certo na alternativa.

Note-se, porém, que esta teorização tem uma vantagem enorme: a de reconhecer a evidência de que, de facto, as diferenças entre as políticas defendidas pelo PS e pelo PSD são escassas. E é na base desta evidência que há que tomar posições. O «Expresso» acha que ainda bem que assim é e prega que se vote na mesma política; a questão é que o País exige outra política.

«realismo». Da integração europeia às questões sociais, da agricultura à política de emprego, da educação às privatizações, nem a mais exaltada boa vontade consegue distinguir diferenças que os próprios são os primeiros a declarar inexistentes.

Pode mesmo dizer-se que a situação conheceu nas últimas semanas surpreendentes desenvolvimentos: já ninguém se atreve a mencionar a existência de diferenças, faz-se o elogio do facto de elas, na realidade, não existirem!...

Dois desabafos

O primeiro desabafo reporta-se ao final do tempo de antena do PSD na RTP, há oito dias. Aí, logo depois de sentenciar que, graças à obra do PSD, «hoje, os portugueses têm mais orgulho em si próprios, mais orgulho em serem portugueses», logo depois de uma frase profunda como «temos que pensar futuro e sobretudo ganhar o futuro», logo depois de uma referência à necessidade da «casa arrumada e em ordem» (subtil evocação dos 25 anos da morte de Salazar?), Fernando Nogueira assumia-se como babado herdeiro e zeloso copiador da mais recorrente mistificação do cavaquismo.

Com efeito, sem que a voz lhe tremesse ou o semblante se alterasse, lá debitou que «Portugal tem um grande desafio: conquistar já em 1999 um lugar no grupo da frente da Europa Comunitária». E, inovadoramente, acrescentou: «É uma meta ambiciosa, mesmo muito ambiciosa» mas «está ao nosso alcance, se tivermos os pés bem assentes na terra e ambição para Portugal».

Bem sabemos que Nogueira está a pensar no impiedoso cumprimento, também abençoado pelo PS, da política e dos critérios de convergência nominal. Mas não o diz, porque quer ser entendido como estando a acenar com a inclusão de Portugal no famoso «pelotão da frente» em termos de desenvolvimento e condições de vida.

Ora, há quatro anos, também com eleições à vista, Cavaco Silva declarava que com «mais alguns anos de estabilidade governativa» seria possível «agarrar o pelotão da frente» dos países mais avançados da Comunidade Europeia, coisa que todos os economistas sabiam ser tarefa, a manterem-se os ritmos de crescimento relativo até aí verificados, para uns curtos 60 anos!

De qualquer forma, como de 1991 até hoje passaram precisamente «mais alguns anos de estabilidade governativa», das duas uma: ou já agarrámos o «pelotão da frente» e então Nogueira está a

diminuir cavilosamente a «obra» do seu partido e de Cavaco; ou não «agarrámos», e então é porque ao Governo de Cavaco e Nogueira faltaram «os pés bem assentes na terra e ambição para Portugal».

O segundo desabafo respeita ao facto de, para além de outras notícias destinadas a conferir naturalidade e irreversibilidade à moscambilha dos debates Nogueira-Guterres, chegar a notícia (último «Ind.») de que a SIC projectaria transmitir confrontos Pacheco Pereira-Paulo Portas, Pulido Valente-José Magalhães, Manuela Moura Guedes-Lucas Pires (ou Edite Estrela), Nicolau Breyner-Mário Viegas. O que se desenha, sem ser necessário fazer o boneco, é a férrea e insolente discriminação dos mesmos de sempre, constantemente patente numa estação de televisão que adoptou como comentadores do «Jornal da Noite» apenas P. Portas, P. Pereira, J. Cravinho e F. Rosas.

Voltaremos ao assunto. Entretanto, deixamos um conselho aos responsáveis das televisões: já que gostam tanto de sondagens, reparem que, no último «Independente», a respeito da sua sondagem desse número, se podia ler que «este ano há reais possibilidades de [os debates televisivos] serem feitos apenas pelos líderes dos dois maiores partidos. Mas não é essa a vontade dos portugueses, que querem (89,8%) debates televisivos com os quatro principais dirigentes. Desses 89,8%, 51,3% querem debates a quatro, juntos, enquanto 38,5% preferem encontros (...) em sessões de dois a dois».

Por isso, senhores que mandam nas televisões: já que o pluralismo não vos diz nada, ao menos, por amor da audiência e do «share», respeitem a vontade do «mercado»!

■ Vitor Dias

A banhos

Cavaco Silva está a banhos - anunciam os jornais. Mas, antes disso, que memorável semana teve, com esgotantes banhos de inaugurações e grandes exibições de banheiro-salvador.

Vejam só: dia 26, por exemplo, começou por inaugurar um «bar para idosos» (80), na Cova da Moura, acompanhado de luzida comitiva, equiparável ao número de alojados e que incluía os Ministros das Obras Públicas, das Finanças, do Emprego e Segurança Social, o Secretário de Estado da Habitação e, ainda, o Cardeal Patriarca e a Governadora de Lisboa. Da Cova da Moura correu para a Buraca, onde inaugurou algumas casinhas construídas pela Misericórdia e, nesse mesmo dia, foi ainda fazer mais duas (2) inaugurações no Taguspark, em Oeiras, onde até lamentou já não ter tempo para ir a uma nova inauguração na auto-estrada da Marateca...

No dia 27, subiu Cavaco Silva ao Baixo Cávado, para inaugurar vários centros paroquiais e uma estação de tratamento de águas residuais, na Apúlia, onde pronunciou históricas palavras que Pacheco (o do Eça de Queiroz) não desdenharia: «Sabem em que é que os políticos pensam? É nas suas próprias jogadas, nas suas manobras.» Em Espo-

sende, decerto sem pensar sequer numa jogada própria, distribuiu dezoito (18!) casas sociais e assinou muitos protocolos para inaugurações que o «seu» governo, com muita pena, já não poderá fazer antes das eleições. De caminho teve um almoço com «simpatizantes do PSD», dentro dos transparentes princípios de coabitação que o «seu» governo pratica e, depois da sobremesa, inaugurou ainda o Centro Paroquial de Barcelinhos (já numa jogada de Primeiro-Ministro).

Continuando na pele de Primeiro-Ministro, seguiu-se uma maratona de inaugurações culturais no Porto, a começar pelas «novas instalações» do Arquivo Distrital (reduzido, nas circunstâncias, às paredes, sem electricidade, nem telefones, nem equipamento e, como confessou o seu director, «sem pessoal» e «com excessiva humidade nas paredes»). É no que dão as pressas. Depois, foi a inauguração de uma tenda improvisada ao ar livre na Fundação de Serralves, onde assinou o protocolo para a construção do futuro Museu de Arte Contemporânea, com uma curta interrupção para uma «visita de médico» à Feira do Livro, com o objectivo de autografar a sua obra «Manter o Rumo», no meio de «razoável desinteresse dos muitos visitantes», segundo registou a Imprensa.

Culminando estas vertiginosas andanças, a 28, Cavaco Silva foi a Trás-os-Montes inaugurar a «linha nº 1 do metropolitano Mirandela-Carvalhais» (4,5 km) viajando na carruagem «Bruxelas» entre as estações «Jean Monet» e «Jacques Delors» - indo depois inaugurar uma estátua do papa João Paulo II de 3,5 metros e outra, mais pequena certamente, de S. João Bosco (não de Mota Amaral, mas de Vila Real), benzendo na passagem um novo Mercado Municipal, antes de terminar o dia inaugurando garbosamente a Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta.

No meio destas solenes manobras de Estado, ainda teve Cavaco Silva o esforço de acompanhar Nogueira ao comício do PSD na Praia do Molhe, em concorrência com a passagem de modelos internacional da «1ª Porto Fashion», promovida nessa mesma noite pela ANJE (Associação Nacional dos Jovens Empresários) com a participação de Claudia Schiffer.

Para balanço de três dias... confessem que é obra!

Que vá a banhos - e fique por lá.

■ Aurélio Santos

O capitalismo nas férias

Com a chegada das férias e a partida a banhos dos fazedores de notícias, as gazetas recorrem a outros temas habitualmente arredados das suas colunas. É um período deveras sugestivo e interessante que leva a Comunicação Social a debruçar-se sobre assuntos habitualmente esquecidos e a chegar a conclusões habitualmente ignoradas.

Sob o título «O quebra-cabeças do Cáspio», o suplemento de Economia do «Expresso» publicava no seu último número uma artigo de que nos permitimos repescar as seguintes linhas:

«No mar Cáspio - um grande lago de água salgada encravado entre o Cáucaso e a Ásia Central - há pelo menos 850 milhões de toneladas de petróleo e 8 700 biliões de metros cúbicos de gás. Mas pode haver muito mais, pois apenas 7 por cento das suas reservas «off-shore» estão prospectadas.»

E mais adiante:

«Cinco países têm nele [o mar Cáspio] as suas costas, entre eles a grande Rússia, três ex-repúblicas soviéticas - o Azerbaijão, o Cazaquistão e o Turquemenistão - e o imprevisível Irão. Mas pelo seu con-

trolo lutam muitos mais. (...) Nesta batalha entrecrocaram-se a Rússia e a Turquia, enfrentam-se a Turquia e o Irão, e ressaltam os interesses dos Estados Unidos. A seu lado estão também ingleses e franceses, italianos, noruegueses e omanitas, cada um deles disputando o seu espaço. O petróleo do Cáspio é a base da independência dos três Estados ex-soviéticos e um componente da luta pelo seu controlo por parte da Rússia. Foi um factor da guerra da Tchetchénia e da guerra contra os curdos conduzida pela Turquia. É um elemento importante da política americana face à Rússia e ao Irão.»

Claro que, a esta luz, falar de imperialismo, da sua essência rapace e agressiva, do seu papel destabilizador da vida da Humanidade só é possível por parte de mentes estratificadas que ainda não perceberam as bondades e modificações introduzidas pela «nova ordem» das coisas e a pela hegemonia capitalista...

■ Ruben de Carvalho

HIROSHIMA nunca mais !

Passados 50 anos sobre os bombardeamentos de Hiroshima e Nagasaki de 6 e 9 de Agosto de 1945, a questão das armas nucleares voltou ao primeiro plano da actualidade internacional. A decisão do Governo de Jacques Chirac de retomar os ensaios nucleares e o vasto movimento de protesto que suscitou em todo o mundo encerram dois elementos de crucial importância. Por um lado representam um poderoso alerta para os perigos que subsistem de holocausto nuclear. Por outro contribuem para o esclarecimento das verdadeiras raízes da corrida aos armamentos. Se desapareceu o «império do mal» que justificou durante décadas a teoria da «dissuasão nuclear» e a recusa à abolição da arma nuclear, porquê então insistir em tal teoria? Porquê prosseguir frenéticas investigações de aperfeiçoamento das armas de destruição massiva? Para quê manter operacionais mísseis intercontinentais e bombardeiros e submarinos estratégicos dotados com ogivas atómicas e ao mesmo tempo investir fortemente na chamada «miniaturização» da arma nuclear? Porquê tanto empenho em legitimar o monopólio nuclear das grandes potências em lugar de decisões orientadas para a liquidação das armas atómicas? Porque as raízes do militarismo e em particular da (nova) corrida à arma nuclear residem na própria natureza do imperialismo, decorrem das suas próprias contradições e dos seus propósitos de hegemonia regional ou planetária.

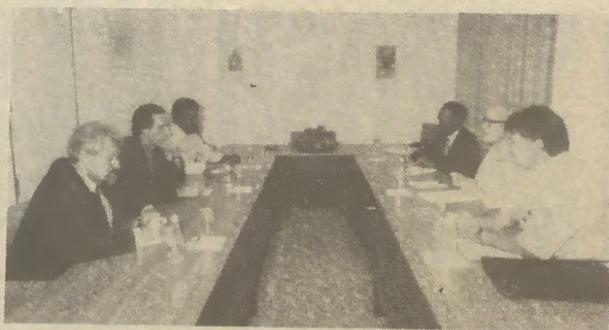
No 50º aniversário do bombardeamento de Hiroshima e Nagasaki é oportuno recordar que o emprego da bomba atómica, em si mesmo criminoso, não foi determinado por razões de ordem militar. O Japão estava já praticamente derrotado. Os alvos foram aliás as populações: mais de 90% das 340.000 pessoas vitimadas eram civis, homens, mulheres e crianças e não tropas do exército imperial nipónico. O objectivo foi político: afirmar o poderio mundial dos EUA. O próprio Harry Truman afirma nas suas memórias que o emprego da bomba atómica no Japão visava colocar os EUA «em posição de ditar as nossas próprias condições no fim da guerra». É verdade que o não conseguiram. O papel decisivo da URSS e do poderoso movimento popular de resistência ao fascismo traduziu-se em conquistas históricas que reduziram espectacularmente a esfera de influência do capitalismo na Europa, na Ásia, em todo o mundo. A corrida às armas nucleares entrava, porém, por responsabilidade do imperialismo, numa espiral infernal.

Entretanto o equilíbrio militar estratégico alcançado, conjugado com o vasto movimento mundial contra as armas nucleares (do Apelo de Estocolmo à luta contra a «guerra nuclear limitada à Europa») impedia os sectores mais agressivos do imperialismo de recorrer à arma nuclear. Mas tal situação mudou radicalmente. Desaparecida a URSS como factor decisivo de contenção do imperialismo, o mundo ficou mais exposto aos seus impulsos agressivos e à dinâmica das suas rivalidades e contradições.

É isso que se manifesta na decisão de Jacques Chirac de retomar os ensaios nucleares. Nas celebrações do 14 de Julho, este afirmou: «a paz está desde há meio século fundada na dissuasão nuclear e num grande país moderno como a França, que tem a sorte de ter uma dissuasão nuclear de muito alto nível, tem uma segurança e um peso político» que assegurem o seu papel no mundo. É falar claro. A França afirma as suas pretensões de grande potência. Está certamente a pensar em África que (de Marrocos ao Zaire, do Ruanda à Costa do Marfim e ao Djibuti) pretende como coutada sua. Está a pensar no «reequilíbrio» do «eixo franco-alemão» disputando com a força nuclear o poder ao marco alemão. Está a procurar ganhar mais peso no processo de configuração da União Europeia como poderoso bloco imperialista.

A instabilidade e a incerteza continuam a caracterizar o desenvolvimento da situação internacional. Uma coisa é porém absolutamente clara: o imperialismo não modificou a sua natureza exploradora e agressiva, antes se manifestam novos impulsos militaristas inquietantes. Na França, como nos Estados Unidos, no Japão como na Alemanha, cuja Bundeswehr pela primeira vez desde 1945 participa (na ex-Jugoslávia) numa missão de combate ofensiva. Acelera-se a militarização da União Europeia. Eis porque no 50º aniversário de Hiroshima e Nagasaki se trata, não apenas de evocar o crime praticado pelo governo de Truman, mas de dar um novo impulso à luta por um mundo livre de armas nucleares.

■ Albano Nunes



Carvalhas recebe associação pela legalização de imigrantes

Na passada quinta-feira, Carlos Carvalhas, acompanhado de Manuel Correia e Carlos Gonçalves, ambos do Comité Central, encontrou-se com representantes do Secretariado Coordenador das Associações pela Legalização Extraordinária de Imigrantes. Esta delegação era constituída pelo presidente da Obra Católica das Migrações, Padre Manuel Soares, pelo engenheiro Reinaldo Ribeiro, dirigente da Casa do Brasil, e por dr. Januário Domingos, dirigente associativo da comunidade angolana.

No encontro, o secretário-geral do PCP reafirmou a posição favorável do Partido relativamente à abertura de novo processo de legalização de imigrantes, bem como apresentou Manuel Correia, dirigente associativo da comunidade cabo-verdiana em Portugal e candidato da CDU pelo círculo de Lisboa, que irá à Assembleia da República, utilizando o mecanismo da substituição, sempre que tal for necessário e possível, para defender os direitos das comunidades imigrantes.

Lista entregue nos Açores

A lista de candidatos da CDU pelo círculo dos Açores foi entregue na passada terça-feira no tribunal judicial de Ponta Delgada. A formalização da candidatura foi apresentada pelo mandatário Paulo Valadão, acompanhado pelo cabeça de lista, José Decq Mota.

No mesmo dia, era entregue a lista pelo círculo de Leiria, estando presentes o primeiro candidato, José Augusto Esteves, e os candidatos Sérgio Inácio Moiteiro e João Carlos Lázaro.

Entretanto, chegou-nos a notícia da entrega de listas da CDU noutros distritos do País, designadamente em Aveiro, onde a coligação fez a entrega dos documentos ao tribunal no dia 27 de Julho, primeiro dia do prazo legal. No acto participaram o mandatário distrital da CDU, José Amaro, os candidatos Joaquim Almeida da Silva e António Salavessa e Luís Quintinho, do secretariado da DORAV do PCP.

Também naquela data, a CDU de Vila Real apresentou oficialmente a Lista de candidaturas, encabeçada por Agostinho Lopes, e cujo mandatário é Virgílio Alves, professor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Para ontem, estava anunciada a entrega da lista da CDU por Bragança.

Um café nas margens do rio Este?

A CDU de Braga desafia o Presidente da Câmara e toda a «digníssima» vereação a tomar um café (se o conseguirem) nas margens do «ultrajado curso líquido» que foi outrora o rio Este.

O repto é lançado depois de uma visita da Coligação ao local, a convite de um grupo de moradores, que estão fartos de promessas não cumpridas. Numa nota à imprensa, a CDU considera que é «escandaloso» que a CM de Braga tenha já gasto «mais de 1 milhão de contos a construir, com a ajuda dos fundos comunitários, uma estação de tratamento de esgotos (ETAR) que está concluída há mais de dois anos, mas continua completamente parada só porque se esquece-ram de, atempadamente, desviar os esgotos do rio para a referida central».

Cávado excluído de programa

«Incompreensivelmente a zona ribeirinha do Cávado, no concelho de Barcelos, não foi contemplada pelo Programa Praias Fluviais/95», refere uma nota da Coordenadora da CDU local, acusando o PSD de votar o rio Cávado ao abandono.

De facto, o Ministério do Ambiente incluiu no citado programa, que tem por objectivo a reabilitação das praias fluviais, oito concelhos do distrito de Braga e inexplicavelmente esqueceu o concelho de Barcelos. Acresce que já anteriormente o PSD tinha rejeitado várias vezes na Assembleia da República uma proposta do Grupo Parlamentar do PCP para a despoluição do rio Cávado.

A CDU exige que a Câmara de Barcelos tome posição pública e que informe a população se apresentou alguma candidatura ao Programa Praias Fluviais/95, que tem como fonte de financiamento o Programa Ambiente (75%), Instituto da Água 15% e Câmaras Municipais (10%).

«Acampamento Pela Esquerda»

Promovido pela Juventude CDU do Distrito de Castelo Branco, decorreu nos dias 21, 22 e 23 de Julho, o «Acampamento Pela Esquerda» em que participaram jovens de diferentes pontos do País e candidatos da CDU às eleições legislativas, nomeadamente os cabeças de lista pelos distritos de Castelo Branco e Guarda - Luís Lourenço e André Martins e ainda Vladimiro Vale, candidato jovem por Castelo Branco.

Durante um participado debate foram abordados problemas de foro ambiental e as propostas da Juventude CDU para a sua resolução. Tema muito focado foram os numerosos incêndios que deflagram todos os anos na nossa região e em todo o país que dizimam milhares de hectares de floresta.

A sobreposição dos interesses económicos à preservação do meio ambiente, a não coordenação entre os diferentes ministérios e entidades com responsabilidades nesta área, nomeadamente entre a Administração Interna, Ambiente e Agricultura, a falta de um plano de ordenamento territorial, a ausência da Regionalização que transferisse poderes para as regiões permitindo uma actuação mais rápida e eficaz face a estes flagelos, são algumas das causas da progressiva degradação do ambiente e especificamente na zona da serra da Estrela.

Novo outdoor já nas ruas Campanha aquece no Verão

O novo outdoor da CDU começou a ser afixado no passado sábado nos locais estratégicos da capital e outras cidades do país. Mantendo a ideia principal «CDU - a Esquerda Necessária» e «Está nas nossas mãos dar a volta a isto», o cartaz vem renovar em termos visuais a nova fase da pré-campanha eleitoral, que aposta em diversas acções a desenvolver nos locais de veraneio.

Como materiais de apoio, a campanha conta ainda com uma edição de um folheto a cores, intitulado Jornal Verão 95 que inclui textos e passatempos de conteúdo político.

Como suplemento, é distribuído um outro folheto denominado «Nós estamos com a CDU» que divulga alguns dos mais destacados apoiantes das CDU, entre dirigentes sindicais, escritores, professores, artistas



plásticos, actores, cantores, músicos, juristas, arquitectos, autarcas, jornalistas, desportistas, cineastes e outros.

Com várias iniciativas pro-

gramadas para praias e zonas de férias, a CDU está também presente em feiras e festas populares com pavilhões e banca.

Carlos Carvalhas participa

em algumas destas iniciativas, designadamente no próximo sábado, em Monte Gordo, em Portimão dia 12, e na Costa da Caparica, dia 19.

Comércio ameaçado em Braga

O cabeça de lista da CDU por Braga, António Lopes, alertou no fim-de-semana para a «convergência» política do PSD, PS e CDS/PP sobre o papel dos grandes grupos económicos, notando que até hoje «nenhum destes partidos fez qualquer crítica» à concessão das superfícies, aos apoios e perdões fiscais recebidos por aqueles e à regulamentação dos horários de funcionamento, para além das muitas medidas favoráveis ao domínio do comércio pelo grande capital financeiro nacional e internacional.

António Lopes, que falava durante uma visita ao concelho de Vila Nova de Famalicão, referiu que tem mantido contactos com diversas associações industriais e comerciais do distrito de Braga, chamando a atenção para a «gravíssima situação existente no pequeno e médio comércio da região e para as brutais consequências económicas e sociais que representa para o distrito a fria e calculada liquidação em curso deste importante sector, conduzida pela política do Governo».

Durante a passada semana, António Lopes esteve em Barcelos, onde se encontrou com a Associação Comercial e Industrial, a Delegação do Sindicato Têxtil e Vestuário do Minho e Trás-os-Montes, tendo participado na distribuição de propaganda da CDU em várias empresas.

O candidato fez ainda uma passeio de barco pelo rio Cávado onde pôde constatar o lançamento de esgotos industriais e domésticos directamente no rio.

António Lopes esteve também na Freguesia S. Martinho de Dume, onde os moradores do Passal e Rua das Searas já apresentaram queixa ao Ministério Público exigindo a retirada de sucata daquela zona.

Para auscultar os problemas locais, o cabeça de lista da CDU pelo distrito de Braga deslocou-se ao concelho de Celorico de Basto mantendo aí encontros com responsáveis dos estabelecimentos de ensino e saúde e com agricultores.

SIDA aumenta nos Açores Coordenadora regional demite-se

Na passada semana, os açorianos foram surpreendidos pelo anúncio do pedido de demissão da Coordenadora da Comissão Regional da Luta contra a SIDA, que divulgou em simultâneo dados alarmantes sobre a situação da doença epidémica na região.

As razões da demissão, prendem-se com o facto do Governo Regional ter considerado «inconveniente» a aplicação nos Açores da versão da campanha europeia de Verão.

Em comunicado, o PCP/Açores que considera «oportuna e corajosa a atitude da coordenadora demissionária», não vê qualquer razão, «nem de ordem cultural, nem de ordem moral, para que essa campanha europeia contra a SIDA não seja aplicada na região», alertando por outro lado para a gravidade dos dados revelados que uma aumento da SIDA nos Açores.

Ora, acrescentam os comunistas, «é fácil de prever que, no caso de não haver um combate efectivo com divulgação profusa dos únicos meios existentes para a prevenção da doença, haverá um veloz crescimento desse flagelo».

Reclamando a aplicação integral da campanha europeia, o PCP/Açores exige por outro lado que «a Secretaria Regional da Saúde dote a Comissão Regional de Luta com os meios financeiros e técnicos adequados».

A nota observa que «os preconceitos de alguns titulares do poder político não podem ser usados como arma mortal contra a sociedade» e sublinha que o Governo Regional deve «anular, de imediato, a orientação irresponsável e de gravíssimas consequências de não aplicar a campanha europeia».

CAMARADAS FALECIDOS

AUGUSTO FARIA

Faleceu, com 80 anos de idade, Augusto Faria, natural de S. João Tojal. Era operário reformado da Covina, e estava organizado em Santa Iria da Azóia.

JOAQUIM DA COSTA

Faleceu, com 60 anos, Joaquim Paiva da Costa, piloto da barra de Setúbal e activista do Núcleo local da Associação de Amizade Portugal-Cuba.

MARIA GONÇALVES DE CASTRO

Faleceu, no passado domingo, Maria Cesarina Martins Tavares Gonçalves de Castro, militante do PCP desde os tempos da clandestinidade e mãe do conhecido actor e advogado Morais e Castro.

Integrou nos anos 40, até a sua extinção pelo regime fascista, a Direcção do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, que era presidida por Maria Lamas, tendo sido ainda sócia da Associação Feminina para a Paz.

Durante a clandestinidade, a sua casa deu apoio a vários quadros destacados do Partido.

No funeral, realizado na segunda-feira, esteve presente uma delegação do PCP composta por Jaime Serra, José Vitoriano e Aurélio Santos. Encontravam-se ainda presentes António Dias Lourenço, Octávio Pato,

Carlos Aboim Inglês, Maria da Piedade, José Bernardino, Manuela Bernardino, Elvira Nereu, António Abreu e Manuel Gusmão, entre outros camaradas.

O secretariado do Comité Central do PCP enviou um telegrama de condolências a Morais e Castro onde se lê: «Compartilhando a tua dor, lembramos justamente o que, tal como teu saudoso Pai, representaram para ti e para o nosso Partido, as profundas convicções, a solidariedade e os melhores sentimentos humanos de tua Mãe - nossa inesquecível camarada, nossa inesquecível amiga.»

MARIA VARELA CID

Faleceu, com 61 anos de idade, a escritora Maria da Graça Varela Cid. Era licenciada em Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa e autora de diversos livros de poesia, publicados nas décadas de 60 e 70, que foram bem recebidos pela crítica. Entre as obras publicadas destacam-se «Tríptico de Sábado», «Memória de Giz» e «Perfeito do Indicativo».

Redactora de publicidade, Maria da Graça Varela Cid, antifascista de longa data, era militante do PCP desde 1974.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Carvalhas em Algés

PSD nervoso e desesperado

Durante uma visita efectuada na manhã de sábado aos Mercados de Algés e do Levante, em de Porto Salvo, o secretário-geral do PCP comentou com ironia os discursos feitos na véspera por Cavaco Silva e Fernando Nogueira no Porto, notando o «nervosismo e desespero» do PSD e afirmando que «nem com a Claudia Schiffer se safam».

Carlos Carvalhas, acompanhado de activistas da CDU e do candidato José António Tavares da Cruz, começou a visita pelas 10.30 horas da manhã ao mercado de Algés, onde foi bem recebido pelos vendedores e população a que ia entregando materias da campanha da Coligação. Ouvia muitas queixas contra desemprego, baixos salários, reformas de miséria, fraco poder de compra, descontentamento, afinal, mais que suficiente para irritar e enervar Cavaco Silva e o PSD.

Também na sexta-feira, em Almada, durante uma passagem pelo novo Centro de Dia do MURPI, o líder comunista apenas precisou de falar na carta de Cavaco aos reformados para que a sala se enchesse de vozes de protesto. Carvalhas continuou então desafiando Cavaco Silva a enviar uma carta aos reformados anunciando-lhes o aumento das pensões, em vez de lhes propor programas económicos de férias. «Não gaste dinheiro com essas cartas. Mande outra a anunciar aumentos das pensões e descontos nos medicamentos».

Pouco depois, acompanhado de Maria Emília, presidente da CM de Almada, e de Octávio Teixeira, presidente do Grupo Parlamentar comunista e cabeça

de lista por Setúbal, o secretário-geral visitou a exposição «Novo Milénio, Novos Projectos» na Oficina da Cultura daquela cidade.

Trata-se, como o nome indica, de uma exposição de projectos urbanísticos que incluem o reordenamento da frente atlântica visando melhorar os acessos e permanência nas praias; a criação de uma zona de concentração de equipamentos colectivos e terciário; o desenvolvimento da rede de transportes onde se destaca a construção do Metropolitano.

Como fez questão de referir Maria Emília, «a viabilização de todos estes importantes projectos depende de uma mudança na política do Governo. Por isso estamos todos empenhados em que essa mudança se concretize nas próximas eleições».



Na Oficina da Cultura: a concretização dos projectos depende de uma mudança política



Com reformados, sexta-feira, no Centro de Dia do MURPI em Almada: Cavaco devia enviar uma carta a anunciar aumentos de reformas

Reunião CDU/APA

Crise agrícola agrava-se

Para um melhor conhecimento da situação dos agricultores do distrito, realizou-se, durante a passada semana, um encontro entre a direcção da Associação de Agricultores do Porto e uma delegação da CDU, que integrou Emídio Ribeiro, Serafim Brás, Marisa Azevedo e João Amaral, cabeça de lista da coligação pelo distrito.

Na reunião concluiu-se que a crise agrícola se vai acentuando, o défice alimentar português continua a aumentar e que a grande maioria dos agricultores do país são cada vez mais penalizados com a integração da economia nacional na União Europeia.

Enquanto se assiste à subida da importação de leite a preços baixos de países com produção excedentária, as dificuldades de escoamento da produção nacional aumentam.

Por seu lado, os viticultores poderão vir a ser confrontados

com quotas de produção e a obrigação de destilar vinho, por imposição de directivas comunitárias. Esta situação é, como explica a CDU do Porto numa nota à imprensa, resultado do Relatório Fantuzzi sobre a Reforma de Organização Comum de Mercado Vitivinícola proposto pela Comissão da Comunidade Europeia e aprovado no Parlamento Europeu com o voto do PS, PSD e CDS, contra o do PCP.

Quanto ao atraso da construção do Matadouro de Vale do Sousa, integrado na Rede Nacional de Abate, ainda não está solucionado, apesar dos gastos superiores a um milhão e quinhentos mil contos.

Por fim, foram referidas as condições climáticas verificadas recentemente, com o surgimento de geadas após um período de calor intenso, que provocaram sérios estragos nas culturas frutícolas, vinícolas e da

batata nos concelhos de Baião, Amarante, Lousada, Penafiel, Paços de Ferreira, Felgueiras e Marco de Canaveses. Foi recordado que o Grupo Parlamentar do PCP na Assembleia da República apresentou um projecto de resolução, na qual se pronunciou pela necessidade de o Governo disponibilizar meios para um auxílio de emergência aos agricultores vítimas das geadas.

Os participantes da reunião chamaram ainda a atenção para o facto de centenas de agricultores dos concelhos de Paços de Ferreira, Lousada, Penafiel e Felgueiras não serem abrangidos pelas medidas compensatórias, por não integrarem a chamada região desfavorecida do distrito do Porto. As medidas anunciadas pelo Ministério da Agricultura não contemplam igualmente os agricultores com prejuízos inferiores a 35 por cento da produção normal.

João Amaral em Gondomar

«A criação de emprego é essencial»

Durante um jantar com 50 empresários de Gondomar, realizado no dia 25 de Julho, João Amaral afirmou que a criação de emprego é essencial para a valorização do homem e para o fortalecimento da economia. O cabeça de lista da CDU pelo distrito do Porto apresentou como prioridades o crescimento económico acelerado e sustentado e uma mais equitativa repartição da riqueza.

O crescimento económico não excessivamente dependente da conjuntura externa é incompatível com a aceitação passiva de Maastricht, pois níveis de desenvolvimento diferentes exigem respostas diferentes, considerou o dirigente comunista.

«A CDU recusa qualquer isolacionismo, que só seria prejudicial ao bem-estar dos portugueses e luta para que o processo de integração não seja feito na óptica exclusiva dos interesses dos países ricos.»

João Amaral declarou que a política proposta pela Coligação conta com a participação empenhada dos empresários, pois «a existência de um sector privado da economia, funcionando em regime de mercado livre, é essencial. Ao Estado cabe o papel de impedir que um pequeno grupo de potentados financeiros dominem a economia e, por essa via, o país.»

Lista de candidatas

Na passada sexta-feira, foi entregue a lista de candidatas da CDU pelo círculo do Porto por uma delegação composta pelo mandatário da lista, Raul de Castro, por representantes do PCP, de «Os Verdes» e da Intervenção Democrática.

Na ocasião, João Amaral chamou a atenção para a grande renovação da lista, para o elevado número de jovens e de mulheres e para o facto de os quatro primeiros candidatos estarem totalmente disponíveis para exercer o mandato em regime de exclusividade.

Foi lembrado que durante a pré-campanha se realizaram um elevado número de iniciativas com a participação de membros da lista, abrangendo a quase totalidade dos concelhos do distrito.

Foi ainda adiantado que a Coligação apresentará brevemente um compromisso distrital.

Por seu turno, a Juventude CDU levou a cabo, no sábado passado, uma iniciativa de sensibilização e protesto contra a falta de medidas ambientais da Câmara Municipal de Matosinhos e do Governo. Numa acção simbólica, o esgoto da praia de Matosinhos foi tapado e os banhistas e surfistas receberam um documento, com uma rolha em anexo.

APOIAR O PCP

reforçar a CDU nas Eleições
uma alternativa com os trabalhadores



Campanha Nacional de Fundos em destaque na Festa do «Avante!»

A Festa do «Avante!» vai dispor Bancas de recolha de contribuições para a Campanha Nacional de Fundos dos 150 mil contos. Estes locais surgirão montados nos espaços próprios das organizações e sectores que vão estar representados no terreno da Festa, e estarão decorados com elementos alusivos à campanha, nomeadamente o cartaz editado.

Nestas Bancas serão utilizados os materiais editados, nomeadamente os cupões, listas de fundos e a carta-apelo. Estará ainda visível um recipiente para recolha de contribuições avulsas, bem como documentos e objectos de animação eleitoral e ainda folhetos do PCP e da CDU.

Estes locais podem igualmente contribuir para dinamizar a venda do «Avante!» e de «O Militante».

Entretanto, foi anunciada para o próximo dia 26 de Agosto, às 14 horas na Atalaia, uma reunião nacional da Campanha Nacional de Fundos, na qual devem também participar os responsáveis pelas Bancas.

Recorde-se que para participar nesta campanha de fundos basta adquirir em qualquer Centro de Trabalho do PCP cupões no valor de 500, 1000, 5000, 10.000 e 50.000 escudos, ou colaborar em listas para recolha de fundos. Está ainda aberta uma conta na Caixa Geral de Depósitos com o número 068/002022431, onde podem depositadas as contribuições para a campanha.

Festival Anti-Racista no Barreiro

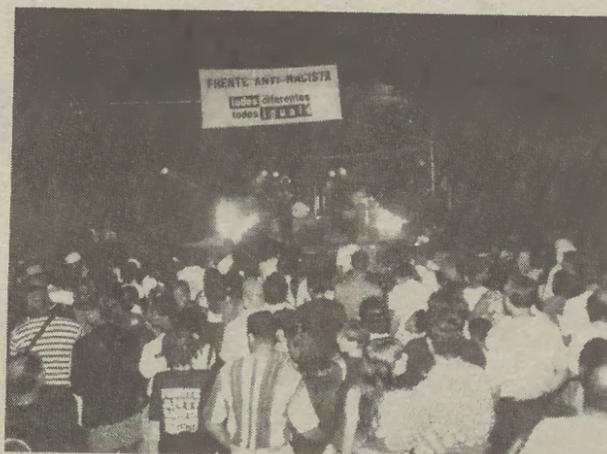
Todos diferentes, todos iguais!

Realizou-se no passado dia 23 de Junho, no Barreiro, um Festival Anti-Racista organizado pela Frente Anti-Racista, espectáculo onde, ao longo de 10 horas consecutivas, actuaram graciosamente mais de 100 artistas perante milhares de pessoas, na maioria jovens, transformando a iniciativa numa grande manifestação antixenófoba e numa vigorosa afirmação de que, sendo diferentes, somos todos iguais. A Câmara Municipal do Barreiro deu o seu apoio à iniciativa, tal como a "SuperFM Rock & Pop".

O espectáculo começou às 16 horas na magnífica Avenida da Praia, no Barreiro, com o Tejo em frente e Lisboa ao fundo. A afluência do público - maioritariamente jovem - foi ininterrupta ao longo das 10 horas em que decorreu o Festival, atraindo vários milhares de pessoas e dando um particular colorido àquele domingo, na zona antiga do Barreiro. Brancos e negros, num convívio animado tanto no palco como na plateia, deram a expressão maior à iniciativa: a

da solidariedade activa na luta contra o racismo.

O Festival reuniu artistas oriundos de nove países - Angola, Brasil, Cabo Verde, Chile, Guiné-Bissau, Moçambique, Senegal, Uganda e Portugal - tendo funcionado em duas partes: na parte da tarde, mais "dominada" pelo rock, o rap e as danças africanas, actuaram Bom Ki Bali, Boss AC, Estrelas Africanas, Ex-Bosed, Family, Kizombala, Menace II Society, Os Virgem, Poing-Poing e Rock-



Pormenor do Festival Anti-Racista no Barreiro, durante a noite

-Line; a noite foi musicalmente mais ecléctica e nela desfilaram Badaró, Bonga, Amigos e Bailarinas, Carlos do Nascimento, Fernando Girão, Fichões, Filipe Mukenga, Lindomona, Maria Alice, Oásis, Paula Duque, Salsa de Jullian Del Valle, Titina, Tito Paris, Tó Cruz, Filipe Larson, Lucinho, Mário Gramaço, Yvei Daniel e Zé Zé N'Gambi. A

apresentação de todo o espectáculo esteve a cargo de Kotchy.

De assinalar que no Festival do Barreiro esteve presente e usou da palavra Luísa Antunes, irmã de Alcindo Monteiro, o jovem negro assassinado recentemente no Bairro Alto, em Lisboa, pela selvajaria de um bando de neonazis "cabeças rapadas".



Luísa Antunes (irmã de Alcindo Monteiro) e Manuel Correia (dirigente da Federação de Associações Caboverdianas, sindicalista e membro do CC do PCP) dirigindo-se aos participantes no Festival

O que é a Frente Anti-Racista

A Frente Anti-Racista nasceu há cerca de um ano e já tem um notável trabalho realizado na luta contra o racismo, a xenofobia e a discriminação racial, dinamizando debates em escolas, concursos e exposições. Foi a organizadora da grande manifestação de 16 de Junho último no Bairro Alto, em Lisboa, na sequência da morte de Alcindo Monteiro.

Há outras iniciativas de relevo no trabalho desta Frente, nomeadamente o Festival da Juventude Contra o Racismo,

realizado em Março último no S. Luís, em Lisboa, que contou com a presença graciosa de 33 bandas e mais de uma centena de artistas, tendo também editado o "Dossier-Anti-Racista" no início do ano, cuja grande aceitação por parte de autarquias, escolas e população em geral levou ao seu rápido esgotamento. Está em preparação um segundo número, ainda para este ano.

A Frente Anti-Racista conta já com 11 núcleos em todo o País e um em Paris, prevendo-se a criação de outros, o que confirma o grande crescimento desta organização.

PCP no Parlamento Europeu

«Portugal não quer ser um país de mar sem pesca»

O deputado comunista Joaquim Miranda foi o único português a assinar, recentemente, a Proposta de Resolução sobre o Acordo de Pescas entre a União Europeia e Marrocos. Num comunicado à imprensa, a Direcção da Organização Regional do Algarve nota que «numa problemática de tanto interesse para Portugal e para o sector das pescas, o PS, o PSD e o PP puseram-se completamente à margem do processo.»

A proposta do Partido dos Socialistas Europeus levou alguns grupos parlamentares a afastarem-se de uma proposta comum, o que veio enfraquecer a posição da União Europeia em relação a Marrocos.

Face a esta situação, o Grupo Confederal da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Verde Nórdica, onde se integra

o PCP, reatou o processo negociado e levou os outros grupos a discutirem e votarem favoravelmente uma posição comum, onde se manifesta uma grande preocupação pelo impasse nas negociações devido à atitude intransigente marroquina e se solicita a fixação de um prazo máximo de quatro meses para se procurar uma solução definitiva para este caso através da celebração de um acordo de pesca, bem como de um programa de urgência que estabeleça ajudas para a reestruturação do sector afectado e da aplicação de medidas extraordinárias de apoio aos pescadores, a nível estrutural, social e financeiro.

No dia 13 do passado mês, o deputado, do PCP, Honório Novo interveio no debate relativo ao acordo de pescas com

Marrocos, realizado no Parlamento Europeu. Referindo-se às consequências da paralisação de mais de 50 barcos que se verifica desde o início de Maio, o comunista afirmou que em Sesimbra e nas comunidades piscatórias do Algarve os armadores, centenas de pescadores e as suas famílias e milhares de trabalhadores que dependem desta actividade têm os seus empregos e rendimentos em risco.

«Os subsídios que estão a ser pagos por esta paragem forçada são manifestamente insuficientes para garantir uma subsistência digna e não têm em conta as consequências negativas nas actividades económicas que indirectamente sofrem com a paralisação das frotas.» E sublinha: «Os pescadores e os armadores não

podem nem querem viver de subsídios. Exigem poder trabalhar e produzir. Daí a permanência de uma solução rápida para a renovação do acordo com Marrocos, que envolva todas as possibilidades existentes e a colaboração de todos os Comissários, passando por aspectos relativos a outras negociações, e que se traduza num texto que garanta a viabilidade da pesca», pois «Portugal não quer ser um país de mar sem pesca.»

Afirmando que não há alternativas de pesca credíveis a curto prazo, Honório Novo considera que, a existirem no plano comunitário, surgirão apenas como resultado de vontade política interna no âmbito de relações bilaterais mutuamente vantajosas.

Já na passada semana, o eurodeputado comunista Sérgio Ribeiro exigiu um esclarecimento no Parlamento Europeu sobre uma proposta feita pelos negociadores da comissão do referido acordo, que pretendem isentar de direitos a entrada de conservas de sardinha marroquinas.

O deputado questionou a Comissão sobre «se não estará a fazer de uma indústria importante para Portugal "moeda de troca", aceitando uma concorrência desleal e contrária aos princípios que exigem condições salariais e sociais equiparáveis, e se ponderou suficientemente nas consequências de tal eventual cedência negociada».

Deputado do PCP no PE pede ajuda para as Flores

O deputado, do PCP, Honório Novo interveio recentemente no Parlamento Europeu num debate relativo à Proposta de Resolução sobre o temporal que assolou a Ilha das Flores, nos Açores, e que provocou mais de um milhão e meio de contos de prejuízos, com destruição de culturas, pastagens, habitações e infra-estruturas diversas.

«Se temos apoiado os dramas das populações do coração da União Europeia afectadas por catástrofes, em países que têm mais recursos e capacidade de resposta, temos também

de demonstrar solidariedade activa com as Flores», afirmou, exigindo que a Comissão, em colaboração com os eleitos regionais e locais e com as organizações representativas das populações, defina urgentemente os meios financeiros, a fundo perdido e a crédito, destinados a participar na reparação dos prejuízos.

Lembre-se que os eurodeputados comunistas foram autores de uma Proposta de Resolução sobre esta matéria, que posteriormente foi fundida com outros partidos.

Em nota enviada à AACS PCP exige pluralismo nos comentadores do Telejornal

Em nota assinada por Vítor Dias, membro da Comissão Política do CC do PCP, e dirigida ao presidente da Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS), o PCP denuncia o não cumprimento por parte da RTP de uma deliberação da AACS emitida há dois meses e meio, nota essa que exortava a RTP «a que não deixe de propiciar - como, aliás, parece sua intenção - a rotatividade dos comentadores de modo a que fique assegurada a expressão das diversas correntes de opinião».

Esta exortação da AACS dava razão à queixa apresentada pelo PCP contra a RTP «por critérios discriminatórios e ofensivos do pluralismo na escolha de comentadores políticos para o Telejornal de Domingo».

Só que já passaram dois meses e meio sobre essa deliberação e - afirma Vítor Dias -, «é forçoso concluir que a RTP não deu qualquer cumprimento à citada deliberação da AACS. Com efeito - sublinha -, a única alteração verificada foi a substituição da "dupla" Silva Marques (PSD) / Jorge Coelho (PS) pela "dupla" Vasco Graça Moura / Joaquim Pina Moura, o que significa que manteve os seus critérios de convites integralmente, restritos à área do PSD e do PS».

Subsistindo «o grave problema dos prejuízos causados ao PCP e aos princípios do pluralismo» por esta insistência do serviço público de televisão «em apenas propiciar aos seus telespectadores os comentários de cidadãos da área do PSD e do PS», a nota assinala as «indisfarçáveis consequências» da situação «sobre o processo de formação da opinião dos cidadãos à beira das eleições legislativas».

Nestes termos, «verificando-se que a exortação feita anteriormente à RTP pela AACS não garantiu nem a adequada rectificação dos procedimentos e critérios discriminatórios praticados pela RTP, nem a devida protecção dos princípios e direitos que o PCP considera lesados», o Partido Comunista Português solicita à AACS «que aprecie o incumprimento pela RTP da sua deliberação de 17 de Maio passado e, em consequência, adopte as formas de intervenção que, integradas nas suas competências legais, sejam dotadas de eficácia correspondente à gravidade do comportamento da RTP e dos prejuízos por ele causados».

Sindicatos responsabilizam o Governo pelos incêndios florestais

Outra política pode evitar os fogos

A governação PSD tem promovido a desresponsabilização do Estado no fomento, protecção e conservação da floresta - acusa a federação da Função Pública

A política florestal dos últimos anos «tem contribuído decisivamente para que o flagelo dos fogos florestais se mantenha», uma vez que «tem conduzido à desertificação humana das regiões rurais, à proliferação da monocultura, designadamente do eucalipto, à degradação da biodiversidade das espécies» - afirma a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, que convocou para a passada sexta-feira uma conferência de imprensa com o objectivo de «provar a responsabilidade do Governo nos incêndios florestais».

Não previne e remedeia mal

Invocando a experiência adquirida nesta área, a federação defende que «a prevenção dos fogos florestais não se faz, predominantemente, na época em que os mesmos potencialmente deflagram, mas sim fora desse período». Só que o exe-

cutivo Cavaco/PSD «não investe na prevenção dos incêndios florestais, mas sim no combate, ainda assim com resultados duvidosos». Para a FNSFP, «os largos milhões de contos gastos nos últimos anos na aquisição ou aluguer de equipamentos terrestres e aéreos de combate a incêndios poderiam ter uma proporção bem mais reduzida se fossem concretizadas medidas de reordenamento florestal, de incentivo à fixação das populações nas zonas rurais, de limpeza e conservação das mesmas, quer sejam ou não do domínio público e se a fiscalização fosse substancialmente aumentada».

Só que o Governo «nada disto tem feito, desresponsabilizando o Estado, através do Instituto Florestal, do papel que lhe cabe no fomento, protecção e conservação da floresta», motivo por que os meios humanos e técnicos do instituto não só não têm aumentado, como deveriam, como registaram mesmo «uma quebra substancial». A federação da Função Pública aponta

como exemplo a «redução progressiva» de trabalhadores rurais ao serviço do IF, lembrando que são estes que «asseguram a conservação e limpeza das matas e suas infra-estruturas, nos períodos anteriores à época dos fogos».

Refere ainda, a FNSFP/CGTP, como outra mostra da redução dos meios do instituto, a diminuição do número de guardas florestais relativamente à área florestal existente no País: actualmente há apenas 800 guardas florestais para vigiar mais de 3 milhões de hectares de floresta, «muitas das vezes sem os meios de transporte e de comunicações indispensáveis ao exercício das suas funções».

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Centro, o Governo «mantém vagos cerca de duas centenas de lugares do quadro de guardas florestais».

Numa nota que distribuiu na semana passada à comunicação social, o STFPZC, que integra a federação, critica as «pretensas medidas» anualmente repetidas

pelos ministérios da Agricultura e da Administração Interna «com grande pompa e circunstância», acusando o Governo de pretender «fazer crer que os fogos que, ano após ano, devastam o País, são uma fatalidade inevitável e não o resultado de uma política criminosa de desresponsabilização das suas funções».

Além do não preenchimento do quadro de guardas florestais, o sindicato refere ainda outros efeitos da política dos últimos anos, que «reflectem a postura negligente, anti-social e anti-económica do Governo»: encerrou viveiros; mandou para casa algumas centenas de trabalhadores que procediam à limpeza dos caminhos e das matas; entregou ao sector privado a reflorestação de áreas ardidas na Zona Florestal do Baixo Mondego, quando tinha trabalhadores que poderiam fazer essas tarefas; mantém muitas zonas sem postos de vigia, provocando uma detecção tardia dos fogos; não modernizou o parque de viaturas da forma que se impunha; criou as Comissões Especializadas dos Fogos Florestais, meros organismos de fachada.

PARAR OS SALDOS DO SECTOR PÚBLICO

O escândalo da aceleração da entrega de património do Estado, a qualquer preço, ao sector privado foi analisado na semana passada por federações e uniões sindicais, coordenadoras regionais e sectoriais de comissões de trabalhadores e activistas das empresas do sector empresarial do Estado, numa reunião que teve lugar na sede da CGTP-IN e onde foram focados casos recentes, como a Petrogal, a Telecom e a Portucel. Num comunicado emitido no final da reunião, anuncia-se a decisão de levar a efeito, em Setembro, uma acção de denúncia pública, com o objectivo de alertar para as consequências das privatizações (degradação ou supressão de serviços às populações, ataques aos direitos dos trabalhadores e ao emprego, prejuízos para a economia nacional e o regime democrático); responsabilizar o Governo e os deputados que na AR deram cobertura às privatizações em vez de intervir para que o Governo zelasse pela eficácia do sector empresarial do Estado; e trazer mais uma vez à opinião pública a verdade sobre quem ganhou e quem perdeu com as privatizações. Foi salientada a necessidade de prosseguir a luta nas empresas contra a entrega ao capital privado, pela salvaguarda dos direitos dos trabalhadores e dos postos de trabalho e pelo desbloqueamento da contratação colectiva. Igualmente se afirma no comunicado que «é preciso assegurar, no novo parlamento, o reforço da presença de deputados que se identifiquem claramente com a defesa e dinamização do sector empresarial do Estado».

MIL REFORMADOS EM CONVÍVIO

No Parque Municipal da Moita teve lugar no passado sábado um encontro-convívio de reformados e pensionistas, que reuniu cerca de um milhar de pessoas, vindas de vários concelhos do distrito de Setúbal, da zona de Lisboa e da Marinha Grande. O programa desta iniciativa da Inter-Reformados de Setúbal estendeu-se ao longo do dia, animado pelas actuações de mais de uma dezena de grupo corais e ranchos folclóricos, oriundos, nomeadamente, de Santa Iria da Azóia, Pinhal Novo, Barreiro, Seixal, Baixa da Banheira e Odivelas. Na sessão política que teve lugar a meio da tarde, intervieram Manuel Gonçalves, do Conselho Nacional da Inter-Reformados, e Eduardo Travassos, do CN da CGTP-IN. Foi severamente criticada a política do Governo PSD para os reformados, que obriga mais de 2 milhões de pessoas a viverem com pensões inferiores a 28 contos por mês.

TELECOMUNICAÇÕES

«Para um sindicato forte» nas telecomunicações e no audiovisual é a palavra de ordem que levou a federação do sector (FCTA/CGTP), o Sindicato Nacional das Telecomunicações (Sintel), o Sindicato dos Telefonistas do Norte, o Sindicato dos Trabalhadores de Telecomunicações e Comunicação Audiovisual (STT) e o Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações a avançarem com um projecto de reestruturação da organização sindical no sector. A discussão, iniciada a 9 de Junho na CGTP, numa reunião de representantes de estruturas dos trabalhadores, passa agora pela elaboração do anteprojecto de estatutos do sindicato, posterior aprovação pelos corpos gerentes e pelos trabalhadores e em assembleias gerais dos sindicatos. Até final do ano deverá estar concluído este processo, que culminará na criação de um sindicato que dará mais força à acção em defesa dos interesses dos trabalhadores da Telecom, Marconi, Telepac, Telecel, TMN, ICP, CN e restantes empresas de telecomunicações, bem como das televisões, rádios e produtoras independentes da área do audiovisual.

TORRALTA

A demora na cedência dos créditos do Estado, novamente adiada na reunião do Conselho de Ministros da semana passada, não é entendida pelos trabalhadores da Torralta, que admitem retomar formas de luta se o Governo não tomar uma resolução até ao fim do mês. Falando aos jornalistas após a reunião de credores que teve lugar dia 27, Joaquim Pires, da comissão de trabalhadores da Torralta, reafirmou que a resolução do problema não deve continuar a arrastar-se, pois isso traria novos problemas à empresa.

PROCURADORIA FINANCEIRA

Os bancários comunistas do distrito de Lisboa afirmam que «na banca, as actuais políticas vão no sentido de beneficiar os particulares de elevado rendimento e as grandes empresas, através de taxas preferenciais activas e passivas, não obstante serem os pequenos aforradores e as PME's que alimentam e mantêm o sistema bancário». Num comunicado com «novos contributos para uma nova política no sector bancário» apontam-se algumas linhas de uma acção para ir ao encontro dos pequenos e médios clientes dos bancos: a criação de uma Procuradoria para a área financeira, a uniformização da apresentação das taxas de juro e outros custos e encargos, a definição de regras para acautelar as poupanças nos bancos e garantir a sua correcta aplicação, a garantia da supervisão e fiscalização da banca, para «uma mudança total na relação entre clientes e bancos, de forma a acabar com a diferença de tratamento».

Lutas que não vão de férias

Por salários justos e em dia, por emprego com direitos, pelas 40 horas semanais, estão em luta trabalhadores da administração local, dos transportes, dos mármoreis, cortiças e madeiras.

Na passada sexta-feira, estiveram em greve os trabalhadores da Rodoviária de Entre Douro e Minho e da Rodoviária do Tejo, protestando contra a aplicação unilateral, por acto de gestão das administrações, de aumentos salariais de 2,5 e 3 por cento, quando nas outras empresas que resultaram da cisão da RN os aumentos se situaram, em termos médios globais, entre os 4,5 e os 5 por cento - refere um comunicado da Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários e Urbanos.

A Festru/CGTP indica ainda, como objectivos da greve, a manutenção dos direitos adquiridos e consagrados no Acordo de Empresa da RN, e a redução do horário máximo de trabalho para 40 horas semanais.

A federação informou que os índices de adesão às 24 horas de greve situaram-se em cerca de 80 por cento e divulgou uma resolução, aprovada em plenários durante a paralisação, e na qual os trabalhadores se afirmam dispostos a, caso as administrações não respondam às suas reivindicações até ao fim do

mês, avançar para novas formas de luta no início de Setembro.

Pelo pagamento de salários, em atraso desde Abril, e dos subsídios de férias, estiveram em greve no dia 27, durante 3 horas, os trabalhadores da têxtil Fisel, em Seia. Citando fonte sindical, a agência Lusa refere que o pessoal da Fisel, a maior unidade fabril da cidade, com cerca de 850 trabalhadores, admite retomar «duras formas de luta» depois do período de férias, caso as remunerações continuem por pagar.

Também na passada quinta-feira estiveram em greve, por 24 horas, os trabalhadores dos mármoreis e das cortiças. A federação sindical da Construção, em nota à imprensa, considera que, depois desta jornada, as associações patronais devem rever a sua posição e negociar contratos justos.

Nos mármoreis, apesar de um comunicado patronal tentando desmobilizar a paralisação, a adesão global à greve ultrapassou os 50 por cento, superando os 70 por cento no Alentejo. A federação destaca

uma dúzia de empresas, nos concelhos de Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Sintra (Pero Pinheiro), com adesões de 100 por cento.

A nível nacional, a greve nas cortiças teve uma adesão média da ordem dos 75 por cento, refere ainda a federação, notando que, depois de convocada a paralisação, mais de cem empresas anunciaram a redução dos horários para 40 horas semanais, a partir de 1 de Setembro, e aumentos salariais de 5 por cento.

No dia 28, estiveram em greve os trabalhadores do sector dos painéis de madeira.

A melhoria das condições de trabalho, particularmente no que toca à forma como estão a ser elaboradas as escalas de serviço, levou o Sindicato dos Ferroviários do Centro a apresentar um pré-aviso de greve para o período de 1 a 15 de Agosto, abrangendo revisores e maquinistas da linha de Sintra ou para aqui destacados, que devem paralisar 3 horas por dia e recusar o trabalho extraordinário. Segundo o sindicato, há escalas cuja carga de trabalho põe

em risco a segurança do pessoal, dos passageiros e do material; as escalas de serviço, exige o SFC, não devem prever trabalho extra, devem contemplar intervalos para refeições a horas próprias e prever a apresentação ao trabalho a horas compatíveis com os transportes públicos usados pelos trabalhadores.

Durante toda a semana passada, dirigentes e activistas do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local mantiveram-se em vigília junto à residência oficial do primeiro-ministro, exigindo uma revisão salarial intercalar e resposta à carta reivindicativa há muito apresentada pelo STAL ao Governo. Entre os motivos de descontentamento dos trabalhadores das autarquias, o sindicato destaca: a continuação de um salário mínimo inferior ao nacional em mais de 5 por cento; a perda de mais de 7 por cento de poder de compra nos últimos 3 anos; a exclusão formal dos salários de um adicional de 2 por cento criado há 3 anos e que já não contempla todos os trabalhadores; a regulamentação do subsídio de insalubridade, penosidade e risco, que deveria ter sido concretizada há mais de 5 anos.

Brasil

O Governo brasileiro vai pagar indemnizações, entre os 110 mil e os 165 mil dólares, às famílias dos 136 desaparecidos durante o regime militar que vigorou no país de 1964 a 1985. As indemnizações terão em conta a idade e profissão dos desaparecidos, na sua maioria torturados e assassinados pelos militares.

O Grupo "Tortura Nunca Mais", que integra alguns dos familiares das vítimas, considera a decisão "um passo importante mas insuficiente", já que pretende que o executivo brasileiro assuma publicamente a responsabilidade pelo que se passou e abra os arquivos de modo a que se tenha conhecimento das circunstâncias em que as pessoas foram presas, torturadas, mortas, e onde estão sepultadas. O Governo já afirmou, no entanto, que não tomará nenhuma medida que possa ir confrontar a Lei da Amnistia de 1979 que perdoou os crimes cometidos pelos militares bem como as acusações aos que se opuseram ao regime.

Rússia

A Rússia conta actualmente com 5,7 milhões de desempregados, segundo dados do Serviço Federal de Ocupação, o que representa um aumento de quase meio milhão de pessoas, só no primeiro semestre deste ano. Se forem somados os que têm trabalhos temporários, o número de desempregados eleva-se para 9,6 milhões, isto é, 13 por cento da população activa do país. Segundo cálculos do Serviço Federal de Ocupação, o número de população apta para trabalhar na Rússia é actualmente de 80,9 milhões de pessoas das quais 74,3 milhões são economicamente activas.

Chile

Cerca de 300 oficiais e respectivas famílias manifestaram-se recentemente na cadeia de "Punta Peuco", 40 quilómetros a norte de Santiago do Chile, em solidariedade com o brigadeiro Pedro Espinoza, que aí cumpre seis anos de prisão pelo assassinato de Orlando Letelier. A manifestação foi condenada por todos os sectores políticos chilenos, que consideraram que a mesma se revestiu de características políticas e levou o ministro da Defesa, Edmundo Perez Yoma, a convocar o general Pinochet, ex-ditador e actual comandante-chefe do exército chileno, para lhe pedir explicações. O general Pinochet reuniu-se à porta fechada no dia 27 de Julho com 1.400 oficiais e subalternos da guarnição militar de Santiago, mas não fez quaisquer declarações no termo da mesma, embora se tenha comprometido a investigar os acontecimentos e a punir disciplinarmente os responsáveis pela organização da manifestação.

Balcãs

A caminho da guerra

A decisão do Senado norte-americano de levantar o embargo de venda de armas à Bósnia, aprovada no passado dia 26 de Julho, provocou uma série de reacções nas principais capitais europeias, que apelaram ao veto do presidente Clinton e alertaram para o perigo de uma guerra generalizada nos Balcãs. Mas enquanto se espera por uma decisão da Casa Branca, a decisão do Senado passou a ser vista a uma nova luz. Segundo o jornal "Washington Post", os EUA estão implicados na venda de armamento ao governo bósnio.

O "Washington Post" revelou sexta-feira, baseando-se em relatórios de serviços secretos europeus, que os EUA estavam a fornecer armas aos bósnios por intermédio dos seus aliados no mundo islâmico. Esta informação foi desmentida em Washington pelo porta-voz do Pentágono, Kenneth Bacon, para quem "as alegações dos europeus segundo as quais teríamos violado o embargo com entregas de armas clandestinas são tão falsas quanto velhas".

Segundo o jornal, que cita "um responsável norte-americano" não identificado, os Estados Unidos facilitaram este ano certas entregas de armas por países muçulmanos às forças bósnias que controlam o aeroporto de Tuzla. A notícia afirma que responsáveis britânicos e franceses disseram que militares da ONU viram soldados governamentais bósnios envergando uniformes fabricados nos Estados Unidos e equipados com M-16 e outras armas norte-americanas, depois de entregas nocturnas misteriosas em Tuzla (nordeste) por aviões C-130.

Ainda segundo o jornal, citado pela Lusa, um apoio desta ordem, em violação evidente do embargo internacional sobre armas, foi discutido durante reuniões recentes a alto nível entre o Reino Unido, a França e os Estados Unidos.

É curioso assinalar, neste contexto, que os países do denominado Grupo de Contacto sobre a Bósnia da Organização da Conferência Islâmica (OCI) adoptaram, a 21 de Julho, em Genebra, uma resolução onde se afirma que os 50 países muçulmanos membros não se consideram mais obrigados a respeitar o embargo "ilegal e injusto" de armas à Bósnia, imposto em 1991 pelas Nações Unidas.

PCP no Chile

O Instituto de Ciências Alejandro Lipschutz (ICAL), do Chile, promoveu de 21 a 23 de Julho, em Santiago do Chile, um Seminário Internacional sobre os 25 anos da Unidade Popular. A camarada Maria da Piedade Morgadinho, membro do Comité Central e da Comissão Central de Controlo, representou e interveio no Seminário em nome do PCP.

Durante a sua estada no Chile, a camarada Maria da Piedade Morgadinho encontrou-se ainda com os camaradas Jorge Insunza, membro da Comissão Política do PC do Chile, e o camarada Rodrigo Molina, responsável da Secção Internacional, tendo sido trocada mútua informação e reafirmados os laços de fraterna solidariedade entre os comunistas portugueses e chilenos.

Um cenário de guerra

Os sinais de agudização do conflito são cada vez mais evidentes, a despeito das declarações a favor de uma solução pacífica, em que já ninguém parece seriamente acreditar, de tal forma as forças internacionais se afirmam como parte activa e parcial no cenário de guerra.

Ainda na passada quinta-feira, um regimento de artilharia francês, destinado a reforçar a Força de Reacção Rápida (FRR), deixou Toulon a caminho da Bósnia, a bordo do "Neptune Olympic", um navio mercante grego especialmente fretado pelas autoridades francesas. A bordo seguiam 400 soldados do 40º regimento de artilharia e 130 veículos, incluindo 30 tanques AMX-30 dotados de canhões de 155 mm de longo alcance, segundo fontes militares francesas referidas pela Lusa.

O regimento rumou ao porto de Ploce, no sul da Croácia.

Enquanto isso, os Estados Unidos começaram a evacuar a sua embaixada na capital croata, Zagreb, segundo informações veiculadas pelo jornal "Die Press", de Viena, que cita "fontes ocidentais dignas de crédito".

Por seu turno, o enviado especial das Nações Unidas na ex-Jugoslávia, Yasushi Akashi, afirmou anteontem que a Croácia "parece pronta a atacar" os sérvios da Krajina (não reconhecida internacionalmente), e que "o perigo de uma ofensiva militar continua presente" pelo que a ONU segue "a situação com muita preocupação".

Recorda-se que a Croácia tem dito que se reserva o direito de tomar pela força outras terras em poder dos sérvios, tem estado a concentrar tropas perto do território controlado pelos sérvios e que os governos croata e bósnio concordaram nas últimas

semanas em cooperar militarmente.

Embargo

Neste cenário, o levantamento unilateral do embargo de armas à Bósnia assume proporções alarmantes. A Rússia reagiu à decisão instando o presidente Bill Clinton a vetar a decisão do senado. Para Mikhail Demurin, porta-voz adjunto do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo, o levantamento do embargo conduzirá ao fim da operação de manutenção de paz na ex-Jugoslávia; a situação, sublinhou "pode exigir um encontro ao mais alto nível", não excluindo uma cimeira entre Clinton e o presidente russo, Boris Ieltsin.

A decisão do Senado norte-americano também foi vivamente criticada pela Grã-Bretanha, Holanda, Bélgica, países europeus que têm capacetes azuis na Bósnia, bem como pelo secretário-geral da NATO, Willy Claes (ver caixa).

Para o secretário-geral da NATO, o levantamento unilateral do embargo porá em perigo a "credibilidade" da ONU e a manutenção das forças de paz na Bósnia.

Segundo Claes, um levantamento do embargo provocará uma decisão imediata dos países europeus de retirada dos seus capacetes azuis da Bósnia e os Estados Unidos "seriam, então,

convidados a enviar tropas para o terreno e a expor-se aos mesmos riscos que os seus aliados europeus".

Por seu turno, a Rússia exprimiu preocupações pela decisão da NATO de ripostar em caso de ataque sérvio contra Gorazde e acusou a Aliança Atlântica e a ONU de "privilegiar a força" na Bósnia.

Trata-se de uma decisão de "consequências imprevisíveis" e que só pode provocar uma "escalada da violência" na região dos Balcãs, disse um porta-voz do MNE russo, fazendo notar que "a força da NATO já utilizada por várias vezes no passado nunca contribuiu para garantir a segurança da população civil ou das forças de paz da ONU" na Bósnia.

Kozirev reafirmou que não se justifica uma "opção militar quando já existe uma opção política", apresentada pelo mediador da União Europeia, Carl Bildt, aos países do Grupo de Contacto. O plano prevê, nomeadamente, o reconhecimento mútuo da Jugoslávia e da Bósnia e o levantamento das sanções impostas a Belgrado.

As autoridades bósnias foram as únicas a saudar a decisão do senado norte-americano sobre o levantamento unilateral do embargo de armas destinadas à Bósnia, tendo o primeiro-ministro bósnio, Haris Silajdzic,

qualificado a decisão como "uma grande vitória da justiça" que mostra que "o povo norte-americano esteve e estará sempre do nosso lado". Siladzic exortou outros países a seguir o exemplo dos Estados Unidos e da Organização da Conferência Islâmica (OCI), que se pronunciou sexta-feira pelo não respeito do embargo.

Entretanto, para ontem, estava prevista uma reunião do mediador da União Europeia para o conflito na Bósnia, Carl Bildt, com o subsecretário de Estado norte-americano, Peter Tarnoff, em Washington. Embora se desconheçam, à hora do encerramento da nossa edição, os resultados do encontro, as perspectivas estavam à partida ensombreadas pelas declarações do ministro dos Negócios Estrangeiros iraniano, Ali Akbar Velayati, que segunda-feira conferenciou com o presidente bósnio, Alija Izetbegovic, em Mostar (sul da Bósnia). Segundo noticiou a agência croata Hina, Velayati declarou no final do encontro que "a questão bósnia se tornou uma das questões mais importantes para o mundo islâmico devido à ineficácia da comunidade internacional", sublinhando que "todos os muçulmanos dos países islâmicos estão ao lado dos muçulmanos bósnios". Uma afirmação demasiado parecida com uma ameaça.

Reacções à decisão do Senado dos EUA

* "Não é possível resolver o problema da Bósnia pela força" ou por "uma acção unilateral"

* (A decisão do Senado norte-americano) "é verdadeiramente incompreensível"

* "A força da NATO já utilizada por várias vezes no passado nunca contribuiu para garantir a segurança da população civil ou das forças de paz da ONU" (na Bósnia)

- Andrei Kozirev, ministro russo dos Negócios Estrangeiros

* (A ideia de levantar o embargo de armas destinadas à Bósnia) "é bizarra" e poderá provocar a retirada das forças da ONU e uma "escalada nos combates"

* "Os resultados seriam uma operação maciça de evacuação (da FORPRONU) realizada pela NATO, com 25 mil soldados norte-americanos no terreno e, certamente, uma guerra nos Balcãs, com todos os perigos que isso implica"

- Malcom Rifkind, ministro britânico dos Negócios Estrangeiros

* "O Senado norte-americano poderá garantir que a guerra não se generalizará nos Balcãs nos próximos meses, se o embargo for levantado e a FORPRONU se retirar?"

- Willy Claes, secretário-geral da NATO

* (O levantamento do embargo pode) "comprometer as negociações de paz"

* (A comunidade internacional deve fazer uma) "análise objectiva" (sobre o conflito da Bósnia)

* "É muito perigoso um esquema a branco e preto, em que os muçulmanos da Bósnia são considerados como os bons e os sérvios bósnios como os maus"

- Eric Deryke, ministro dos Negócios Estrangeiros belga

* (O levantamento do embargo pode provocar uma) "nova escalada militar, o fim do processo de paz"

* "Não contribui para a paz"

- Agência oficial jugoslava Tanjug

* Essa decisão viola o artigo 25 da Carta das Nações Unidas, porque o embargo foi decretado pelos Conselho de Segurança da ONU

- Porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Holanda

* (A decisão do Senado é) "uma grande vitória da justiça" que mostra que "o povo norte-americano esteve e estará sempre do nosso lado"

- Haris Silajdzic, primeiro-ministro bósnio

* "A questão bósnia tornou-se uma das questões mais importantes para o mundo islâmico devido à ineficácia da comunidade internacional"

* "Todos os muçulmanos dos países islâmicos estão ao lado dos muçulmanos bósnios"

* "Os países islâmicos estão quase a conseguir tudo o que tinham decidido em Genebra". (O Grupo de Contacto da Organização da Conferência Islâmica (OCI) sobre a Bósnia (Egipto, Irão, Malásia, Paquistão, Turquia, Arábia Saudita, Senegal, Marrocos) adoptou em 21 de Julho em Genebra uma resolução na qual se afirma que os 50 membros da organização não se consideram mais "de jure" obrigados a respeitar o embargo "ilegal e injusto" de armas com destino à Bósnia)

- Ali Akbar Velayati, ministro dos Negócios Estrangeiros iraniano.

Opções

TEVÉ ampla divulgação nos meios da Comunicação Social um documento elaborado pela Associação Industrial Portuense com os autores a espalharem a ideia de que se trata dum "Programa de Governo". Ao que consta, diversas personalidades do PS, PSD e CDS-PP participaram e deram as suas contribuições na elaboração do referido documento.

O "Diário de Notícias" de 16 de Julho, para além duma desenvolvida notícia sobre os fundamentos deste empreendimento, publica uma magnífica síntese da essência e da substância das propostas da direcção patronal da AIP. Dois verbos inundaram todo o texto: privatizar e liberalizar. Quanto às propostas concretas para além de almejar mais benefícios fiscais para os rendimentos do capital reclamam nada mais nada menos que:

- Privatizar sectores da banca, indústria, energia, comércio e serviços públicos.
- Conter (ou seja, reduzir) os salários.
- Liquidar e substituir o princípio da universalidade do direito à Segurança Social e à Saúde pelo princípio da selectividade.
- Acabar com a consagração constitucional do direito à segurança no emprego e das comissões de trabalhadores e da proibição dos despedimentos sem justa causa.
- Flexibilizar e desregulamentar ainda mais as leis do trabalho designadamente no que se refere ao período experimental, atribuição de férias e horários de trabalho.

área do CDS-PP, PSD e PS.

Não espanta que os partidos de direita se identifiquem com tais propostas. O CDS fê-las no processo de revisão constitucional e na discussão dos sucessivos pacotes laborais e o Governo do PSD

subscreeu no fundamental, as propostas da CIP. Mas e o PS? Não é Daniel Bessa referenciado como um dos colaboradores das propostas da AIP, um destacado responsável do PS para a área económica com grande azáfama e protagonismo oficial e oficioso nas conferências de imprensa e em entrevistas para os jornais?

A acusação do envolvimento e de identificação do PS com estas propostas é tanto mais legítima quando quase em simultânea ao surgimento das propostas da AIP veio o mesmo Bessa pronunciar-se publicamente que os salários e o emprego não iriam crescer. Leia-se também o "Expresso" de 15/07 onde a voz autorizada do deputado socialista Eurico de Figueiredo reconhecia que "mesmo nas conclusões dos Estados Gerais do PS se optou por uma via que tende à liquidação do Serviço Nacional de Saúde". Recorde-se ainda as declarações do indiciado ministerial Henrique Neto que para além de criticar o Governo pelo atraso das privatizações na Indústria concluía que a Economia não se compadece com questões sociais.

O Sr. Engenheiro Guterres, avalizando tais declarações com



JERÓNIMO DE SOUSA
Membro da Comissão Política

Com o reforço do PCP/CDU não serão frustrados ideais e esperanças

assiste-se ao aumento dos despedimentos, da precarização, da insegurança, do medo, do medo sim, de ir engrossar o número de 450 mil desempregados, medo que autocondiciona o exercício de direitos colectivos que a Constituição consagra como património e condição da democracia. Solidariedade com a direcção patronal da AIP com as suas propostas e exigências de flexibilizar e desregulamentar as leis do trabalho?

É uma opção que se pode fazer. Mas nunca numa opção de esquerda se assumirmos que **as grandes causas sociais e a justiça que elas comportam e delas decorrem são intrínsecas à própria esquerda**. E não se diga que a conjuntura e as disponibilidades orçamentais condicionam as opções e impõem novos e redobrados sacrifícios a quem trabalha. Assistiríamos tão-só à repetição da política que os governos do PS executaram.

São opções de submissão ao lucro e ao privilégio duma minoria sempre insaciável que à fortuna quer acrescentar fortuna e o comando das alavancas fundamentais da economia.

Que grande mistificação fez o Secretário-geral do PS quando se interrogava sobre os principais objectivos do PCP nesta batalha eleitoral. Derrotar a direita e a sua política é um

combate que vem muito antes da pré-campanha. Na Assembleia da República, em torno do Tratado de Maastricht, do Orçamento do Estado, no combate aos pacotes laborais, ao escândalo das privatizações, à corrupção e ao clientelismo, nas empresas, junto dos trabalhadores, dos estudantes, dos agricultores, dos utentes da Ponte 25 de Abril, nunca o PCP regateou esforços nem a sua luta militante, tantas vezes perante o silêncio, as posições equívocas e até cumplicidades inaceitáveis do PS, para enfraquecer, suste e isolar o PSD no plano social e eleitoral.

Foi esse caudal crescente de descontentamento, protesto e luta que determinou as condições e despertou novas consciências para a necessidade de derrotar a direita e de uma efectiva mudança na vida política nacional.

A crítica que fazemos ao PS é fazer a leitura por metade, destes sentimentos pensando muito na alteração do poder e bem pouco na alteração da política.

O apelar e conquistar o voto dum trabalhador, dum agricultor, dum jovem, pressupõe assumir por inteiro as

suas mais justas aspirações e interesses, não as trair ou esquecer quando se chega a S. Bento porque isso faria com que, mais do que retirar credibilidade a um partido em eleições futuras surgissem novas descrenças na democracia, particularmente se em nome da esquerda se executasse uma política de direita. E diga-se uma outra coisa: o voto de vinte dirigentes da AIP valem exactissimamente a mesma coisa que vinte trabalhadores têxteis. A questão está em saber como cada partido pesa e se identifica com as propostas desses vinte e as aspirações da esmagadora maioria dos portugueses onde se incluem as classes trabalhadoras.

A valorização que fazemos da necessidade do reforço do PCP e da CDU reside na convicção profunda de que com esse reforço não serão frustrados ideais e esperanças, de que não só é necessário como possível um futuro melhor, onde o progresso e o desenvolvimento sejam inseparáveis da justiça social.



Tem algum significado que a AIP, representando como representa muitos pequenos e médios empresários do Norte, venha, pela mão da sua nova Direcção, fazer um realinhamento com a CIP decalcando as propostas que constituem actualmente objectivos estratégicos do grande capital. Basta relembra a última proposta da CIP feita em sede de concertação social durante o processo do fracassado Acordo para constatar que os autores e colaboradores deste "Programa" descobriram a pólvora.

Sem dúvida que este realinhamento da AIP com a essência e a substância das propostas mais retrógradas e trauliteiras que fazem correr a CIP é inquietante. Como inquietante é o facto do poder económico se arrogue já no papel do partido do dinheiro para determinar a vida política nacional e as políticas a seguir, constitucionalmente atribuídas aos partidos.

Mais grave ainda é o facto, não desmentido, de nesse "Programa de Governo" terem participado destacadas figuras partidárias, alguns candidatos a deputados em posição elegível da

o seu silêncio, incomoda-se muito com as críticas do PCP sobre as suas posições quanto à União Europeia e às questões nucleares no plano económico e social.

Seria mais lógico e necessário o desmentido do que o incómodo.

Mas o PS, apesar e para além de tudo tinha como "jóia da coroa" o princípio da solidariedade que foi factor de atracção e centro de gravidade das iniciativas dos Estados Gerais.

Solidariedade como e com quem?

A AIP reclama a contenção dos salários e no entanto os rendimentos do trabalho têm sido cada vez mais penalizados e diminuídos no rendimento nacional em desfavor do lucro.

Os trabalhadores reclamam o real crescimento dos seus salários tão maltratados pela política do PSD. Por quem opta o PS?

Em milhares de empresas, com lei, sem lei ou contra a lei,



Que significado tem para a mulher desempregada, para a mulher despedida, para a mulher a quem a formação profissional nada diz por falta de saídas profissionais, para a mulher que não pode ter o seu filho em creche ou jardim de infância, para a mulher que em casa tem de cuidar dos idosos, uma qualquer quota fixada pelos partidos para as mulheres? As quotas afadigam, de facto, as senhoras de uma determinada classe.

A afirmação, naturalmente polémica - ou não abundassem por aí afadigadas figuras que à aproximação dos actos eleitorais se lembram que as mulheres existem - é da deputada Odete Santos, candidata da CDU pelo distrito de Setúbal, e foi proferida aquando da sua intervenção na recente apresentação do Compromisso CDU com as mulheres portuguesas. Uma intervenção que hoje retomamos, porque vale sempre a pena lembrar que o PCP e os seus aliados na Coligação Democrática Unitária prosseguem todo o ano, todos os anos, a luta pela efectiva igualdade de direitos das mulheres.

A emancipação da mulher e a consagração da mesma por via legislativa, como lembrou Odete Santos, reúne aparentemente o consenso dos diferentes partidos, mas apenas quando se está no domínio das intenções, pois quando se trata de passar à prática "acaba por revelar-se, sempre, numa área em que a luta de classes está omnipresente".

Os exemplos dessa luta não faltam. Basta um olhar atento ao que foi a última legislatura para perceber quão facilmente estala o verniz das belas declarações da direita sobre as mulheres e o seu direito à igualdade.

Refresquemos a memória através do levantamento feito pela deputada Odete Santos:

- Foi o Grupo Parlamentar do PCP quem denunciou as discriminações que se abatem sobre as mulheres portuguesas, em resultado da política de direita

- Foi o Grupo Parlamentar do PCP quem sempre denunciou os resultados nefastos desta política no estatuto familiar, profissional e social das cidadãs portuguesas.

- Foi o Grupo Parlamentar do PCP quem demonstrou que a vitimação da mulher, a diminuição dos seus direitos, se estabelecia em simultaneidade com os ataques aos direitos dos trabalhadores, com as exclusões sociais, com o aumento do fosso entre pobres e ricos.

- Foi o Grupo Parlamentar do PCP quem demonstrou a necessidade de uma mudança política como passo importante para a conquista da igualdade real, sem a qual não está realizada a Democracia.

É claro que em períodos eleitorais, a exemplo do que sucede em datas específicas, como nas comemorações do dia 8 de Março, os partidos que têm ou já tiveram responsabilidades governativas - o PSD, o PS e o CDS - proclamam a necessidade de levar à prática os direitos consagrados na Constituição e nas leis, relativamente às mulheres. Mas nos seus inflamados discursos, em particular na Assembleia da República onde se podem tomar medidas concretas, nas mais das vezes, com destaque para o PSD e o CDS, reduzem a questão a um mero problema de mentalidades. Ou seja, as condições estariam criadas para que aquela igualdade se efectivasse e todos os problemas se reduziriam às resistências culturais providas de milénios.

Será assim?

Quando o B.C.P. rejeita mulheres por entender que as suas obrigações familiares impedem a sua total disponibilidade para o trabalho é só uma questão cultural que está em causa?

Quando as empresas usam como critérios para a admissão ao emprego o facto de uma mulher não ter filhos, não ser casada, não pensar casar, não guardar o leito no período menstrual, é só uma questão de mentalidades que está em causa?

É evidente que não, como ficou claro na apresentação do Compromisso CDU.

O que está em causa

O que está em causa é a exploração dos trabalhadores através da imposição da sua total disponibilidade para o trabalho, à custa da redução dos tempos de lazer e com a sua subordinação às necessidades do máximo lucro do grande patronato.

O que está em causa é a total desprotecção das famílias dos trabalhadores, sacrificadas à maximização dos lucros.

O que está em causa é a exigência pelo grande patronato da flexibilização, da mobilização da mão-de-obra. Uma exigência prote-

gida por Bruxelas, capital da tal Europa que se diz pretender dos cidadãos mas que objectivamente se afirma cada vez mais como a do grande capital.

Desta política são vítimas todos os trabalhadores. Desta política são vítimas as mulheres. Desta política são vítimas as famílias daqueles que vendem a sua força de trabalho.

Como lembrou Odete Santos, "são exigências deste jaez, facilitando os despedimentos, limitando o acesso ao emprego, violando o direito à maternidade e à paternidade que transformam em desajeitadas parangonas as declarações, meramente formais, sobre a igualdade, dos partidos que defendem os alicerces de uma sociedade desigual e injusta, e que transformam em declarações meramente piedosas as directivas de Bruxelas, centro para o qual nos recusamos a transferir competências do parlamento nacional".

Os exemplos, infelizmente, abundam:

- A Assembleia da República, por iniciativa do Governo, aprovou uma Convenção da O.I.T. sobre trabalho nocturno, lesiva dos direitos das mulheres e das suas famílias, dos direitos dos trabalhadores. Trata-se de uma Convenção que, para além de impor às mulheres operárias a obrigatoriedade de prestação de trabalho nocturno, quando ditado pela entidade patronal, alarga para todos os trabalhadores a obrigação de prestar trabalho extraordinário. Sem a devida remuneração.

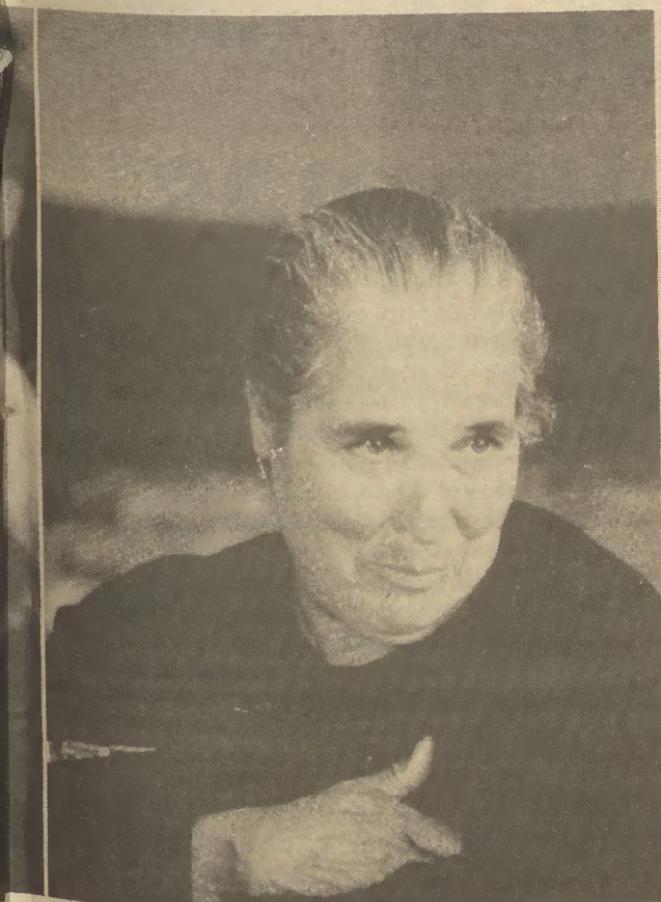
- A Assembleia da República, por iniciativa do Governo, aprovou uma Directiva da União Europeia, relativa à maternidade, na qual o Governo introduziu alterações para piorar a legislação existente.

- Segundo a proposta do Governo, que o PSD aprovou (bem como o PS e o CDS), o período das 20 às 24 horas deixa de ser (para as mulheres) trabalho nocturno, ao contrário do que acontece no Decreto-Lei 409/71.

- O Governo português propôs e obteve a aprovação (com a oposição do PCP e dos seus aliados na CDU) a revogação do direito a licenças especiais em caso de nado-morto, ou de morte do recém-nascido.

E se é justo salientar como aspecto positivo a aprovação de um dos Projectos de Lei do PCP apresentado nesta legislatura, que concede a pais de filhos deficientes (até 1 ano de idade destes) o direito à redução do horário de trabalho, sem redução do vencimento, não é menos de lamentar que o PSD tenha reduzido a amplitude do Projecto, admitindo apenas a redução de 1 hora por dia, quando o que se previa era uma redução de 2 horas.

Mulheres de



O PCP propõe... os outros rejeitam

Muitas foram as iniciativas legislativas apresentadas pelo Grupo Parlamentar do PCP que, por oposição, surda ou declarada do PSD, em particular, não chegaram a conhecer as páginas do Diário da República.

Vejam alguns exemplos:

- **Projecto de Lei para reforço dos Direitos das Associações de Mulheres, que consagra para as Associações o estatuto de parceiro social, através da sua representação no Conselho Económico e Social.**

Embora aprovado na generalidade há mais de 3 anos, o Projecto marcou passo na Subcomissão para a Igualdade da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias. Apesar de várias insistências, redobradas já no fim da legislatura, para que fosse discutido na especialidade, foi visível, quer através da presidente da subcomissão, uma deputada do PSD, quer através do presidente da comissão, também do PSD, a indisponibilidade deste partido para levar ao fim o processo legislativo. O PCP propõe-se repô-lo na próxima legislatura.

- **Projecto de Lei para eliminação das discriminações no acesso ao emprego, o PL nº 99/VI, nascido do famoso caso B.C.P., e tendo em conta uma Recomendação do senhor Provedor de Justiça, Dr. Mário Raposo, e as deliberações da CITE sobre o caso B.C.P.**

Apresentado também há mais de 3 anos, o Projecto de Lei foi aprovado na generalidade, mas conheceu diversos entraves colocados pelo PSD para aprovação na especialidade, desde a recusa, pela então Presidente da Assembleia em exercício, Drª Leonor Beleza, do relatório da Comissão de Trabalho sobre a votação na especialidade, até ao voto contra do PSD na votação final global a que o Projecto foi submetido no último plenário da legislatura.

Sobre este caso, verdadeiramente escandaloso, a deputada Odete Santos esclareceu que o Projecto fora aprovado na especialidade por todos os partidos numa reunião da Comissão de Trabalho, realizada após insistências várias dos deputados comunistas. O Projecto, sublinhou, "assimilava todas as propostas elaboradas pelo PSD, uma que outra reduzindo o alcance do Projecto inicial", mas mesmo assim, em plenário, o PSD votou contra.

Para a deputada comunista, "não se tratou de qualquer vingança resultante de, no mesmo dia, o PSD não ter conseguido aprovação das leis militares". O voto contra teve outro significado: encostado à parede, com a inevitabilidade da votação final global sobre

o diploma, o voto contra do PSD tem uma marca de classe, pois o diploma impunha limitações aos poderes do grande patronato e consagrava, para estes, novas obrigações e penalidades, em nome do direito à igualdade.

O PSD votou contra o diploma, em defesa dos interesses que defende.

- **Projecto relativo às Uniões de Facto, destinado a facilitar a prova das mesmas e a obtenção célere de uma decisão judicial.** Na mira deste projecto está um diploma do Governo que enreda os titulares de direitos em razão da união de facto num processo judicial moroso.

- **Pelo caminho ficou ainda uma iniciativa legislativa sobre licença especial, retribuída, de pais de filhos deficientes.**

- **Pelo caminho ficaram também, porque o PSD as rejeitou, as propostas que o PCP apresentou no âmbito do Código Penal.** Aí, na lei penal, os comunistas reformularam todo o capítulo relativo a crimes sexuais, erradicando do diploma, por completo, as concepções que ainda lá permanecem de discriminação da mulher, por exemplo, através da manutenção do valor mercantil da virgindade como bem jurídico superior ao da sua dignidade e liberdade.

- **Outro tanto sucedeu à proposta de manutenção da criminalização da exploração de mulheres, através do lenocínio, ainda que sem prova do fim lucrativo.** Aí, a opção do Governo foi a de descriminalizar.

- **O PCP propôs igualmente o reforço das penalidades na utilização de menores na pornografia.** O Governo começou por prever apenas 1 ano de prisão.

- **Na Interrupção Voluntária da Gravidez, o PCP propôs, com a oposição do PSD e do CDS, a despenalização do aborto por motivos económicos e sociais.** Rejeitada foi também a proposta de alargamento para 22 semanas do período em que pode fazer-se o aborto eugénico.

Vale a pena votar CDU

Do que foi dito, forçoso se torna concluir que a actividade do Grupo Parlamentar do PCP, no que toca aos direitos das mulheres, tem um balanço claramente positivo. O mesmo não poderão afirmar outras forças políticas, que por falta de protagonismo ou deliberada oposição, não só não contribuíram para a emancipação feminina como objectivamente ajudaram a manter e a reforçar a sua discriminação.

Na hora do apelo ao voto, é pois legítimo afirmar que as mulheres portuguesas têm acrescidas razões para dar o seu voto à CDU nas próximas eleições legislativas, porque - como mais uma vez a última legislatura confirmou - com esse voto as mulheres poderão contar com deputados que verdadeiramente defendem a sua emancipação, o seu direito à igualdade.

Votando na CDU, as mulheres portuguesas poderão contar com deputados que defendem para o País, sem hesitações nem sofismas, uma política que garante a todos os portugueses e portuguesas a democracia política, económica, social e cultural inscrita na Constituição da República.

Só com essa política - como sublinhou na sua intervenção Odete Santos - é possível a democracia participativa. Só com essa política é possível ampliar e assegurar a participação da mulher no Poder Político. Só com essa política poderão desaparecer os entraves económicos, sociais e culturais à participação das mulheres nas listas de candidatos para os órgãos do Poder Político.

Na verdade, como interrogou a deputada, que significado tem para a mulher desempregada, para a mulher despedida, para a mulher a quem a formação profissional nada diz por falta de saídas profissionais, para a mulher que não pode ter o seu filho em creche ou jardim de infância, para a mulher que em casa tem de cuidar dos idosos, uma qualquer quota fixada pelos partidos para as mulheres? As quotas afadigam, de facto, as senhoras de uma determinada classe.

Não é isso o que aspiram as mulheres portuguesas, mas sim uma verdadeira democracia que, essa, sim, verdadeiramente lhes garante o acesso ao Poder Político que diariamente se exerce na participação na vida pública, por variadas formas.

Um poder - como Odete Santos não se esqueceu de lembrar - que lhes é roubado, que lhes foi sendo roubado a partir da destruição das conquistas de Abril, a partir da precarização do emprego (iniciada com um Governo PS), das privatizações, da destruição da Reforma Agrária.

Não é de partidos que as ostentam como troféus ou objectos de adorno que as mulheres precisam.

Não é votando em partidos que as pretendem manter na menoridade política que as mulheres conquistarão o seu direito à igualdade.

As mulheres necessitam de uma política de esquerda. E isso, só com a CDU, só com o reforço do grupo parlamentar do PCP.

e todo o ano

No tempo das incertezas...

■ Jorge André

Os bispos e as utopias

«Utopia»: *Concepção imaginária de um governo ideal. Sistema ou projecto que parece irrealizável»*

(dos Dicionários)

A primeira semana de Julho ficou assinalada, na área sociológica das religiões, pela realização em Havana do «I Encontro Internacional de Estudos Socio-Religiosos», uma iniciativa patrocinada por altas instituições de renome mundial, como a UNESCO, o Conselho Mundial das Igrejas ou a Academia das Ciências de Cuba.

O tema central da ordem de trabalhos do Encontro desdobrava-se em factores de grande complexidade mas, igualmente, muito actuais e reclamando uma atenção urgente que os tempos mais próximos não deixarão, certamente, de acentuar. Em resumo, propunha-se uma reflexão sobre a importância do contributo religioso nas transformações sociais contemporâneas; e orientava-se o debate para uma abordagem interdisciplinar, de forma a que dela pudesse resultar uma perspectiva multifacetada deste fenómeno, a partir de áreas tão distintas como a política, a confessional, a sociológica, etc. Um outro objectivo importante visado neste Encontro apontava para um esforço de compreensão e de avaliação dos níveis de vitalidade mantidos pelas utopias tradicionais ou pelas propostas clássicas de organização social, face aos desafios lançados pelas novas seitas religiosas ou aos projectos institucionais mal sistematizados que vão surgindo um pouco por toda a parte.

Em Portugal, a milhares de quilómetros do Encontro de Havana, justamente no dia do início dos debates, publicava-se

tabilizador) das transformações que se verificam nas actuais comunidades humanas. Esta posição laica é imposta por duas razões principais cuja evidência deve ser frontalmente

reconhecida: globalmente, as religiões têm conservado a sua dinâmica própria; e, no essencial, têm sido capazes de se adaptar às novas circunstâncias e de se conservar em movimento.

Medidas nas suas diferentes dimensões, as religiões organizadas mantiveram-se, ao longo de todo o século XX, como forças sociais que seria absurdo ignorar. Mesmo as fragmentações registadas, sobretudo, nos últimos dez anos, poderão eventualmente revelar-se como acidente passageiro. É importante, por outro lado, reconhecer-se que as grandes religiões, essencialmente conservadoras, tenderam a enfraquecer a sua vertente ideológica e espiritual e a privilegiar as suas formações políticas e económicas de cobertura confessional. Entraram em crise aberta que separa cada vez mais as hierarquias e as populações de crenças. As suas igrejas não conseguiram, até agora, encontrar saídas válidas para este gravíssimo problema central que se inscreve no âmbito geral das relações entre as religiões e o mundo profano.

É inegável que a secularização acelerada das instituições religiosas tradicionais, visando a organização tecnocrática e o lucro, libertou a religiosidade pura em sectores importantes de fiéis que procuraram, então, estruturar os sentimentos transferindo-se para novas confissões o que continua a acontecer por entre circunstâncias particularmente instáveis: em função das crises de identi-

referências tradicionais e passou a vaguear por labirintos até então ignorados. Trata-se de um processo que em parte explica o inesperado êxito alcançado pelas novas seitas religiosas.

Os observadores, em Havana, estiveram atentos a todos estes sinais e aos sentidos contraditórios que o fenómeno religioso contém do ponto de vista social: degrada-se, reconstitui-se, transforma-se e movimenta-se, é frágil mas sempre sobrevive. As grandes igrejas estarão, possivelmente, condenadas, mas isso pouco terá a ver com as religiões que elas actualmente representam. Socialmente, o perigo consiste, para o futuro das comunidades humanas, na explosão eclesial que transforme cada grande sistema religioso em miríades de seitas que, logicamente, se virão mais tarde a reagrupar formando, então, fortíssimas novas igrejas hegemónicas pelos fundamentalismos.

Os bispos e as utopias

O texto a que, em segundo lugar, se aludiu no início das presentes linhas, teve a assinatura do padre Joaquim Cardozo Duarte – teólogo, professor universitário e quadro superior da Comissão Episcopal para as Comunicações da Igreja. Um homem que, quando fala, é entendido como um «porta-voz» de um largo sector da hierarquia portuguesa.

A visão que este sacerdote confessa ter da problemática das relações igreja/mundo revela-se situada nos antípodas, não apenas das perspectivas de Havana mas – o que é bem mais grave! – da herança teológica legada pelo Concílio Vaticano II. O padre não perderia o seu tempo se relesse as comunicações conciliares fundamentais, como a dos «Profetas na Cidade Secular», e nelas reencontrasse um pouco da pureza de espírito cuja ausência tão claramente se faz notar no seu artigo: procura sincera da verdade, humildade no erro, análise da acção pastoral exclusivamente à luz da ética da situação, solidariedade para com os homens, subsidiariedade nas decisões da igreja em relação ao mundo, etc.

O padre-teólogo preferiu caminhar à margem de todos esses valores essenciais. Escreveu um texto armadilhado com todos os truques pequenos das ciladas politiqueras que ele tanto deve admirar nos analistas políticos provincianos que enxameiam Portugal. Prestou um péssimo serviço à sua igreja e ao povo católico português.

Entretanto, em tudo aquilo que o p. Cardozo Duarte deixou escrito no seu artigo, há uma passagem que pode merecer a aprovação de todos quantos se esforçam em contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e de um futuro colectivo mais digno. É quando, ainda que de passagem, o autor anota que os programas partidários nacionais revelam uma geral tendência para a uniformização e para a tecnocratização.

Como seria de esperar, o p. Cardozo «nívela por baixo» e mete todos os programas no mesmo saco. O que é injusto. Mesmo assim, o comentário não deixa de ser globalmente correcto.

Não é por acaso que temos assistido ao desaparecimento das projecções utópicas (no sentido que os dicionaristas acima citados dão ao conceito de «utopia») das suas imagens ideológicas iniciais: no campo social-democrata, a utopia da igualdade de direitos; e no campo liberal, a utopia da sociedade da abundância. À irradiação destas propostas utópicas do futuro dos respectivos programas partidários, correspondeu naturalmente e alteração profunda do significado das suas acções políticas e a sobrevalorização daquilo que passou a ser considerado como lucro possível e a curto prazo.

Os Comunistas também têm a sua utopia – a sociedade sem classes – «concepção imaginária de um governo ideal». É o objectivo final do seu projecto de transformação do mundo, a proposta escatológica que não retiraram e nunca retirarão dos seus programas de acção. E isto distingue o seu partido, entre outras coisas mais (honestidade, dedicação ao povo, sentido de unidade e abertura, etc.), de grande parte dos outros partidos políticos que preenchem o actual espectro partidário.

O p. Cardozo Duarte, óbvio representante de uma ala oportunista do episcopado português, conhece bem todos estes detalhes do panorama político português mas prefere calar-se. Pior do que isso, procura afastar as atenções do essencial.

Por isso se afadiga (ele, que é teólogo!) em misturar os conceitos de «igreja» e de «religião», em propor ao jornal para onde escreve novas formas insidiosas destinadas a colocar eleitoralmente em cheque certos partidos em claro benefício daqueles que mais convêm aos interesses materiais da igreja.

É pena que haja bispos portugueses que assim continuem a pensar e a agir. O futuro os desautorizará.



num diário de grande tiragem (DN, 2.7.95) um artigo de opinião, assinado por um vulto destacado do aparelho católico, expressivamente intitulado «A Igreja e a Política».

Admite-se, sem esforço, que a semelhança dos temas propostos pelos sociólogos, em Cuba, e pelo teólogo português, tenha sido puramente accidental. Mas o facto é que, num lado e noutro, convergem as mesmas preocupações. Nestes tempos de incertezas, os homens, em certos casos, procuram entender o seu presente em função do futuro. Mas nem sempre isso acontece. Como veremos.

Religiões e trocas sociais

O plano temático escolhido para os trabalhos do Encontro em Havana é em si mesmo elucidativo, matéria que justifica todas as atenções. As religiões não são consideradas em sentido metafísico, descarnadas e separadas da vida social. Pelo contrário, a afirmação religiosa é estudada a partir da aceitação do facto de que ela pode representar um factor estruturante (ou um factor deses-

truturação) cultural geradas pelas profundas contradições existentes entre o progresso afirmado pelas conquistas tecnológicas e a progressiva pauperização das populações; pelo meio dos traumas sofridos por vastas massas populares como consequência do desmoronamento das estruturas estatais do Socialismo, no Centro e no Leste da Europa; na esteira das angústias e dos sofrimentos colectivos talhados pela aplicação de processos brutais de globalização forçada ao serviço dos interesses neoliberais; como consequência das rupturas emocionais rasgadas pelo esmagamento das formas de relação tradicionais, entre o cidadão e o Estado, entre o indivíduo e a comunidade ou entre a pessoa e a família, laços desfeitos logo que o sistema impôs a substituição, na escala dos valores, da solidariedade pelo sucesso pessoal e da ética de comportamento pelo poder do monetarismo; nas convulsões que assinalaram o recrudescimento dos nacionalismos adormecidos; com as explosões de revolta, justas mas desenquadradas, causadas pelo desemprego, pelos excessos da repressão, pela ausência de diálogo ou pela deterioração das condições de vida das camadas humildes da população.

Liberta da rigidez disciplinadora dos grandes sistemas eclesásticos em declínio, a religiosidade individual perdeu as suas

■ Daniel
do Rosário

Notícias da Bielorrússia

Tendo em conta a informação que recebemos do que se passa na ex-URSS, nomeadamente na Rússia, que nos fala da constante deterioração das condições de vida da população, a situação que se vive actualmente na Bielorrússia contraria, de certa forma, esta expectativa. Foi uma das constatações que uma delegação da JCP, recentemente deslocada àquele país, pôde fazer. No entanto, a afirmação inicial não quer dizer que não haja problemas, porque os há e muitos, mas que a situação parece, pelo menos aparentemente, minimamente estável e equilibrada.

A proclamação da independência, a negação das ideias e conquistas socialistas e a consequente adopção de um modelo de «desenvolvimento» capitalista não mergulhou imediatamente, ao contrário do que sucede(u) na maioria dos países ditos ex-socialistas, o país numa profunda crise económica, social e política.

O que não significa que isso não venha a acontecer nos próximos tempos.

Até à desagregação da URSS, a Bielorrússia, enquanto república integrante da União, desenvolveu a sua economia e aparelho produtivo no seio da mesma, ou seja, não no sentido de responder às suas necessidades de país em 10 milhões de habitantes mas sim no sentido de se integrar no aparelho pro-

duativo do maior país do mundo. O que levou a que, apesar de se ter especializado em algumas áreas (produção de alguns produtos agrícolas e fabrico de tecnologia de ponta), as principais actividades económicas desenvolvidas no seu território estavam integradas no espaço económico da União Soviética, o que fazia que, naturalmente, dela dependesse em muitos aspectos. Assim, na Bielorrússia funcionavam duas das maiores refinarias do país (URSS) onde

era recebido petróleo extraído no Cáucaso e Rússia e que, posteriormente, era distribuído por toda a União Soviética. Só que com a desagregação desta, unidades produtivas como as referidas pararam automaticamente de laborar, deixando sem trabalho, no caso, mais de 20 mil trabalhadores. Este é apenas um dos muitos casos semelhantes. Senão, vejamos a produção de tractores agrícolas, o famoso «Belarus». A sua produção atinja os 100 mil unidades/ano, sendo que apenas 4/5 mil eram utilizados no território da República, enquanto que o resto era dividido em exportações e distribuição pelas restantes repúblicas da União Soviética. Inevitavelmente levanta-se a questão: o que fazer com esta produção? Onde ir buscar os demais produtos que eram assegurados no seio da URSS?

O desagregar da União Soviética significou também o desagregar de um espaço e equilíbrio económicos estabelecidos e seguros, cuja destruição em nada abonou em favor da economia dos jovens estados emergentes. As consequências: o caos económico e o endividamento às grandes estruturas económicas mundiais, como o FMI. Têm sido precisamente estas injeções de capital que, a par de uma política de «tapa-buraco» levada a cabo pelo Presidente Lukashenko, têm evitado que o País mergulhe de cabeça no caos.

É esta ginástica de endividamento orçamental que tem permitido que a população consiga manter um nível de vida minimamente digno. Esta ginástica e a ambígua política do controverso Presidente Lukashenko que ainda não permitiu o início das privatizações desenfreadas (chegou mesmo a «nacionalizar» sectores privatizados na euforia inicial) e que conservou grande parte da herança soviética no que diz respeito à saúde e educação. Da mesma forma mantém-se o antigo sistema de produção agrícola colectivo, com o Kolkoze por base.

Mas por quanto tempo será possível manter esta situação? Durante quanto tempo conseguirá o Estado continuar a pagar a milhares de trabalhadores que se encontram inactivos para evitar que o desemprego dispare (como os trabalhadores da refinaria, por exemplo)?

Desta forma, a Bielorrússia encontra-se numa encruzilhada quanto ao caminho a seguir: ou para ocidente, para os braços da União Europeia, com o alto patrocínio do FMI e de potências ocidentais como a Alemanha e os inevitáveis Estados Unidos, como defendem os Partidos de direita e nacionalistas, destruindo o que resta das conquistas socialistas e lançando o país na selva capitalista, ou no sentido de restabelecer o espaço económico criado pela União Soviética, o que passa por uma reaproximação à Rússia, como é defendido pela maioria da população e pelos partidos progressistas e de esquerda, entre os quais o Partido dos Comunistas da Bielorrússia.

À semelhança do que aconteceu em toda a União Soviética, também o Partido Comunista da Bielorrússia e o Komsomol da república foram ilegalizados em Agosto de 1991, na altura com 480 mil e 700 mil membros, respectivamente. A ilegalização foi acompanhada da expropriação de todas as posses e bens.

No entanto, logo em Dezembro do mesmo ano, foi formado o Partido dos Comunistas da Bielorrússia (que adoptou esta designação por forma a evitar a clandestinidade, uma vez que a ilegalização se referia ao Partido Comunista) que conta agora com 26 mil membros, uma importante representação parlamentar e uma crescente aceitação das suas propostas por parte da população, como atestam os resultados das eleições e referendos recentemente realizados.

Nas eleições para o Soviete Supremo (que manteve esta designação), devido à elevada taxa de abstenção foram apenas eleitos 119 dos 260 deputados (as eleições são uninominais e as eleições são repetidas se a abstenção chegar aos 50%), sendo os restantes 141 eleitos em Novembro deste ano. Dos eleitos, 28 são comunistas e formam, com mais sete partidos e movimentos sociais, o bloco de esquerda do Soviete Supremo, que detém a maioria. O Partido que elegeu mais deputados foi o Agrário (30) que integra o mesmo bloco. Actualmente, o Parlamento tem poderes muito reduzidos devido ao facto de não terem sido eleitos pelo menos 2/3 dos deputados.

Relativamente às eleições de Novembro, os objectivos do PCB são, em primeiro lugar, garantir a eleição de pelo menos 2/3 do Soviete Supremo, por forma a que esta instituição possa funcionar e, dentro do total de deputados que for eleito, manter a actual proporção do bloco de esquerda. Esperam assim vir a conseguir o peso suficiente que obrigue o Presidente Lukashenko (eleito directamente) a adoptar definitivamente uma política de esquerda.

Os resultados do referendo revelaram o apoio esmagador da população às principais propostas: aproximação da Rússia, restabelecimento dos símbolos do tempo da União Soviética (mas sem a foice e o martelo), restabelecimento do russo como uma das línguas oficiais e consagração de maiores poderes ao Presidente.

Estas propostas foram apresentadas pelo próprio Presidente do país e eram, à excepção da última, questões incluídas no programa do PCB.

Também o Komsomol da Bielorrússia luta por se reorganizar e pela defesa dos direitos dos jovens do país.

A organização dos jovens Comunistas manteve os seus símbolos da União Comunista Leninista da Juventude da Bielorrússia e conta actualmente com cerca de 1200 militantes.

O que não se revela tarefa fácil, uma vez que a grande maioria dos jovens bielorrussos ainda se encontra iludida pelas promessas de prosperidade e enriquecimentos fácil prometidos pelos defensores e promotores da aplicação da economia de mercado ao país. Mas apesar disso alguns já começam a sentir a «prosperidade» na pele e a perguntar pelas garantias de emprego e de apoio aos jovens casais e às jovens mães entretanto extintos.



PONTOS CARDEAIS

O anti preservativo

Mais uma vez se prova que a realidade é mais fantástica que a mais delirante ficção: Mota Amaral, presidente do Governo Regional dos Açores, decidiu, do alto da sua reacção malsã, proibir a afixação dos cartazes que fazem parte da campanha europeia de Verão contra a SIDA e que o nosso País, naturalmente, acolheu. Apesar de, como assinala uma nota da DORAA do PCP, os dados revelados demonstrarem que a SIDA está a aumentar nos Açores, «sendo fácil de prever que, no caso de não haver um combate objectivo com divulgação profusa dos únicos meios existentes para a prevenção da doença, haverá um veloz crescimento desse flagelo», ao dr. Bosco o que o preocupa é o preservativo que ilustra o cartaz. «Não é conveniente para a Região», acha ele.

Com achamentos destes, quem mais uma vez prova que não é conveniente para os Açores é Mota Amaral.

A carta

«No caminho de desenvolvimento que temos vindo a percorrer» diz o próprio Cavaco Silva, numa carta por si assinada e enviada a todos os reformados do País, «a solidariedade e o apoio aos mais idosos são para mim uma prioridade inquestionável.» Este parágrafo «inquestionável» segue-se a um outro, não menos inquestionável, onde Cavaco confessa ter dedicado «o melhor do seu trabalho e das suas capacidades» à «construção do progresso e da modernidade». Como prova disso, garante outro parágrafo inquestionável, aí está «a evolução das pensões de reforma e o investimento na

construção de lares de terceira idade». Nesta altura, com os reformados já inquestionavelmente baralhados, surge a razão de tanto discurso: «Agora», diz Cavaco, «o Governo decidiu lançar o programa Turismo na Terceira Idade, tendo como objectivo proporcionar oportunidades de lazer e de conhecimento de novas regiões do nosso país - a preços reduzidos e em condições de segurança e assistência adequadas - aos portugueses com mais de 65 anos.» E para que não restassem dúvidas sobre os autores da «dádiva», o luxuoso folheto a cores que acompanha a carta explicita, a certa altura, este mimo: «Falta dizer que... o programa é promovido pelos Ministérios do Emprego e da

Segurança Social e do Comércio e Turismo.» O que Cavaco não explica na sua carta é porque o seu Governo decidiu só lançar «agora» este programa, quando estamos a três meses das eleições. Como também não explica como dá 50% de desconto nas férias de pelo menos um milhão de reformados com mais de 65 anos, quando o País nem sequer tem estruturas hoteleiras para acolher tanta gente... Como, finalmente, não explica que o seu Governo enviou, pelo correio, qualquer coisa como dois milhões de cartas à média de, pelo menos, 300\$00 cada - o que dá uma conta astronómica para propaganda do Governo do PSD com o dinheiro dos contribuintes. E ainda por cima mentirosa, enganadora - enfim, demagógica.

Privatizar... e pagar depois

Continuando a agir como se não estivesse em vias de ir para a rua, o Governo de Cavaco Silva continua a tomar decisões de gravidade estratégica para o País, nomeadamente no campo das privatizações. Esta semana foi mais uma machadada sobre a Petrogal, que viu nova fatia transitar para a Petrocontrol, a empresa gestora que agrupa as participações privadas na Petrogal. Na ocasião, o ministro da Indústria, Mira Amaral, anunciou ter também «acertado» com a Borealis (empresa que agrupa a antiga Neste Oy) a venda das instalações da Companhia Nacional de Petroquímica (CNP) de Sines. Desconhecem-se os montantes envolvidos nesta operação, mas sabe-se que o pagamento só será concluído dentro de cinco anos, aproximadamente! É faltar, vilanagem...

da SEMANA

«A partir de agora, o crime compensa neste novo PSD»

«» (Costa Andrade, do PSD, em «O Independente», 28.7.95)

«O PSD entrou numa fase de conservação do existente, sem grandes sopros de renovação»

«» (idem)

«(Recusei) a Ordem da Liberdade (...) porque não se coadunava com aquilo que fiz ao longo da vida»

«» (Jaimes Neves, «Tal & Qual», 28.7.95)

«No preâmbulo diz que é para os portugueses que lutaram pela democracia»

«» (idem)

«Estamos num país de doidos, de incompetentes, ou quê?»

«» (idem)

«Sempre estive na área do PPD»

«» (idem)

«Quando aqui cheguei, um empregado pediu-me um emprego para a filha. Eu disse-lhe: 'Mande-me a rapariga à Câmara para ver o que posso fazer.' Meus senhores, isto é que é fazer campanha!»

«» (Valentim Loureiro, num encontro de autarcas do PSD, citado no «Público», 28.7.95)

«Paulo Portas deixa a Direcção (do Independente) por considerar a política incompatível com o jornalismo. Manterá, no entanto, a sua coluna de opinião»

«» (O Independente, 28.7.95)

«A Foz do Douro viveu uma noite de "passerelles", com as Schiffer, Christianssen e Bruni, na Portugal Fashion, e Fernando Nogueira, apresentando um "new look", a desfilar no seu lugar de eleição»

«» (Diário de Notícias, 30.7.95)

«Fernando Nogueira nem com Claudia Schiffer se safa»

«» (Carlos Carvalhas, citado no DN, 30.7.95)

PONTOS NATURAIS

A diferença

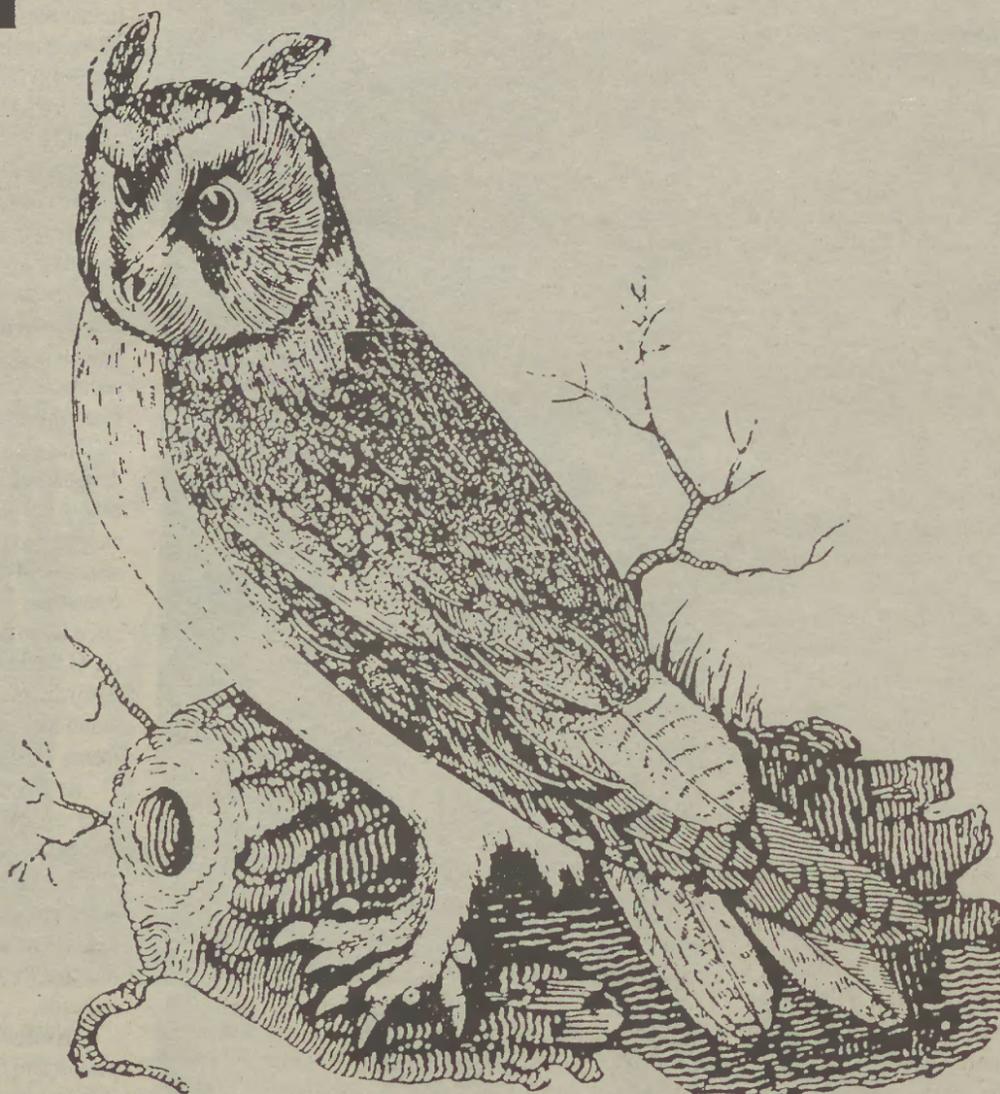
Falantes e tratantes animais vejo cada vez mais. Da raposa e do lobo hoje vos falo, então por causa não de qualquer roubo mas por severos actos sociais.

Quando isto foi, não sei. Sei que havia eleições segunda a lei e que os dois comilões eram os candidatos aos suculentos pratos.

— Votem em mim (dizia o lobo à assembleia) Comigo é uma alegria Volta e meia virei pra vos trazer esta louca vontade que em mim arde de vos comer o lombo depenado. Que eu, como podem ver, eu sou civilizado!

— Já viram monstro assim? (regougava a matreira) Cá por mim eu tenho outra maneira humana, solidária e de maior respeito. Comigo na vigária penas e lombo, é tudo a oito. Com as penas ao menos comigo sofrem menos!

O mocho sabichão por cima do pagode fez, cofiando o bigode, o ponto da situação.



— Vejamos, na essência, o que querem. Em suma: um, com sua infinita paciência, tirava-vos as penas uma a uma. Outro, fino e sisudo, porque se lhe a alma agite ou por mais apetite, vai com penas e tudo. No fundo, o mesmo idioma e o mesmo diploma. Fugam deles os dois busquem depois à vossa beira

alguém que vos não coma de nenhuma maneira...

Concluir, para quê amigos e senhores? Confio, já se vê, na espartezza dos leitores...

Mário Castrim

Álvaro Cunhal no Porto

Domingo, dia 6, 13 horas
almoço no acampamento da Juventude CDU
em Couce/Valongo/Campo
17 horas - intervenção política
na Festa da Unidade
em S. Pedro da Cova
(Regadas)

Carlos Carvalhas no Algarve

Sábado, dia 5, 12.30 horas
Piquenique-convívio da CDU
em Monte Gordo
frente ao parque de campismo
Cerca das 14.30 - intervenções políticas do secretário-
geral do PCP e de Carlos Luís Figueira, cabeça-de-
lista da CDU pelo círculo de Faro



LISBOA

Plenários do sector de
Saúde, quinta-feira,
dia 10, às 17 ou às 21
horas.

SETÚBAL

No pavilhão do PCP e
da JCP na Feira de
Santiago haverá
animação teatral,
amanhã à noite. No
sábado à noite será
mostrado um vídeo
sobre a luta dos
trabalhadores da
Renault.

SINTRA

Plenários de militantes:
Algueirão-Mem
Martins, sexta-feira,
21.30, no CT local, com
Carlos Manuel, da
comissão concelhia do
Partido; Queluz, sexta-
feira, 21.30, no CT
local, com Pedro Paulo,
da comissão concelhia;
São João das Lampas,
no CT local, às 21.30,
com Jaime da Mata;
Montelavar e Pero
Pinheiro, sábado, 21.30,
no CT de Montelavar,
com António Cordeiro,
do Comité Central.

Sines, 4-6 Agosto, no Castelo Festa da Terra e do Mar Iniciativa concelhia do PCP e da JCP

Amanhã - abertura, às 21 horas, no Largo do
Bocage, com a banda da SMURSS; às 22.30 actuam
«Jack e os Estripadores»
Sábado - às 22.30 actua «João Distorção»; a partir
das 00.30, final do concurso de música moderna dos
Concelhos do Sul, com «A Seita», «K203» e
«Bandamar»
Domingo - às 13 horas, almoço-convívio com
Ruben de Carvalho, candidato da CDU pelo
círculo de Setúbal e membro do Conselho Nacional
do PCP; a partir das 21 horas, actuam a banda da
SMFOG e «Cant's de Vila»; cerca das 23 horas,
intervenção política de Ruben de Carvalho e
homenagem ao resistente antifascista José Pacheco.
Durante os três dias haverá também Festival das
Tasquinhas, Festa da Cerveja, exposições, artesanato
e jogos.

Barreiro

Joaquim Matias e Arlindo Santos, candidatos da
CDU pelo círculo de Setúbal, participam num
encontro com trabalhadores e membros de ORTs,
hoje, às 17.30, no Espaço CDU (Av. Alfredo da
Silva).

Lisboa

Ações de campanha na cidade: hoje, 16 horas, na
Praça Paiva Couceiro; sexta-feira, com o Conjunto
3 de Abril, no Jardim da Parada (16 horas) e na
Praça Paiva Couceiro (22 horas); domingo, às 22
horas, na Musgueira Sul/Lumiar, com o Conjunto 3
de Abril; segunda-feira, às 16 horas, no Largo de
Camões; terça-feira, às 16 horas, no Jardim da
Estrela; quarta-feira, às 16 horas, no Príncipe Real;
quinta-feira, dia 10, no Campo Pequeno (16 horas)
e no Bairro da Liberdade (22 horas).

Póvoa de Varzim

Joaquim Cancela e José Alberto, candidatos da
CDU pelo círculo do Porto, participam num jantar-
convívio, sábado, às 19.30, no Espaço CDU.
Animação musical por artistas poveiros e vileiros da
gaita, concertina e viola. Inscrições prévias.

Vila Franca de Xira

Luís Sá, Daniel Branco e Rosa Saúde, candidatos
da CDU pelo círculo de Lisboa, contactam a
população, empresas e instituições do concelho, em
Vila Franca (terça-feira, dia 8), Póvoa de Santa Iria
(dia 9), Alverca (dia 10), Alhandra (dia 11) Forte da
Casa e Vialonga (dia 12).



Jornadas de trabalho para a 19.^a Festa do «Avante!»

SINTRA

Domingo, dia 6, jornada concelhia, com almoço-
convívio na Quinta da Atalaia
Partida do autocarro às 7.45 horas, do CT de Algueirão
do PCP, com paragens nas Mercês (7.50, bombas da
BP), Rio de Mouro (7.55, CT do PCP), Cacém (8.00,
CT do PCP) e Queluz (8.15, paragem de autocarros nos
Quatro Caminhos).

BRAGANÇA

Por iniciativa da direcção regional do Partido, uma
equipa de camaradas está na Quinta da Atalaia de 8 a
15 de Agosto. Para dia 13, domingo, está marcado um
convívio de naturais do distrito residentes na área
metropolitana de Lisboa, aberto a outros transmontanos
e amigos.

EMPREGO E SA
DIREITOS S
DESENVOLVIN

Toda questão
por onde passa a

CDU

MAIS E
MELHOR

Para a C
quem tr
o melhor

Tempo de Verão. Em que a vida não para e os problemas não
desaparecem por milagre. Mas que apela a um ritmo de vida mais
tranquilo, ao convívio com a família e os amigos, a pausa
e a reflexão mais serena sobre as nossas vidas e o nosso futuro
colectivo

95

Para que a humanidade não esqueça



50 ANOS DEPOIS

HIROSHIMA
NAGASAKI
NUNCA MAIS!

6/9 de Agosto '45 - 6/9 de Agosto '95

Municípios pela Paz, Ambiente e Cooperação - Movimento ZLAN



Desejamos que tu,
as crianças,
e todos os
seres humanos
saibam o que aconteceu
naquele dia
como foi visto pelos olhos
desta criança.

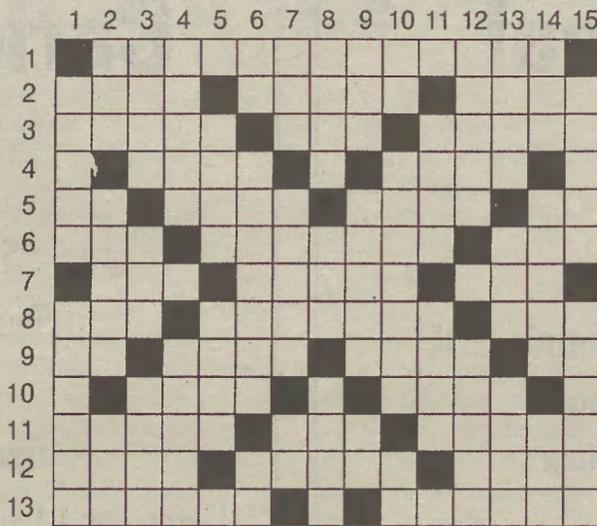
Em janeiro de 1950, Hiroshima - Nagasaki Publishing Committee obteve cópias de uma fita de 16mm tirada pelo bombardeiro da Força Aérea dos Estados Unidos no momento em que a bomba explodiu em Nagasaki. O que apareceu primeiro à vista através da janela do B29, foi uma massa branca de nuvens criada pela explosão. Logo que é tocada pela câmara, engrossa até se tornar numa profunda bola de fogo vermelha pois aumenta para um volume gigante horrível de nuvens, como um cogumelo venenoso de 10.000 metros de altura.

Associação de Amizade Portugal-Cuba

Viagens em Agosto

Para o mês de Agosto, a Associação de Amizade Portugal-Cuba preparou um programa especial de viagens turísticas a Cuba, com preços e programas particularmente convidativos. Informações detalhadas e inscrições na sede da Associação (Rua Rodrigo da Fonseca, 107, r/c, Lisboa) e pelo telefone 385 73 05.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 - Iremos de jornada; 2 - Cidade algarvia; prazer sem pagar (pop.); pertenciam; 3 - De sabor ácido; triture com os dentes; vaso redondo e largo para nossas lavagens. 4 - Receio; tecido fino para vestidos. 5 - Sódio (s.q.); terceira pessoa da trindade indiana; aposento de frade ou freira; antiga nota musical; 6 - Nome de letra; dentes de ferro por onde se passa o linho para o separar da estopa; viúva de Luís XIII. 7 - Suspiros; agrupe; perf. de três. 8 - Capa de irmandade; adoptara como filho; discursa. 9 - Berílio (s. q.); delgado; grande saca; art. árabe. 10 - Grande cetáceo dos mares do Norte; montão de feixes de palha. 11 - Presentearia; poeiras; tépida. 12 - Grandes vasos de barro para mistura de vinhos dos banquetes romanos; rei trovador; varrer as brasas do forno para a cozedura. 13 - Natural dos arredores de Lisboa, muito finório; tranquiliza.

VERTICAIS: 1 - Conjunto dos animais próprios de uma região; vila murahada próxima das Caldas da Rainha. 2 - Está morto; banquete festivo dos primeiros cristãos; parte do chapéu. 3 - Rezem; camareira; verbal. 4 - Colosso, uma das sete maravilhas do mundo; filete. 5 - Juntar; está situado. 6 - Começo do abecedário; varina; nota musical. 7 - Mágica; crustáceo isópode; letra grega. 8 - Nome grego do Deus do Amor; cidade galega; senhor. 9 - Fileira; espetáculos da vida real; nota musical. 10 - Rádio (s.q.); estampilharam; saudável. 11 - Formosa; lombo de boi entre a pá e o cachoço. 12 - Porção de fios dobrados; ama apaixonadamente. 13 - Copo para dados; anel; grande lago salgado do Turquestão. 14 - Vai para fora; ligara; também não. 15 - Irmã de Maria e de Lázaro; documento passado a favor de alguém dando certos direitos.

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

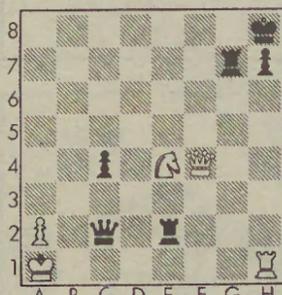
HORIZONTAIS: 1 - Gaiolas; Vivaldi. 2 - Aramada; irisara. 3 - Motel; ramas. 4 - Os; sim; sés; ia. 5 - Toa; mil; erg. 6 - Alma; folar; broa. 7 - Aval; cora. 8 - Alor; Samas; Roma. 9 - Bis; Sor; ris. 10 - Ás; cem; ter; li. 11 - Sedas; erram. 12 - Ocarina; viajara. 13 - Somaras; assaram.

VERTICAIS: 1 - Gaivota; ábacos. 2 - Ar; Sol; lis; Co. 3 - Iam; Am; os; Sam. 4 - Omos; Aar; cera. 5 - Latir; pedir. 6 - Adem; fás; mana. 7 - Sal; molas; sã. 8 - Ril; mor. 9 - Vir; lacar; Eva. 10 - Iras; ros; tris. 11 - Vimes; meras. 12 - Asas; bar; Rajá. 13 - Lãs; er; or; mar. 14 - Dr.; iró; mil; Rá. 15 - Iatagá; asiram.

XADREZ

DXXIII - 3 DE AGOSTO DE 1995
PROPOSIÇÃO N.º 1995X059
Por ERCOLE DEL RIO
In *Ponziani: Il giuoco incomparabile degli*
Scacchi, Modena, 1769

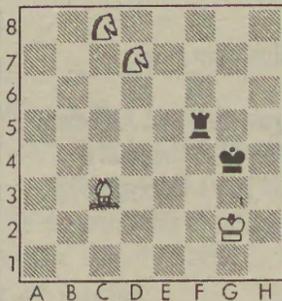
Pr. [6]: Ps. c4, h7 - Ts. c2, g7 - Dc2 - Rh8
Br. [5]: Pa2 - C64 - Th1 - Df4 - Ral



Mate em 7 lances

PROPOSIÇÃO N.º 1995X060
Por HENRI RINCK
La Stratégie, 1920

Pr. [2]: Tf5 - Rg4
Br. [4]: Cs. c8, d7 - Bc3 - Rg2



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º DXXIII

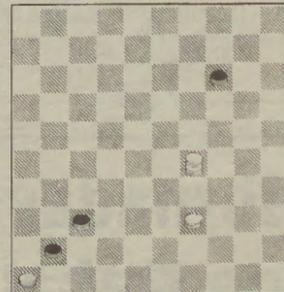
N.º 1995X059 [E. del R.]: 1. Db8!+, Tg8: 2. Dc5+, Tg7: 3. Th7, R:h7: 4. Dh5+, Rg8: 5. Dc8+, -, 6. Cf6+, -, 7. Dh5 # Não: 5. Cf6?, Rf8: 6. Dc8, T:c8!!
N.º 1995X060 [H. R.]: 1. Cd6!, Tg5: 2. Cf7, Tb5: 3. Cf6+, Rf4: 4. Bd2+, Rf5: 5. Cd6+ e.g.

A. de M. M.

DAMAS

DXXIII - 3 DE AGOSTO DE 1995
PROPOSIÇÃO N.º 1995D059
Por J. F. MOSER
DAMminiaturen, 1977

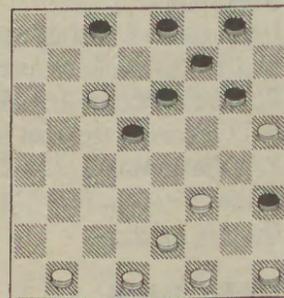
Pr. [3]: 14-37-41
Br. [3]: (29)-39-46



Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO N.º 1995D060
GOLPE N.º 131
Por O BENFICA
Venda Nova, 20.IX.1961 contra J. «B.»

1. 10-14, 23-19; 2. 14-23, 28-19; 3. 9-13, 32-28; 4. 5-10, 28-23; 5. 13-17, 21-18; 6. 11-15, 18-13; 7. 7-11, 13-9; 8. 12-16, 19-12; 9. 8-15, 23-19; 10. 15-20, 24-5; 11. 11-20, 25-21; 12. 20-23, 27-20; 13. 16-3. *Diagrama*
[Pr. [8]: 9-19-21-22-26-29-30-31; Br. [8]: 1-2-3-4-6-10-17-23 Pr. +



Pretas jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º DXXIII

N.º 1995D059 [J.F.M.]: 1. 39-33, (14-19)*; 2. 29-15, (19-23)*; 3. 15-4, (23-28)*; 4. 33-22, (41-47-D); 5. 46-41 +
N.º 1995D060 [«O B.»]: 13. ..., 9-5; 14. 2-9, 31-28; 15. 23-32-D, 22-18; 16. 32-14, 18-2/D +
* Pseudónimo de J. P. da S.

A. de M. M.

FILMES

QUINTA, 3

O Admirador Secreto

«Secret Admirer» (EUA/1985). Real.: David Greenwalt. Int.: C. Thomas Howall, Kelly Preston, Cliff de Young, Fred Ward. Cor, 98 min. Comédia. (22.00, TVI)

Uma Rapariga no Verão

(Port/1986). Real.: Vítor Gonçalves. Int.: Isabel Galhardo, Diogo Dória, José Manuel Mendes, João Perry, Joaquim Leitão, Alexandra Guimarães. Drama. (22.35, TV2)

Poderes do Espaço

«Bad Channels» (EUA/1992). Real.: Ted Nicoleau. Int. Martha Quinn, Paul Hipp, Aaron Lustig, Ian Ptarick. Cor, 88 min. Ficção científica/Terror. (00.55, Canal 1)

SEXTA, 4

Os Profissionais do Crime

«Assignment to Kill» (EUA/1968). Real.: Sheldon Reynolds. Int.: Patrick O'Neal, Joan Hackett, Herbert Lom, Eric Portman, Peter Van Eyck, John Gielgud. Cor, 102 min. «Thriller» (22.00, TVI)

Morte em Veneza

«Morte a Venezia» (It./1971). Real.: Luchino Visconti. Int.: Dirk Bogarde, Bjorn Andresen, Marisa Berenson, Marc Burns, Romolo Valli. Cor, 123 min. Ver Destaque. (24.00, TV 2)

Knight, Herói Anticrime

«Invisible: The Chronicles of Benjamin Knight» (EUA/1994). Real.: Jack Ersgard. Int.: Brian Cousins, Jennifer Nash, Michael Dellafemina, Curt Lowens, David Kaufman. Cor, 80 min. Fantástico/Policial. (01.35, Canal 1)

SÁBADO, 5

Homens Simples

«Simple Men» (EUA/1992). Real.: Hal Hartley. Int.: Robert Burke, William Sage, Karen Sillas, Elina Lowensohn, Martin Donovan. Cor, 105 min. Ver Destaque. (00.05, TV 2)

Por Mais Alguns Dólares

«For a Few Dollars More» (EUA/1967). Real.: Sérgio Leone. Int.: Clint Eastwood, Lee Van Cleef, Gian Maria Volonté. Cor, 128 min. Ver Destaque (00.10, SIC)

A Colina da Saudade

«Love Is a Many-Splendored Thing» (EUA/1955). Real.: Henry King. Int.: William Holden, Jennifer Jones. Cor, 102 min. Ver Destaque. (00.15, TVI)

Febre de Matar

«Extreme Justice» (EUA/1993). Real.: Mark L. Lester. Int.: Lou Diamond Phillips, Scott Glenn, Chelsea Field, Ed Lauter. Cor, 101 min. «Thriller». (24.00, Canal 1)

O Agente Intrépido

«L'Intrépide» (Fr/1975). Real.: Jean Girault. Int.: Louis Velle, Claudine Auger, Juliette Mills, Roger Hanin, Jacques Legras, Jacques Balutin. Cor, 86 min. Comédia. (01.40, Canal 1)

DOMINGO, 6

Danny, o Campeão do Mundo

«Danny - The Champion of the World» (Gr.Br./1989). Real.: Gavin Millar. Int.: Jeremy Irons, Robbie Coltrane, Samuel Irons, Cyril Cusack. Drama (16.00, TVI)

Calma de Morte

«Dead Calm» (Austrália/1989). Real.: Phillip Noyce. Int.: Nicole

Kidman, Sam Neil, Billy Zane. Cor, 96 min. Ver Destaque (22.30, SIC)

A Vizinha do Lado

(Port/1945). Real.: Leitão de Barros. Int.: Nascimento Fernandes, Lucília Simões, António Silva, António Vilar, Francisco Ribeiro (Ribeirinho), Carmen Dolores, Madalena Sotto. P/B. Comédia. (23.20, Canal 1)

The Jazz Singer

«The Jazz Singer» (EUA/1980). Real.: Richard Fleischer. Int.: Neil Diamond, Laurence Olivier, Lucie Arnaz, Catlin Adams. Cor, 112 min. Ver Destaque (às 19.00 ou 24.00, TV2)

Ruptura Total

«Police Story: Burnout» (EUA). Real.: Michael Switzer. Int.: Lindsay Wagner, Julie Carmen, John Getz, Joe Morton. Cor, 92 min. Teledramático. (22.15, TVI)

SEGUNDA, 7

Dois Dias no Paraíso

(Port/1957). Real.: Artur Duarte. Int.: Milú, Virgílio Teixeira, Costinha, António Silva, Josefina Silva, Carmen Mendes, Humberto Madeira. P/B, 130 min. Comédia. (22.00, TVI)

Cyborg Americano

«American Cyborg» (EUA/1992). Real.: Boaz Davidson. Int.: Joe Lara, Nicole Hansen. Cor, 90 min. Ficção Científica. (22.50, SIC)

O Importante É Amar

«L'Important C'Est d'Aimer» (Fr/1975). Real.: Andrzej Zulawski. Int.: Romy Schneider, Fabio Testi, Jacques Dutronc, Klaus Kinski. Cor, 110 min. Drama. (01.20, SIC)

O Lunático

«The Lunatic» (EUA/1990). Real.: Lol Creme. Int.: Paul Campbell, Julie T. Wallace, Reggie Carter. Cor, 94 min. Comédia. (01.05, Canal 1)

TERÇA, 1

Procura-se Jenny

«The Whereabouts of Jenny» (EUA). Real.: Gene Reynolds. Int.: Ed O'Neill, Debrah Farentino, Eve Gordon, Mike Farrel. Cor, 95 min. Telefilme Dramático. (22.00, TVI)

Rambo III

«Rambo III» (EUA/1988). Real.: Peter MacDonald. Int.: Sylvester Stallone, Richard Crenna, Marc de Jonge, Spiros Focas. Cor, 94 min. «Thriller» (22.25, Canal 1)

Chamas Sobre o Adriático

«Flammes Sur L'Adriatique» (Fr.-Jugosl./1968). Real.: Alexandre Astruc. Int.: Gérard Barry, Claudine Auger, António Passalia. 91 min. Drama. (00.50, Canal 1)

QUARTA, 2

Ruby Cairo

«Ruby Cairo» (EUA-Jap/1992). Real.: Graeme Clifford. Int.: Andie MacDowell, Liam Neeson, Vigo Mortensen. Cor, 106 min. «Thriller». (22.00, TVI)

O Preço da Verdade

«News at Eleven» (EUA/1986). Real.: Mike Rob. Int.: Martin Sheen, Peter Riegert, Barbara Babcock. Cor, 93 min. Teledramático. (01.35, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

PROGRAMAÇÃO

Quinta, 3

CANAL 1

08.00 O Gato Félix
08.30 Trampolim
09.00 Eternos Novatos
09.30 Asas em Família
10.00 Beverly Hills
10.35 Vizinhos
11.05 Culinária
11.20 Marimar
12.20 O Avô e Eu
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
14.35 Malha de Intrigas
15.40 Corpo Santo
16.15 Sempre a Abrir
17.05 Heróis em Acção
18.00 Festa na Feira
19.15 Lotaria Nacional
19.25 O Careca
20.00 Telejornal
20.30 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.50 Isto Só Vídeo
22.25 Amores Perfeitos
23.15 Marginalidades
00.15 24 Horas
00.55 Remate
00.55 Poderes do Espaço
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

17.00 Tintim
17.30 Trampolim
18.05 500 Nações
18.55 Um, Dó, Lí, Tá
19.55 Perigo nas Montanhas
20.50 Tribunal de Polícia
21.30 RTP/Financial Times
21.45 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 Uma Rapariga no Verão
(ver «Filmes na TV»)
24.00 Musical: «Prémio Grammy 1995»
01.00 Motociclismo
02.00 Souvenirs

SIC

11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Volta a Portugal em Bicicleta
15.30 Buééré
16.45 Os Conquistadores
18.00 Chuva de Estrelas
19.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.50 Volta a Portugal em Bicicleta
21.00 A Próxima Vítima
22.00 Os Trapathões em Portugal
22.50 Festival Internacional de Circo
23.50 Incidente em Antares
00.55 Último Jornal
01.10 Volta a Portugal em Bicicleta
01.30 Uma Família no Paraíso

TVI

11.15 Lumen 2000
11.55 Bucha e Estica
12.25 Telhados de Vidro
13.00 Éramos Seis
13.30 Jornal da Uma
14.05 McGyver
16.10 A Hora do Recreio
17.25 Notícias
17.50 Caprichos
18.45 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 O Secreto Admirador
(ver «Filmes na TV»)
23.55 TVI Jornal
00.25 Verdade ou Mentira
01.00 Documentário: «S. Exa., a Rainha»

Sexta, 4

CANAL 1

08.00 O Gato Félix
08.30 Trampolim
09.00 Eternos Novatos
09.30 Asas em Família
10.00 Beverly Hills
10.35 Vizinhos
11.05 Culinária
11.20 Marimar
12.20 O Avô e Eu
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
14.35 Malha de Intrigas
15.40 Corpo Santo
16.15 Sempre a Abrir
17.10 Heróis em Acção
18.00 Festa na Feira
19.25 O Careca
20.00 Telejornal
20.30 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.50 Isto Só Vídeo
22.25 Amores Perfeitos
23.15 Marginalidades
00.15 24 Horas
00.55 Remate
01.10 Contos Assombrosos
01.35 Knight, Herói Anticrime
(ver «Filmes na TV»)
02.55 Futebol: Benfica-Boca Juniores (T.D. Nova Iorque)

TV 2

14.45 Automobilismo - Rally da Madeira
16.00 Terra X
16.50 Mundos Antigos
17.15 Trampolim
18.05 O Mundo em Guerra
19.00 Rally da Madeira
19.45 Uma Família Feliz
20.35 RTP/Financial Times
22.00 TV2 Jornal
22.30 Planeta Terra
23.00 Concurso: «À Volta do Coreto»
24.00 Morte em Veneza
(ver «Filmes na TV»)
02.05 Souvenirs

SIC

11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Volta a Portugal em Bicicleta
15.30 Buééré
16.45 Os Conquistadores
17.45 Notícias
18.00 Chuva de Estrelas
19.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.50 Volta a Portugal em Bicicleta
21.00 A Próxima Vítima
22.00 Cenas de Um Casamento
22.35 Mini Chuva de Estrelas
23.35 Minas e Armadilhas
00.45 Futebol: Portugal-Argentina
02.45 Último Jornal
01.20 Playboy

TVI

11.15 Lumen 2000
11.55 Bucha e Estica
12.25 Telhados de Vidro
13.00 Éramos Seis
13.30 Jornal da Uma
14.05 McGyver
16.10 A Hora do Recreio
17.25 Notícias
17.50 Caprichos
18.45 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 Os Profissionais do Crime
(ver «Filmes na TV»)
23.55 TVI Jornal
00.25 Verdade ou Mentira
00.55 Modelo e Detective

Sábado, 5

CANAL 1

08.00 Programa Infantil/Juvenil
11.40 Arca de Noé
12.30 Praça de Touros
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Beverly Hills
14.30 Jogos de Praia
15.20 O Careca
15.50 Made in Portugal
15.45 A Grande Pirâmide
16.40 As Aventuras de Brisco County Jr.
17.25 Seleção de Esperança
18.20 Outras Guerras
19.15 Chefe, Mas Pouco
19.50 Totoloto
20.00 Telejornal
20.30 Desencontros
21.20 Queridas e Maduras
21.50 Parabéns
23.40 24 Horas
24.00 Febre de Matar
(ver «Filmes na TV»)
01.40 O Agente Intrépido
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

11.00 Rally da Madeira
12.00 Van Hallen em Concerto
13.00 Lendas e Factos da História de Portugal
13.55 Euronews
15.00 TV2 Desporto
20.45 Forum Musical
22.00 TV2 Jornal
22.30 Fronteira Ocidental
23.00 Campeonatos Mundiais de Atletismo, em Gotemburgo (Abertura)
00.05 Homens Simples
(ver «Filmes na TV»)

SIC

11.00 Buééré
13.45 Portugal Radical
14.30 Volta a Portugal em Bicicleta
16.00 Dra. Quinn
17.00 Muita Lóco
18.00 Médicos Sem Fronteiras
19.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
21.00 Volta a Portugal em Bicicleta
21.10 A Próxima Vítima
22.10 Big Show Sic
00.10 Por Mais Alguns Dólares
(ver «Filmes na TV»)
02.35 Último Jornal
02.50 Volta a Portugal em Bicicleta

TVI

10.00 Clube da Manhã
11.30 Animação
12.00 Visto Isto
12.30 Informação Religiosa
13.00 Jornal da Uma
13.25 Contra Ataque
15.10 A Hora do Recreio
16.00 Voleibol de Praia
18.00 Fort Boyard
19.45 O Céu Como Horizonte
20.30 Telejornal
21.15 Feita à Medida
21.40 Ficheiros Secretos
22.45 Os Novos Intocáveis
23.50 Últimas Notícias
00.15 A Colina da Saudade
(ver «Filmes na TV»)

Domingo, 6

CANAL 1

08.00 Programa Infantil/Juvenil
12.30 Sem Limites
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Top +
14.40 Beverly Hills
15.15 86-60-86
16.00 A Lei de Burke
16.45 Emoções Fortes
17.15 Eferrea
18.10 Outras Guerras
18.55 Apanhados
19.20 Casa Cheia
19.50 Joker
20.00 Telejornal
20.40 Futebol: Sporting-Porto
22.45 Nico D'Obra
23.20 A Vizinha do Lado
(ver «Filmes na TV»)
01.15 24 Horas
01.35 Paixões

TV 2

09.00 O Mar e a Terra
09.30 Caminhos
10.00 Novos Horizontes
10.30 70 x 7
11.00 Missa
12.00 Regiões
12.50 Vida por Vida
13.00 Euronews
14.00 TV2 Desporto
19.00 Benfica-Parma ou o filme «The Jazz Singer»
20.00 Artes e Letras: «David Lynch»
22.00 TV2 Jornal
22.30 Portugal Sem Fim
23.30 TV2 Desporto
24.00 «The Jazz Singer», caso às 19h seja transmitido jogo de futebol
(ver «Filmes na TV»)

SIC

11.00 Buééré
13.15 BBC - Vida Selvagem
14.45 Volta a Portugal em Bicicleta
16.00 Os Imortais
17.00 Olho de Falcão
18.00 Norte e Sul
20.00 Futebol: Portugal-Guiné Conakry
22.00 Jornal da Noite
22.15 Volta a Portugal em Bicicleta
22.30 Calma de Morte
(ver «Filmes na TV»)
00.35 Último Jornal
00.50 Volta a Portugal em Bicicleta

TVI

10.00 Clube da Manhã
11.30 O 8º Dia
12.00 Missa
13.50 Portugal Português
15.00 Jornal do País
15.30 Telemúsica
16.00 Danny, o Campeão do Mundo
(ver «Filmes na TV»)
18.00 O Melhor de Júlio Isidro
19.30 O Poder da Lei
20.30 Telejornal
21.15 Detectives na Onda
22.15 Ruptura Total
(ver «Filmes na TV»)
00.10 Últimas Notícias

Segunda, 7

CANAL 1

08.00 O Gato Félix
08.30 Trampolim
09.00 Eternos Novatos
09.30 Asas em Família
10.00 Beverly Hills
10.35 Vizinhos
11.05 Culinária
11.20 Marimar
12.20 O Avô e Eu
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
14.35 Malha de Intrigas
15.50 Corpo Santo
16.20 Sempre a Abrir
17.10 Heróis em Acção
18.05 Festa na Feira
19.25 A Minha Vida Dava Um Filme
20.00 Telejornal
20.30 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.50 Jogos Sem Fronteiras
23.20 Noite Mágica
00.25 24 Horas
00.50 Remate
01.05 O Lunático
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

17.00 Mundiais de Atletismo
21.05 Que Família
21.45 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.30 Bailado: «Kaguyahime - A Princesa da Lua»
00.35 Golo Europa
01.35 Souvenirs

SIC

11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Volta a Portugal em Bicicleta
15.30 Buééré
16.45 Os Conquistadores
17.45 Notícias
18.00 Chuva de Estrelas
19.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.45 Volta a Portugal em Bicicleta
21.00 A Próxima Vítima
22.00 Ponto de Encontro
22.50 Cyborg Americano
(ver «Filmes na TV»)
00.45 Último Jornal
01.00 Volta a Portugal em Bicicleta
01.20 O Importante é Amar
(ver «Filmes na TV»)

TVI

11.15 Novos Ventos
11.55 Bucha e Estica
12.15 Telhados de Vidro
12.45 Éramos Seis
13.15 Jornal da Uma
14.05 McGyver
16.10 A Hora do Recreio
17.25 Jornal Nacional
17.50 Caprichos
18.45 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 Dois Dias no Paraíso
(ver «Filmes na TV»)
00.15 TVI Jornal
01.00 Verdade ou Mentira

Terça, 8

Canal 1

08.00 O Gato Félix
08.30 Trampolim
09.00 Eternos Novatos
09.30 Asas em Família
10.00 Beverly Hills
10.35 Vizinhos
11.05 Culinária
11.20 Marimar
12.20 O Avô e Eu
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
14.35 Malha de Intrigas
15.50 Corpo Santo
16.25 Sempre a Abrir
17.10 Heróis em Acção
18.05 Festa na Feira
19.25 Entrevista Histórica
20.00 Telejornal
20.30 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.50 Tudo ao Molho e Fé em Deus
22.25 Rambo III
(ver «Filmes na TV»)
00.05 24 Horas
00.50 Chamas Sobre o Adriático
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

17.05 Tintim
17.30 Trampolim
18.50 Um Dó Li Tá
19.50 Rotações
21.00 Amor à Primeira Vista
21.35 RTP / Financial Times
21.45 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.30 (Programa não anunciado)
23.50 Quatro Raparigas
00.40 NBA
01.40 Souvenirs

SIC

11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Volta a Portugal em Bicicleta
15.30 Buééré
16.45 Os Conquistadores
17.45 Notícias
18.00 Chuva de Estrelas
19.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.45 Volta a Portugal em Bicicleta
21.00 A Próxima Vítima
22.00 Não Se Esqueça da Escova de Dentes
23.30 Gala «Parabéns, Mamã»
01.50 Último Jornal
02.05 Volta a Portugal em Bicicleta
02.25 Uma Família no Paraíso

TVI

11.15 Lumen 2000
11.55 Bucha e Estica
12.25 Telhados de Vidro
13.00 Éramos Seis
13.30 Jornal da Uma
14.05 McGyver
16.10 A Hora do Recreio
17.25 Jornal Nacional
17.50 Caprichos
18.45 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 Procura-se Jenny
(ver «Filmes na TV»)
23.50 TVI Jornal
00.20 Verdade ou Mentira
01.25 Doido por Ti

Quarta, 9

Canal 1

08.00 O Gato Félix
08.30 Trampolim
09.00 Eternos Novatos
09.30 Asas em Família
10.00 Beverly Hills
10.35 Vizinhos
11.05 Culinária
11.20 Marimar
12.20 O Avô e Eu
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
14.35 Malha de Intrigas
15.35 Corpo Santo
16.10 Sempre a Abrir
17.00 Heróis em Acção
17.50 Festa na Feira
19.15 A Minha Vida Dava Um Filme
19.45 Vamos Jogar no Totobola
20.00 Telejornal
20.30 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.50 Falhas e Fírias
22.20 Roleta Russa
23.05 Dulce Pontes: «A Brisa do Coração»
00.20 24 Horas
01.00 Remate
01.15 O Preço da Verdade
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

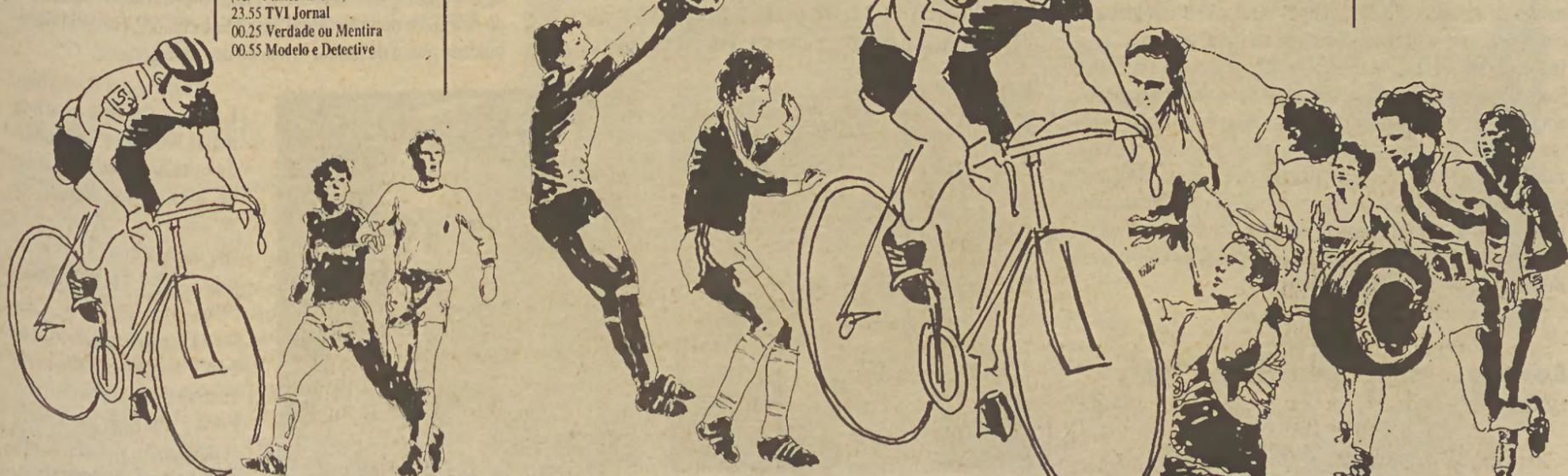
15.00 Vôlei de Praia
17.00 Mundiais de Atletismo
19.10 Arsène Lupin
20.05 Um, Dó, Lí, Tá
21.00 América Selvagem
21.45 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.30 Terra X
22.45 Reportagem: «O Plano Hidrológico Nacional»
23.20 Fogo no Coração
00.10 Motores
01.10 Souvenirs

SIC

11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Volta a Portugal em Bicicleta
15.30 Buééré
16.45 Os Conquistadores
17.45 Notícias
18.00 Chuva de Estrelas
19.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.30 Volta a Portugal em Bicicleta
20.40 A Próxima Vítima
21.40 Agora É a Sua Vez
22.40 Moda Roma
00.05 Último Jornal
00.20 Volta a Portugal em Bicicleta
00.45 Futebol: Portugal-Costa Rica

TVI

11.15 Informação Religiosa
12.00 Bucha e Estica
12.15 Telhados de Vidro
12.45 Éramos Seis
13.15 Jornal da Uma
14.05 McGyver
16.10 A Hora do Recreio
17.25 Jornal Nacional
17.50 Caprichos
18.45 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 Ruby Cairo
(ver «Filmes na TV»)
00.05 TVI Jornal
00.35 Verdade ou Mentira
01.10 Dudley Moore Apresenta...



As grandes manifestações desportivas de Verão na TV

Por isto e por aquilo...

A Alternativa Existe

(todos os dias - sem televisão)

Nesta primeira semana de Agosto, a televisão nacional resolveu manifestamente dar uma oportunidade aos telespectadores. Percorrida a programação dos vários canais, o mais teledependente dos cidadãos chegará à conclusão: «Tenho de arranjar outra coisa para fazer, não há nada de jeito para ver!»

É ótimo!

Ainda por cima, aproveitando talvez esta benesse televisiva, o País enche-se de espectáculos e iniciativas dignas de granjearem os favores

do público. São festivais, exposições, concertos e até edições a merecerem as atenções do público ora que, pelo menos durante uma semana, está liberto das seduções televisivas.

Assim, tenha-se em conta que no Teatro do Bairro Alto está ainda (só até dia 13) uma excelente peça de Edward Bond, excelentemente encenada e interpretada, registe-se o «Jazz em Agosto» com a presença de um dos maiores e mais importantes nomes do jazz, o baterista Max Roach, acrescente-se um sedutor panorama de reposições cinematográficas.

Isso e tudo o mais, já se vê... nos grandes centros! E é por isso sobretudo que vale a pena - embora por motivos bem diferenciados em cada um dos casos - referir três apresentações cinematográficas televisivas.

Morte em Veneza

(Sexta, 24.00, TV2)

Luchino Visconti baseou-se num conto de Thomas Mann para realizar um filme que traz indelutavelmente a marca do seu talento, mas não figura entre as mais conseguidas das suas criações.

Do ponto de vista narrativo, o filme quase não tem história, o que não constituindo em si um defeito, acaba por ser responsável por um dos graves problemas da película: uma duração talvez excessiva para a singeleza quase esquelética da temática. Este arrastar permite exercícios de estilo de uma indelutável beleza onde o talento de Visconti se socorre da prodigiosa câmara de Pasquale de Santis, mas o balanço final é desequilibrado.

Morte em Veneza é uma digressão sobre o envelhecimento de um artista, a sua busca do belo, o seu fascínio pela beleza andrógina de um jovem, tudo no deslumbrante cenário da cidade dos Doges ameaçada por uma epidemia que brutalmente introduz um elemento de desagregação decadente nos personagens e em todo o ambiente da obra.

Visconti acrescenta ainda ao tema de Mann uma incursão na complexa personalidade de Gustav Mahler - o protagonista (Dirk Bogarde) é alemão e compositor - acentuada essencialmente pela banda sonora baseada em obras do autor de *Das Lied von der Erde*.

O grande defeito apontado pelos críticos ao filme - a sua lentidão e duração excessiva - acaba por ser talvez o grande elemento de fascínio. Visconti tem uma relação assumidamente voyeurista com a câmara, deleita-se na lenta, arrastada, quase indolente incidência da objectiva sobre corpos e ambientes. Recorde-se essa sublime sequência do baile de «O Leopardo», amputada de muitos minutos por imposição da produção, e ter-se-á uma ideia da forma fixada como decorre «Morte em Veneza». O problema surge apenas quando há um certo pleonasmio estético, quando essa lentidão do tempo filmico é acentuada pela lânguida ou angustiada postura dos protagonistas, a silenciosa sensualidade de Bjorn Andresen e a angustiada procura de Dirk Bogarde.

Love is a Many Splendored Thing

(Sábado, 00.15, TVI)

O filme de Henry King passou à história essencialmente por um dos seus elementos: uma canção... O tema musical,



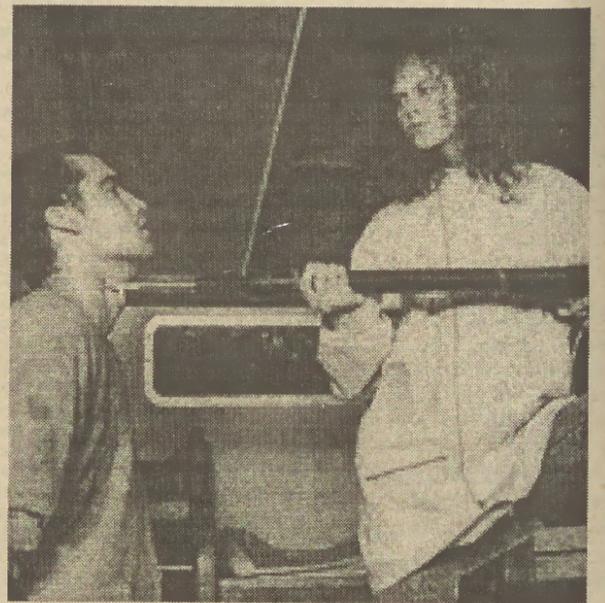
Bjorn Andresen e Dirk Bogarde num fotograma de «Morte em Veneza»

com o mesmo título, foi, aliás, o primeiro tema da banda sonora de um filme a atingir os primeiros lugares das *charts* americanas.

Baseado numa história autêntica, a película narra as vicissitudes amorosas de jornalista correspon-

dente de guerra (William Holden) com uma médica euro-asiática (Jennifer Jones), que se encontram em Honk Kong tendo como pano de fundo a guerra da Coreia.

Estamos perante um produto típico do complexo ambiente psicológico da América dos anos 50 e especialmente do período da intervenção na Coreia. Henry King procurou na novela de Han Suyin um melodramático contraponto aos contraditórios sentimentos americanos face à Ásia, uma década após a derrota do Japão e em novo envolvimento militar.

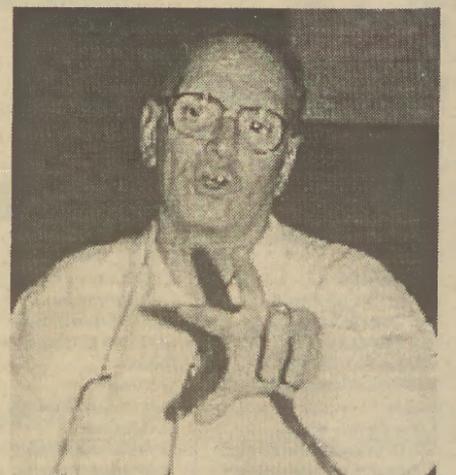
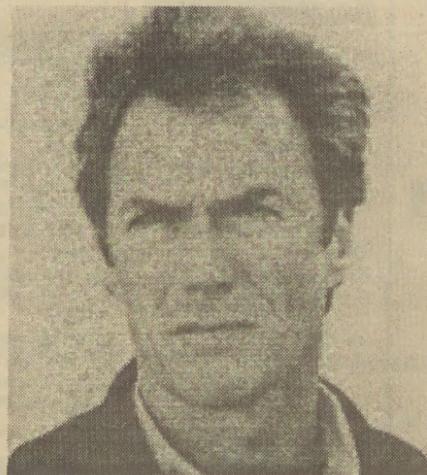
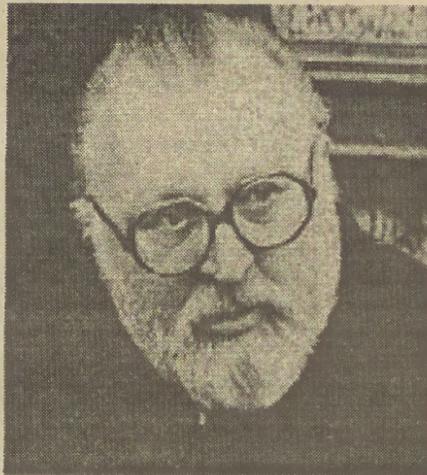


Fotograma do filme australiano «Calma de Morte»

que alguns dos intérpretes que haviam recusado o tema rapidamente o viessem a gravar...

A canção viria aliás a aparecer noutras películas, nomeadamente «Grease», «Heartbeat» e o celebrado «A wedding» de Robert Altman onde Viveca Lindofords comete a heresia de parodicamente cantar «Love is a many splendored shit»...

Seja para ouvir, seja para situar o melodrama na América dos anos 50, vale a pena perder um par de horas...



Leone, Eastwood e o compositor Ennio Morricone, autores principais do êxito dos «Western Spaghetti» de Sergio Leone

A canção (que garantiu um dos três Oscars ganhos pelo filme, sendo os outros para o guarda-roupa e para a generalidade da banda sonora) passou por algumas vicissitudes, a primeira das quais foi a da própria modificação do título: já depois de composta, King e a produção resolveram mudar a opção inicial de «A many splendored thing» para «Love is a many splendored thing», o que obrigou Paul Webster e Sammy Fein, autores da música e da letra, a refazerem o trabalho entretanto já completado.

Eddie Fischer, Nat «King» Cole, Dean Martin e Doris Day recusaram sucessivamente interpretar o tema, que acabou por ser gravado por um obscuro grupo coral da Pensilvânia, os *Four Aces*, um quarteto branco claramente influenciado pelas formações negras idênticas que surgiam e que viriam a ter o seu epígono nos *Platters*.

Tendo como lado B uma canção igualmente de um filme («Three coins in a fountain»), lançada no ano anterior por Frank Sinatra e cujo êxito levava a modificar o título do filme respectivo (era para se chamar «We believe in love»), o *single* dos *Four Aces* teve um acolhimento entusiástico que levou a

Por Mais Alguns Dólares

(Sábado, 00.10, SIC)

O *western spaghetti* propriamente dito, com todos os seus ícones: Sergio Leone, Clint Eastwood, a música de Ennio Morricone e uma presença italiana, a do grande Gian Maria Volonté.

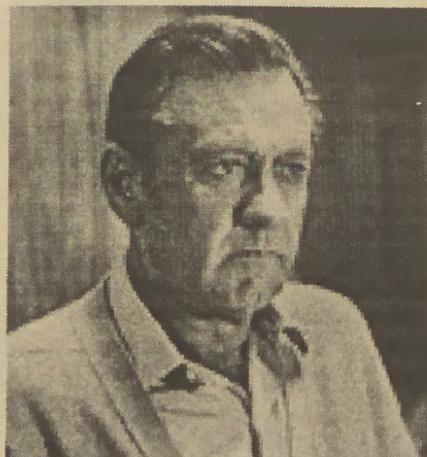
Dois caçadores de prémios (Eastwood e Lee van Cleef) perseguem um *outlaw* (Volonté) e fazem dos seus *colts* um uso verdadeiramente devastador...

O mais curioso neste *western* italiano é nele adquirirem particular evidência algumas das mais curiosas características do género, um subtil distanciamento na narração, quase como se realizador e câmara assumissem uma dupla personalidade: uma que conta a história e outra que se ri dela, da sua fantasia, da caricatura do género.

Esta distanciação é assegurada por um levar ao absurdo alguns paradigmas do *western* clássico e pela subtil introdução do ridículo e do inverosímil, assumido contudo com a impassibilidade quase de humor britânico dos protagonistas.

Eastwood é *duríssimo*, Lee van Cleef é-o ainda mais, Volonté é um bandido ornado de toda a maldade, toda a gente dispara até ao absurdo... Os diálogos são esqueléticos, ouvem-se mais tiros do que palavras...

O *western spaghetti* acabou a constituir uma certa catarse do modelo do John Ford e um bem humorado contraponto à volúpia violenta de Peckinpah. Resumindo, é divertido.



Jennifer Jones e William Holden, intérpretes de «A Colina da Saudade»

Dois pequenos frutos

■ Correia
da Fonseca

Diante do televisor, lembro-me de Stan Laurel e Oliver Hardy, de Groucho e dos outros Irmãos Marx, naturalmente que de Buster Keaton e de Charlie Chaplin. Lembro-me do quanto me fizeram rir. E lembro-me de que, para isso, nunca foi preciso injectar nas bandas sonoras dos seus filmes um sortido de gargalhadas pré-fabricadas que me servissem de estímulo mimético, de «ordem para rir». Não aconteceu apenas comigo, é claro: foram gerações sucessivas que riram espontaneamente, apenas movidas pela força do «gag», do humor, da pantomina. Até que, um dia, a Televisão trouxe esta espécie peculiar de violência, de violação: risos por encomenda de risadas artificiais. Primeiro nas séries norte-americanas a que já toda a gente aprendeu a chamar «sitcoms», depois também em produções nacionais aparentemente convencidas de que macaqueando o triste figurino alheio reforçavam a graça que teriam ou supriam a que não tinham.

O que me arrelia é que as gargalhadas «off», importadas ou de produção nacional, me produzem uma espécie de efeito inibitório: com aquele som, não consigo rir. Dou como certo, entenda-se, que a graça está lá, à minha espera, pelo menos na maioria dos casos. Quer dizer: admito que a falha é minha. Mal ouço os risos antecipadamente engatilhados, porém, fico como que gelado, paralisado. Suspeito de que a qualquer nível interno recebo aquilo como um insulto, um atestado de menoridade mental, e em vez de responder ao estímulo com o meu próprio sentido do humor que, enfim, há-de habitar-me como a qualquer outra pessoa, percorre-me qualquer coisa entre a indignação e o vômito. E o curioso é que isto não se passa apenas comigo; muitos amigos conhecidos me confidenciam que sentem o mesmo. Que, de súbito, têm o sentimento de que querem transformá-los em bicharocos amestrados. E recusam-se a colaborar.

A respiração confiscada

Este vício das gargalhadas ocultas é já antigo na Televisão. Mais recente é o vício dos convites (ou das intimações?) para que o telespectador recorra (e já!) a chamadas telefónicas de valor acrescentado. A epidemia começou em «spots» assumidamente publicitários, já aí assumindo dimensões de escândalo, e infiltrou-se depois em programas de diversa índole, alguns dos quais relativamente circunspectos, onde apresentadores com ar de poderem ganhar a vida de mais bonitas formas nos empurram para os telefones. Já na Imprensa vêm surgindo textos a denunciarem as imposturas mais gritantes que se ocultam, ainda mal, por detrás de muitos daqueles números, mas é claro que esses casos são apenas as pontas maiores de um gigantesco icebergue. De qualquer modo, com inteira veracidade ou sem ela, contam-se por aí casos verdadeiramente terríveis, principalmente ocorridos com crianças e jovens que foram aliciados pela TV a irem fazer «já!, sem perder tempo!» muitas chamadas de valor acrescentado para «ganharem» uma fabulosa motocicleta ou prémio afim. O resultado terá sido contos da Portugal Telecom ascendendo a centenas de contos, enormes dramas familiares, desgraças. Não me espanta que assim tenha sido: tudo é para sempre maior glória de El-Rey Mercado e da gestão das TV's numa óptica de gula financeira privada, quer as emissoras sejam propriedade directa de grupos empresariais ou permaneçam (ainda) como património público.

O nó da questão está, de resto, aí mesmo: nos critérios exclusiva e furiosamente comerciais que comandam a TV em Portugal desde o advento, tão longamente desejado, de estações privadas. Entendeu-se então, entre nós como em todo o mundo «civilizado» que o neoliberalismo mais fundamentalista então dominava como definitivo vencedor, que a Televisão podia e devia ser objecto de comércio privado e fonte de dividendos de ordem vária. A Televisão, isto é: o tempo de respiração dos cidadãos, as nesgas de vida que poderiam servir para o enriquecimento da sua humanidade e o alargamento de horizontes, os convencimentos e as convicções, o conhecimento possível do mundo e dos outros. Tudo isto, e muita coisa mais, foi posto à venda em regime de libérrima concorrência, praticamente sem regras. O mesmo é dizer: foi posto sob pilhagem.

Árvore dos frutos podres

Diz-se, bem sei, que nos outros lugares, «lá fora», também é assim. É verdade. O que aliás torna tudo muito mais grave. Não imagino, de resto, porque é que a putrefacção da TV havia de ser uma doença só nossa, portuguesa de gema, se todas ou quase todas as doenças são tragicamente cosmopolitas (parece que uma excepção lusitana a esta regra é a paramiloidose ou amiloidose de tipo português, mas só a registado aqui por um tonto esforço de rigor). Mas não consigo alegrar-me, ou sequer mitigar as apreensões, por saber que a tenaz que nos esmaga (analgésicamente, é certo, quase docemente) tem a dimensão do planeta inteiro. As gargalhadas cretinizantes e os telefonemas da mais reles comercialidade não passam, nesse quadro, de dois sintomas quase microdecimais. Talvez tenha começado por falar deles, quem sabe?, como instintiva contradição dos modelos adoptados pelos telejornais

que adoram iniciar os serviços quotidianos com as faces supostamente mais catastróficas da realidade que escolheram transmitir-nos.

Serão, pois, dois sintomas de mínima dimensão. Mas parecem-me óbvios e repugnantes, por isso os citei. Quanto à moléstia de que são sinal, será bem mais grave do que parece; por isso me mobilizo contra ela, apelo a todas as resistências. O ponto a que chegaram os grandes problemas no mundo inteiro, a que chegou o

milenário percurso dos homens, é de todo incompatível com a eventual vitória do clorofórmio, do sono, da regressão cultural. Pergunto-me se não será imperativo que se enfrente claramente a raiz da doença e se denuncie a inaceitabilidade de continuar a TV entregue a quem faz dela tudo quanto lhe apetece, acontecendo que não lhe apetece nunca pô-la ao serviço comum. Agora que já não oferece dúvidas que esta árvore quase só dá frutos podres, que as mais diversificadas vezes se fazem ouvir em protesto contra o escândalo e o crime de uma televisão completa e pluri-disciplinarmente desbragada, parece imperativo e urgente repensar esta entrega da TV a mãos não apenas privadas mas também sem escrúpulos. Não se trata, entenda-se, de regressar forçosamente ao monopólio estatal, inútil aliás quando o próprio Estado esteja aprisionado. Trata-se, isso sim, de compatibilizar o acesso privado à posse da TV com a necessidade primordial de usar a Televisão como instrumento precioso na difícil e sem dúvida ameaçada viabilização do futuro.



de FOICE

Indecoroso

Dicionário - substantivo masculino, colecção alfabetada dos vocábulos de uma língua ou de qualquer ramo do saber, com a respectiva significação, carácter fonético, mórfico e sintáctico; léxico.

É assim que o 'Dicionário da Língua Portuguesa', da Porto Editora, na sua 5ª edição "muito corrigida e aumentada", define a sua própria função no final da página 473, sem esquecer a referência à origem latina do termo. Bastante mais para a frente, a páginas 1319, mais ou menos a meio, encontra-se o termo 'sinónimo', um adjectivo, apresentado como sendo o "que tem a mesma (ou quase igual) significação", ou ainda como a "designação científica em relação a outra que se refere ao mesmo grupo taxionómico" (termo por sua vez explicado umas quantas páginas adiante e que nos dispensamos de esmiuçar, não vá pensar-se ser nossa intenção fazer concorrência desleal).

Definidos que estão os dois termos, parece por de mais evidente a importância dos dicionários, sejam eles de que tipo forem, desde que devidamente elaborados para o cumprimento da função que lhes cabe. Neste capítulo, a Porto Editora não é conhecida por enjeitar responsabilidades, e até faz gala das actualizações sucessivas das suas edições, o que de resto só lhe fica bem. Ou ficaria, se os olhos atentos à "colecção alfabetada dos vocábulos" que têm "a mesma (ou quase igual) significação", não cometessem o erro de confundir "alfabetada" com "alfinetada", para não lhe chamarmos coisa pior.

Sucede que na edição de 1977 do dicionário de sinónimos da referida editora o termo **indesejável** é apresentado como sendo igual a "**anarquista, bolchevique, bolchevista; cadastrado; comunista; inconveniente; libertário; perigoso**". Herança dos tempos da 'outra senhora', dir-se-á, quando o fascismo inventava a realidade à medida dos seus interesses, à espera da indispensável correcção na primeira oportunidade. Puro engano. Uma edição de 1992 (!) repete a dose. Sendo cada nova edição revista, a repetição não sucede obviamente por acaso ou desatenção.

E a edição de 1995? Bem, 21 anos depois do 25 de Abril, lá caíram "**bolchevista, bolchevique e comunista**", mas duas décadas não bastaram para retirar o "**anarquista**" e o "**libertário**" que lá continuam como sinónimos de "indesejável". Uma vergonha.

Se se pensar que as pessoas não andam a toda a hora a comprar novas edições de dicionários, necessário se torna concluir que há milhares de exemplares de dicionários destes em circulação, sem que a Porto Editora se tenha dignado vir pública e humildemente apresentar desculpas por tão lamentável e persistente deturpação.

Para casos destes, felizmente, o próprio dicionário de sinónimos nos fornece os termos que melhor os designam. Na mesma página de "**indesejável**" encontramos "**indecoroso**", ou seja, entre outras coisas, **afrontoso, aviltante, desairoso, desbragado, desonesto, escandaloso, feio, ignominoso, impróprio, indigno**.

A Porto Editora devia meditar nisto.

■ AF

As receitas esgotadas do Ministério da Educação

Na passada segunda-feira, a Comissão Nacional do PCP para as Questões da Educação e do Ensino promoveu uma conferência de imprensa, em que participaram **Maria Manuela Silva, professora, membro do CC e candidata da CDU por Aveiro, Manuela Esteves, professora, membro do CC, António Filipe, jurista, deputado à AR e membro do CC, e Rita Magrinho, professora, membro da DORL e dirigente sindical do SPGL**.

No final de um ano lectivo caracterizado pelo agravamento dos problemas da educação e do ensino, pela postura autoritária e autista da ministra da Educação e pela preocupação generalizada em relação à forma como se iniciarão as actividades lectivas em 1995/96, o PCP considera oportuno emitir a sua opinião sobre alguns aspectos da actual situação da Educação.

1. Foi publicado em Diário da República o Decreto-Lei nº 173/95 que «define o regime de apoios financeiros à criação e manutenção de estabelecimentos da educação pré-escolar».

A publicação deste diploma constitui mais uma prova de que o Governo PSD se recusa a proporcionar a todas as crianças o acesso a uma rede pública de jardins de infância universal e gratuita, única forma de concretizar o princípio constitucional que consagra que «todos têm direito à educação e à igualdade de oportunidades de acesso e sucesso no sistema educativo».

Indiferente às críticas que o projecto do ME/PSD logo suscitou com origem nos mais diversos sectores da sociedade portuguesa e ignorando as Conclusões do 1º Congresso Nacional de Educação Pré-Escolar, o ME de Manuela Ferreira Leite procura, com este diploma, diminuir a rede pública e promover a privatização deste importante sector da educação.

O PCP reafirma a sua disposição de, através do seu Grupo Parlamentar, suscitar a ratificação deste Decreto-Lei, logo que se iniciem os trabalhos da sétima legislatura da Assembleia da República.

2. O PCP constata com preocupação que, a escassos meses do final do seu mandato e num período de férias escolares, a ministra da Educação do PSD, revela uma súbita e estranha produtividade legislativa.

Esta atitude que justifica as maiores apreensões e reservas, é tanto mais escandalosa na medida em que a ministra tem invocado o argumento da inoportunidade política para negociar com os docentes do ensino superior.

Um partido que há quinze anos detém a pasta da Educação pretende agora, de forma apressada, alterar o sistema de habilitações para a docência nos ensinos preparatório e secundário, a lei orgânica da Inspeção Geral da Educação e o ensino artístico.

Não se questiona a necessidade de alterar a legislação sobre habilitações para a docência. Particularmente, desde a realização da reforma curricular (1989) que tal diploma deveria ter sido preparado e publicado. O ME há anos que vinha a apresentar propostas que nunca concluiu. A matéria em causa é complexa e delicada e, como tal, deveria ser alvo de grande ponderação e precedida da mais ampla e cuidada auscultação.

Não é matéria sobre a qual os Sindicatos de Professores e as Universidades portuguesas possam pronunciar-se em escassos dias. O processo apressado que está em curso poderá, caso seja concluído, traduzir-se num mau diploma de consequências muito negativas. O PCP alerta desde já para a necessidade de os direitos dos actuais docentes dos ensinos básico e secundário e de os direitos dos estudantes do ensino superior serem devidamente acautelados. Não há garantia de que tal aconteça pelo que se justificam as reacções de inquietação que começam a verificar-se.

3. A ministra da Educação deu uma conferência de imprensa à semelhança do que fizera há um ano, «esquecida» já do fiasco em que se traduziram as suas promessas de normalidade durante este ano escolar. Como se ignorasse a condenação e isolamento da sua política e o repúdio generalizado que a sua actuação tem suscitado, a ministra Manuela Ferreira Leite declarou-se satisfeita.

Desta vez veio intimar que, a haver problemas na abertura do ano lectivo, tal resultará do desejo de «alguns de provocarem convulsões».

O país sabe que desde 1989 está previsto, no âmbito da reforma do sistema educativo, o aumento da carga horária das aulas do 12º ano.

Tomou o Governo desde logo as medidas necessárias à disponibilização de espaços e equipamento necessários para o aumento de 3 para 6 ou mais disciplinas? É sabido que não. As medidas, insuficientes, a que Manuela Ferreira Leite se referiu na conferência de imprensa, foram iniciadas nos últimos meses. Não surpreende assim que seja previsível que, em Setembro, se verifiquem dificuldades, atrasos no início do ano lectivo e novo agravamento das condições pedagógicas das escolas.

A responsabilidade de uma tal situação tem de ser atribuída ao Ministério da Educação que não cuidou atempadamente de criar as condições para a generalização da reforma, não investindo na educação em recursos humanos e em recursos educativos. O ME/PSD é, pois, o único responsável por mais um período difícil que se avizinha.

4. Na mesma conferência de imprensa, Manuela Ferreira Leite, como já vem sendo hábito, deu particular relevância à avaliação dos alunos e, em particular, à generalização dos exames e realização de provas globais no 8º ano unificado.

Convém lembrar que Manuela Ferreira Leite se limitou a reanunciar o que Couto dos Santos já defendera publicamente. O objectivo de diminuir o número de alunos que ingressam no ensino superior através do reforço das medidas de selectividade no ensino secundário, foi devidamente denunciado e ficou conhecido como «a filosofia da exclusão».

O raciocínio de Couto dos Santos era simples: não há falta de vagas no ensino superior público, há excesso de alunos por defeito de reprovações no ensino secundário. Hoje Manuela Ferreira Leite retoma esta filosofia e insiste na falsa ideia de que se bate por um ensino rigoroso e que tal é sinónimo de mais exames.

Como ficou demonstrado no acto lectivo que agora findou, não é substituindo um largo período de actividades lectivas por um semi-número de provas e exames que se aumenta a preparação dos alunos. Pelo contrário. E investindo na melhoria significativa das condições de ensino/aprendizagem e adequando os saberes às necessidades que se eleva a qualidade de ensino e se aumenta o sucesso educativo. Mas essa não é a prioridade de Manuela Ferreira Leite que mede a qualidade de educação pela quantidade das reprovações.

5. As percentagens médias das classificações atribuídas aos alunos nas provas de acesso ao ensino superior constituem um escândalo que se repete ano após ano.

Quando a classificação média nacional dos alunos da reforma, na disciplina de Matemática não passa dos 17% ou quando é de 27% a média dos que tiveram ainda os currículos tradicionais, o que está em causa não são os conhecimentos dos alunos, apenas mas sim o sistema educativo que temos e a orientação política que o tutela.

6. O PCP, que combateu como nenhum outro partido a política do ME do PSD, que denunciou o incumprimento da Constituição da República e da Lei de Bases do Sistema Educativo, que defendeu a escola pública e que alertou para a urgente valorização das funções e da situação profissional das educadoras e dos docentes desde o ensino básico ao ensino superior, que denunciou a eliminação do ensino e a proliferação do negocismo no ensino superior privado, alerta para o perigo que representa a possibilidade de o ME/PSD aproveitar o período de férias para, nestes últimos meses de governação, introduzir mais medidas legislativas negativas.

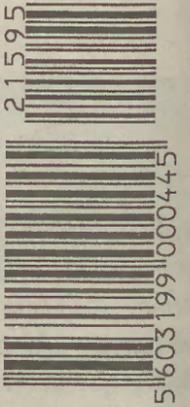
O PCP critica a persistente e arrogante falta de diálogo, o total autoritarismo e desrespeito pelo direito à negociação que tem caracterizado a postura de Manuela Ferreira Leite.

O PCP apela aos estudantes, professores, encarregados de educação, e, em geral, a todos quantos intervêm no sistema educativo para que se empenhem com redobrado vigor na luta contra a degradação do ensino e pela melhoria de qualidade da escola pública, a escola de todos os portugueses.

O PSD vê aproximar-se com preocupação o acto eleitoral de Outubro porque sabe que, também na área da educação, o espera um duro juízo pelo seu desempenho.

Se outras razões não houvesse (e há) a longa e desastrosa passagem do PSD pela 5 de Outubro constituiria por si só motivo suficiente para o afastar do poder e encetar uma política alternativa. Quinze anos de política de direita na educação: já foi de mais!

Os portugueses merecem, Portugal precisa de uma nova política para a Educação, uma política de esquerda.



VER AGENDA
Todos às jornadas de trabalho



Festa Avante!

AMORA-SEIXAL

1, 2 e 3 SETEMBRO

Avante!

Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO
3 de Agosto de 1995
Não pode ser vendido
separadamente



Neste número:

Entrevista com Vítor Rua:

«E AGORA, VOU IMPROVISAR UM BOCADO...»

**CORRIDA
DA FESTA**

Inscrições
terminam
dia 25 de Agosto

Compra já a tua EP



N.º
QUINTA DA ATALAIA
3 de Setembro de 1995
1, 2 e 3 de Setembro na Festa
Este Talão não dá entrada na Festa

**Festa
Avante!**

Vítor Rua explica Elliott Sharp

«E agora, vou improvisar um bocado...»

O duo Telectu regressa à Festa do «Avante!» e vai trazer-nos um norte-americano chamado Elliott Sharp que, com Jorge Lima Barreto e Vítor Rua, apresentará um espectáculo de improvisação total. Para quem possa andar distraído, diga-se que Elliott Sharp é uma das figuras mais importantes da música moderna, quer como compositor, quer como músico inovador e virtuoso. Um homem de simplicidade extrema, que chega a um palco e diz somente: «agora vou improvisar um bocado», para «arrancar» uma hora ou hora e meia de sons fabulosos. Vítor Rua explica-o em entrevista ao «Avante!», e, de caminho, conversa sobre o trabalho do Telectu e sobre outro momento que vai ocorrer na Festa: o espectáculo do Vidya Ensemble

Elliott Sharp é descrito como um indivíduo que abriu novas perspectivas à música improvisada. Surge em todos os grandes dicionários de música moderna, classificado entre as figuras-chave do nosso tempo. Quer dizer-nos, em algumas palavras, quem é este norte-americano que o Telectu vai levar à Festa?

Neste momento o Elliott Sharp é talvez das figuras cimeiras da improvisação e do «downtown» nova-iorquina, a par, talvez, do John Zorn.

Há uma espécie de três Elliott Sharps: o Elliott Sharp compositor que escreve especialmente para um medium: quartetos de cordas. Temos assim uma série de quartetos de cordas importantes, como o Kronos Quartet, que estão a interpretar em salas importantes de música clássica ou de música contemporânea de todo o mundo as composições de Elliott Sharp, onde ele explora de forma exótica esses instrumentos. Depois há o tal improvisador total, que chega a um palco e diz qualquer coisa como isto: «agora vou improvisar um bocado». Não diz mais nada e toca durante uma hora dos maneiras mais estranhas instrumentos que vão do clarinete-soprano até à guitarra, incluindo uma construída por ele, de dois braços. Ele toca guitarra utilizando a técnica do «tapping» mas que não tem nada a ver com o que se usa no heavy-metal, por exemplo do Van Halen, nem com aquele virtuoso da técnica que é o Stanley Jordan, do jazz, que parece tocar como se fossem dois guitarristas.

Super-harmónicos

Ao Sharp atraem muito os sons harmónicos dos instrumentos. No caso da guitarra-baixo ou da guitarra eléctrica para se tirar o harmónico a mão esquerda encosta muito levemente à corda, e depois faz-se vibrar a corda com a palheta ou o dedo da mão direita, produzindo aquele som etéreo característico dos harmónicos. Ele prefere tirar os harmónicos com a batida, com o tal «tapping», mas sem correr por nas cordas. Isto visualmente é espectacular porque se vêem gestos violentíssimos do músico, que parece estar a bater com toda a força na guitarra, mas o que sucede é que ele mal toca nas cordas.

Ele explicou-me e relacionou a sua técnica com as artes marciais...
E ele consegue produzir harmónicos na escala toda?
Toda. É impressionante. Quando ele esteve cá eu dei-lhe uma guitarra portuguesa, por acaso bastante antiga e que ele gostou imenso. Tivemos de sair para a Gulbenkian e apanhámos um táxi e mal nos sentámos ele tirou a guitarra do saco e começou «a bater» nela e a tirar os

harmónicos! Já tinha ouvido a guitarra portuguesa de milhões de maneiras, eu próprio já a utilizei com transformações electrónicas, mas naquele táxi ele tirou-me um som com harmónicos de todo o lado, que eu nunca tinha ouvido ou pensado ser possível tirar do instrumento.

É habitual alterar as afinações dos instrumentos para obter determinados harmónicos...

Pois, há certas zonas próprias para tirar os harmónicos. Mas ele tira de toda a escala. É incrível.

Falta referir a terceira faceta do Elliott Sharp.

É o Elliott Sharp que dirige e colabora com centenas de músicos. Isso não será propriamente novo neste tipo de música. Outros como o John Zorn ou o Fred Frith gravam também por ano imensos discos em seu próprio nome, em nome de grupos que lideram ou em colaboração com outros músicos de várias proveniências. Isso é normal entre eles, embora em Portugal isso não aconteça com frequência...

Improvisos

Como é que o Telectu chega a esta colaboração com o Elliott Sharp, ou, perguntando melhor, como é que o Telectu chega à música improvisada?
Desde 1990 que o Telectu se dedica sobretudo à improvisação: seja total, estrutural, semi-improvisação... Atrai-me mais a improvisação total, e creio que ao Jorge também. Aliás, ele tem uma experiência maior na improvisação. Eu vim do rock, e a improvisação aí limita-se aos momentos dos solos, com aquelas estruturas muito simples... embora na minha fase final no GNR a improvisação tomasse grandes proporções, como foi o caso do tema «Avarias», que tinha 27 minutos. Estávamos a caminhar para um lado experimental que cá era único... No nosso trabalho com músicos estrangeiros há situações diversas. Por exemplo, nas nossas colaborações com o Cutler e o Barrocal, eles têm-se integrado em sistemas que nós concebemos - não de partituras mas de concepção global do espectáculo - onde, por exemplo, podemos apresentar módulos: um primeiro em que o Jorge está no piano acústico e eu na guitarra eléctrica, um segundo módulo onde ele está no rádio e percussão e eu estou na guitarra electrónica e computador. Perante cada uma dessas situações eles tentam criar a sua forma de abordagem. No caso do Elliott Sharp, é totalmente diverso: ele é um improvisador da improvisação total. Quando tocámos com ele pela primeira vez no Centro de Arte Moderna, eu perguntei-lhe se ele estava interessado em saber o que é que nós



iríamos fazer e ele respondeu que não. Mas respondeu de uma forma muito natural e delicada, não foi do género «que horror! De maneira nenhuma».

Popstars

Nunca uma pessoa me transmitiu de uma maneira tão simples e ao mesmo tempo tão profunda o que é a improvisação. Quando o vi na Knighting Factory de Nova Iorque, ele entrou para o palco para começar a tocar e olhou para as luzes que estavam acesas. Calmamente, poisou as guitarras, saiu e foi apagar as luzes todas. Coisa que muitas «popstars» portuguesas não fariam, pois deviam precisar de pelo menos 18 roddies para fazer isso...

Desde a formação do duo Telectu formado pelo Vítor Rua e pelo Jorge Lima Barreto que a Festa do «Avante!» tem acompanhado a sua evolução. O duo edita gravações com uma regularidade verdadeiramente invulgar...

Ainda bem que fala disso, pois permite-me desfazer alguns equívocos que em público eventualmente fomos informados possamos existir. Desde 1983 abordámos em disco, creio que em 16 LPs, temas como a música minimal, a música repetitiva, a música electrónica, a música concreta, a música cosmática, o jazz, o rock, a improvisação, ou seja, muitos tipologias musicais. De concerto para concerto mudamos as nossas tipologias. Num local podemos dar um concerto de improvisação, estritamente musical e, noutro sítio, podemos estar a dar um concerto onde abordamos a música minimal e repetitiva, ou o rock, com uma componente multimedia (que é uma característica de

sempre do Telectu, onde podem aparecer o bailado, a performance, a poesia, etc.). Noutra fase começámos a trabalhar com músicos convidados. Aconteceu assim com o Chris Cutler e há pouco gravámos um CD com ele e com o Jack Barrocal. Com o Elliott Sharp com fizemos o «Evil Metals». Colaborámos ainda com músicos como o Carlos Zingaro, o Sarbib, o Nuno Rebelo, etc. Assim, aquela concepção de grupo «fixo e imutável» tem mais a ver com os Rolling Stones do que conosco...

Mas o Telectu é visto pela maior parte das pessoas como um duo de música minimal repetitiva.

O Jorge, numa dada altura, entrevistou o Steve Reich, que lhe disse, acerca do «rótulo» de músico minimalista, que se fizesse um tango e o tocasse numa sala de concerto, no final as pessoas iriam dizer: «Ah! Música minimal-repetitiva»... No nosso caso acontece um pouco a mesma coisa. A música minimal-repetitiva faz e fez parte do nosso trabalho mas o facto é que, por exemplo, o disco «Evil Metals» é de rock: tem baterias, tem baixos, tem distorções... Em 87 fizemos o «Camerata Electrónica» que era a simulação de um certo jazz mimético... Por exemplo, o último concerto que demos na Festa do «Avante!» com o guitarrista de rock, o Filipe Mendes, terminou quase com aquelas cenas características dos espectáculos rock, com as pessoas em delírio a quererem saltar para o palco para agarrarem os pés do Mendes...

De Jimmy Hendrix a Steve Reich

Ele é um solista muito bom... Exatamente, é fantástico. Se no final daquele

certo alguém dissesse que aquilo era música minimal e repetitiva!... Aquilo foi mais próximo de Jimmy Hendrix do que do Steve Reich. E há pessoas que dizem isso no sentido positivo de apelar essa música de «sempre igual». Também o céu parece sempre igual...

Na música minimal exige um esforço de escodificação bastante grande.
Sim. Essa foi uma das coisas mais importantes que ela impôs: uma nova maneira de se ouvir a música, o que talvez ainda tenha sido mais importante do que fazer esse tipo de música...

Quão é que surge o Vidya Ensemble na obra de Vítor Rua?

O Vidya Ensemble surgiu de uma necessidade. Em 1987 comecei a escrever música com uma certa regularidade. Até certa altura a minha maneira que tinha de ver concretizada essa escrita era ouvi-la através do computador. Não tarde surgem estes músicos, através do contacto com o Fernando Guimarães, o guitarrista e depois, do flautista António Marques, da Beliz Serrão que é a percussionista e violone, o Pedro Roxo contrabaixo, a Rute para violoncelo, o Lúcio Studer viola, o Carlos para violino e o Manuel Guimarães que é o piano. O que está a acontecer é que o Vidya Ensemble está a interpretar obras que eu escrevi em 1977, 88, entretanto revistas ou adaptadas para a instrumentação existente.

Estética e formalmente como é que se caracterizam essas obras?

Há uma ligação de vários mundos musicais. Provém com grande intensidade a música minimal repetitiva. Há outra fase que responde a um estudo a que me dedico e me apasiona, que é o do trabalho com a música serial. Não é uma música nova, há quem diga mesmo que está fora de moda, mas eu lido com essa música da mesma forma que, eventualmente, poderia estar a estudar os cantos gregorianos ou os modos gregos.

Não se trata de utilizar essas músicas no sentido pós-moderno - dizer que «agora utilizo técnicas do canto gregoriano, mas também vou utilizar rock e serialismo». Não tem esse sentido predeterminado.

Utilizo séries sem ser da forma convencional, ou seja, sem serializar todos os parâmetros, dinâmicas, etc. Gosto de pegar em séries - às vezes sem ser de doze notas, podem ser células de apenas seis, quatro, três notas - e depois jogo com elas utilizando as técnicas normais do serialismo, com inversões, mudanças de ordem, etc. Mas tudo de uma maneira tão simples que a música deixa de ter aquela característica serial, de quase tudo estar matematicamente predeterminado antes de se compor.

Essa simplicidade é um objectivo em si mesma?

Isso tem a ver com o que talvez seja mais importante no tal «passo seguinte» que estou a tentar fazer e que expresso já numa obra recente, chamada «Tacet», que existe para orquestra e para o Vidya Ensemble - aliás vai sair em CD, só com essa composição, que tem 76 minutos.

A dada altura reparei que jogando com coisas simples criava complexidades. Ou seja, a complexidade é muitas vezes o resultado do agrupamento de coisas simples.

Texto: Pedro Tadeu
Fotos: Sérgio Morais

Isto pode parecer muito óbvio, mas a verdade é que nunca tinha reparado nisso quando trabalhava com o computador - por muito rápida ou difícil que fosse a composição, o computador tocava-a sempre bem. Ao passar a lidar com pessoas a coisa muda de figura e, de repente, temos de estar a escrever para a técnica de determinado músico. Por outro lado, dada a política «desportiva-cultural» que nos rege, agrupamentos como o Vidya Ensemble existem com músicos que têm muito pouco tempo para ensaiar. Numa primeira fase pensava em obras que pudessem ser tocadas depois de poucos ensaios. Com o tempo comecei a proporcionar-se um outro tipo de situação que me parece fascinante: fazer obras que os músicos pudessem tocar à primeira vista.

Sem ensaios

Já nem sequer há ensaios! Por exemplo, uma das obras que agora gravámos para um CD foi feita assim: de manhã telefonei ao flautista a dizer que tinha uma peça nova para quatro flautas. À tarde fomos para o estúdio e o próprio músico só a quis ver no momento da gravação, correspondendo ao meu interesse em ver como é que as coisas acontecem quando se reage em «tempo real» à escrita.

O que é que acontece? Crio coisas que são fáceis de ser lidas à primeira vista - no caso daquela peça, uma flauta toca, por exemplo, quatro notas, outra, outras quatro e assim sucessivamente - mas que, quando começam a formar-se, a juntar-se, criam situações ou estruturas aparentemente complexas. Tem um pouco a ver com o minimalismo - onde três notas se podiam repetir durante 20 minutos com o mínimo de alterações - mas aqui há uma intenção de que essa simplicidade provoque resultados (vou usar uma palavra da moda) «virtualmente» complexos.

O Vidya Ensemble interpreta outras músicas para além das suas composições.

Exacto. Embora o Vidya Ensemble tenha nascido com a intenção de concretizar as obras que eu estava a compor, tal não significa que se fique por aí: há músicas dos próprios músicos do Vidya Ensemble que vamos começar a interpretar, apresentámos uma proposta ao António Pinho Vargas para escrever para este ensemble e na Festa do «Avante!» vamos apresentar uma composição do Elliott Sharp intitulada «Digital», escrita para quarteto de cordas. Pretendemos executar obras de novos compositores portugueses, embora, de facto, o nosso repertório esteja nesta altura centralizado naquilo que eu escrevo, fundamentalmente por duas razões: estamos a trabalhar em dois CDs feitos exclusivamente com obras minhas e o concerto que demos há semanas no Johnny Guitar e o que vamos dar na Festa do «Avante!» são centralizados em obras minhas, com excepção da peça do Elliott Sharp e a fase final, em que se dá azo à improvisação.

Que tipo de improvisação?

Digamos, para utilizar outra vez expressões que estão na moda, que se trata de «improvisação estruturada» ou «semi-improvisação». Tem mais a ver com a simbologia que utilizamos, que faz quase uma espécie de «semiótica da improvisação».

Criámos diversos símbolos para a improvisação. Cada símbolo tem um significado sonoro.

Quer dar-nos algum exemplo dessa simbologia?

São coisas muito simples. Por exemplo, temos quadrados onde lá dentro se escreve qualquer coisa como isto: «chiu!». Significa que se deve tocar baixinho ou criar silêncio. São coisas muito imediatas. Outro símbolo, para dar outro exemplo, tem uma guitarra acústica e uma foice sobreposta. Significa «instrumentos preparados», ou seja, o instrumentista produz alterações no instrumento de modo a conseguir novas sonoridades. Trata-se de uma subversão do próprio instrumento. O que eu pretendo é que as pessoas ao olharem para um destes símbolos, reajam com uma determinada acção sonora, o mais imediata possível, sem quase ter de reflectir.

Está a falar-nos da parte de improvisação do Vidya Ensemble que, no conjunto das obras que toca,



representam uma pequena fracção do total do repertório. A escrita das outras composições, a grande maioria, é convencional?

Um ensemble com as mesmas características instrumentais do Vidya Ensemble ia poder executar, só com a leitura das pautas que lhes fornecêssem, todas as obras que vamos apresentar na Festa do «Avante!». No entanto, sempre que passo, recorro a novas simbologias e novas notações utilizadas neste século.

Vários compositores contemporâneos utilizam linguagens muito diferentes...

Sim. Especialmente depois da II Guerra tivemos por um lado uma maior diversidade de tipologias musicais - através da electrónica, etc. - e por outro lado novas formas de escrita, especialmente nos anos 50, 60 e 70, em que cada compositor quase criava novos símbolos em cada nova obra. Aconteciam coisas como esta: a partitura ter três folhas e

acrescentarem-se 10 folhas de explicação dos símbolos da partitura.

Começaram a fazer-se convenções anuais ou de tanto em tanto tempo, para tentar ver os símbolos que existiam e eram próprios dos compositores mais importantes, e adoptaram-se alguns deles como norma da escrita musical. Há, por exemplo, os do Bartók que simbolizam a puxar das cordas dos violinos ou violoncelos contra o corpo do instrumento e que agora se utilizam em qualquer escrita para cordas. Há também uma série de símbolos como os utilizados por compositores como o Penderecki, o Stockhausen ou o Boulez, que passaram a ser admitidos universalmente. No meu caso, os símbolos a que recorro não são normalmente representativos de articulação, de dinâmicas de abordagem dos instrumentos para obter timbres diferentes, mas antes símbolos de redução... eu lido muito com o minimalismo e repetições.

Há compositores, como Louis Andriessen, que arranjaram maneiras de simplificar a escrita, de poupar trabalho, em determinadas

representações. Se eu estiver a escrever para uma orquestra e estiver a trabalhar com repetições, não é suficiente utilizar os símbolos clássicos que repetem um ou dois compassos quando o que pretendemos escrever corresponderia a repetirmos, em dez ou vinte folhas, esses símbolos mais antigos...

Outro exemplo fácil de perceber é o dos silêncios. Hoje há alguns compositores que utilizam muito o silêncio. Eu gosto de o utilizar. Isso significa que, por exemplo, na tal peça que escrevi para orquestra, intitulada «Tacet» - uma palavra latina que significa qualquer coisa como «estar calado» ou «silêncio» - resultaram 28 folhas com quase um metro de comprimento onde se encontram mais espaços de silêncio do que «bolinhas» que representem notas. Isto significa que se eu fosse por os símbolos normais de «pausa» teria um trabalho e daria uma leitura, no mínimo, fastidiosos... não é preguiça, é absolutamente necessária.

Abertas as inscrições até 25 de Agosto

Corrida da Festa parte às 9.30 de domingo

A

briram na semana passada as inscrições para a Corrida da Festa do «Avante!», que tem lugar na manhã de domingo, 3 de Setembro.

Destinada a todos os participantes individuais e equipas, a corrida cativa anualmente centenas de atletas, quer pelos agradáveis momentos de convívio que proporciona, quer pelo facto de representar uma oportunidade de retomar a preparação para competições como a Maratona de Lisboa.

E, certamente, também pelos prémios em disputa. Este ano, todos os atletas que terminarem a prova receberão uma entrada gratuita na Festa. Os primeiros mil classificados ganham camisolas. Serão atribuídos taças ou troféus aos 4 primeiros de cada escalão (de juniores a veteranos). Os vencedores absolutos (femininos e masculinos) conquistarão uma viagem de três dias à Madeira, com alojamento e pequeno-almoço. As 15 primeiras equipas recebem taças ou outros troféus.

As inscrições, individuais e colectivas, são gratuitas, e devem ser feitas até 25 de



Agosto, na direcção da Corrida da Festa (Av. António Serpa, 26-2º esq. 1000 LISBOA, telefone 7930973, telefax 7969897), das 9.30 às 13 horas e das 14 às 18.30. A entrega dos dorsais é feita no dia da corrida, a partir das 8 horas, junto do campo do Amora. A organização previne que não serão aceites inscrições no dia da prova. A partida será dada às 9.30

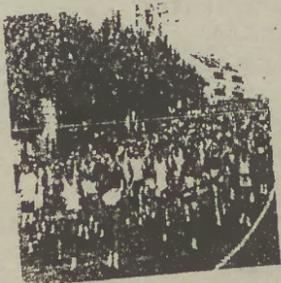
horas, junto às bombas de gasolina da Cipol (Medideira), seguindo os atletas pela Quinta da Medideira, Fábrica da Resina, Rua 1º de Maio, Cruzeiro, Rua 25 de Abril, EN 10, Fogueteiro, EN 328, Rotunda (Torre da Marinha), EN 10-2, Farinheiras, Av. Gen. Humberto Delgado, Paio Pires, Cruzamento do Seixal, Av. dos Metalúrgicos, Av. Vasco da

Gama, Largo dos Restauradores, Av. Nuno Álvares Pereira, Praça 1º de Maio, Av. da República (Arrentela), Rua do MFA, Av. Silva Gomes, Rua dos Lobatos, Largo Manuel da Costa, Rua da Fonte de Prata e Quinta da Medideira, com chegada ao campo do Amora. Estão garantidos abastecimentos aos 5 e 10 quilómetros e no final.

A Festa, o desporto e a corrida

Depoimento do Prof. António Vilela,
director da Corrida da Festa do «Avante!» de 1995

Corrida
da
Festa



CORRIDA da FESTA
3 de Setembro - 1995 - 9.30h

Concentração: Junto ao Campo do Amora
Partida: das Bombas de Gasolina
Chegada: Campo do Amora

A Corrida da Festa do «Avante!» privilegia a participação e o convívio. A importância que o desporto tem merecido no programa geral da Festa do «Avante!» não pode deixar de ser

relevada quando nos aproximamos de mais uma realização desta manifestação de cultura e de convívio popular.

Ao lado dos grandes concertos musicais, das exposições de arte, dos debates temáticos e dos grandes encontros políticos, o desporto sempre tem disposto de um espaço próprio e encontrado forma de relevar a sua importância como factor de valorização humana.

Destacaremos os torneios desportivos de várias modalidades colectivas e individuais, os saraus, as actividades gímnicas, as demonstrações de jogos tradicionais e populares e, por fim, a prática do atletismo

através da realização de uma das formas que maior adesão tem tido em Portugal, nos 21 anos que decorreram após o 25 de Abril, e que são as corridas de estrada.

Desde a 1ª edição da Festa do «Avante!», a corrida tem constituído parte integrante da Festa, ajustando-se aos vários locais de realização.

Na sua edição do ano anterior, foi por nós caracterizada pela sua conquista de um espaço próprio no vasto movimento da corrida em Portugal. Situando-se imediatamente a seguir às férias, tem constituído o momento de reencontro de muitos daqueles que fazem da corrida uma oportunidade de prática regular de desporto.

A perspectiva de reencontro e de recomeço de uma época de prática desportiva tem sido sentida pelo número crescente, e compreendida pela organização da corrida, que tem procurado proporcionar aos participantes momentos altos de convívio através de práticas desportivas.

Privilegiar a participação desportiva, valorizando a importância da prática correcta do desporto e do convívio que a mesma proporciona, é, assim o pensamos, um único aliciante para uma nova época que se começa. E é também harmonizar esta prova desportiva com os objectivos culturais e de convívio popular da Festa do «Avante!».